

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**Não basta estar no ar, tem que ser Comunitária:
Dinâmicas de (Des)engajamento em uma organização militante**

RICARDO GONÇALVES SEVERO

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial
para obtenção do grau de Doutor em Ciências
Sociais, Área de concentração em Organizações e
Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Rafael Machado Madeira

Porto Alegre
2014

RICARDO GONÇALVES SEVERO

**Não basta estar no ar, tem que ser Comunitária:
Dinâmicas de (Des)engajamento em uma organização militante**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Ciências Sociais, Área de concentração em Organizações e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Rafael Machado Madeira

Aprovada em ____ de _____ de ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marcia Ribeiro Dias – IUPERJ

Profa. Dra. Beatriz Ana Loner – UFSM

Profa. Dra. Teresa Cristina Schneider Marques – PUCRS

Prof. Dr. Rafael Machado Madeira - PUCRS

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro para a realização da pesquisa. Aos professores e funcionários do PPGCS da PUC-RS, em especial à Rosane Andrade. Às professoras Lorena Gill e Beatriz Loner pelas sugestões para o projeto de ingresso no doutorado. À professora Márcia Dias pelas sugestões para a forma de apresentação da parte analítica. À direção da Universidade Federal do Pampa – campus Santana do Livramento, pelo apoio e suporte necessário para finalização do trabalho. Ao professor Rafael Machado Madeira por ter aceitado ser meu orientador e ter me auxiliado na realização e finalização do trabalho, sem o qual não seria possível sua finalização. Aos integrantes da RádioCom que tanto me auxiliaram e foram parte essencial no trabalho. Aos amigos e amigas pela ajuda em diversos momentos, incluindo na pergunta insuportável “*Como anda a tese?*” - o que me motivava a terminar logo o trabalho. Especialmente à minha esposa Renata, transcritora, crítica e revisora, pela ajuda e compreensão em todos os momentos.

Não basta estar no ar, tem que ser Comunitária: Dinâmicas de (Des)engajamento em uma organização militante

RESUMO

Este trabalho busca entender o processo de construção e continuidade do ativismo em movimentos sociais no contexto brasileiro contemporâneo, compreendendo como tal um conjunto de organizações e indivíduos que têm acordo sobre uma pauta ou de quem é o seu adversário. O estudo considera a conjuntura sociocultural e política que permitiu o surgimento destes movimentos e as maneiras de ingresso dos indivíduos engajados nessas organizações, observando quais dinâmicas sociais são mais significativas para determinar suas posições dentro das organizações ativistas. O espaço de investigação para acompanhar essas dinâmicas foi uma rádio comunitária – RádioCom, localizada na cidade de Pelotas/RS. A metodologia empregada para realização da pesquisa foi a observação participante e entrevistas em profundidade, sendo feito o acompanhamento do cotidiano dos produtores de programas da rádio no decorrer do ano de 2011 e seleção de indivíduos que estavam engajados na rádio. Levando em consideração o referencial teórico da teoria dos processos políticos e da consolidação de redes sociais e de *habitus* atinentes ao espaço militante, concluiu-se que existem características no tipo de militância que são resultado da conjuntura observada, em que o sindicalismo e a filiação partidária das lideranças foi um elemento significativo para a formação de um grupo de novos militantes. A participação nos espaços é apoiada pela formação de laços sociais baseados na afetividade e reconhecimento das experiências advindas de outras esferas sociais. Também que a possibilidade de que a atividade militante não venha a competir ou impedir de alguma maneira a manutenção financeira é fundamental para a continuidade da participação política. Sobre a saída da organização, ocorre pela percepção de um limite estrutural do espaço em termos satisfação e retorno, e, havendo introjetado o *habitus* e constituindo-se uma visão de mundo militante, muitos dos sujeitos procurarão aplicar a expertise adquirida na militância em outros espaços sociais.

Palavras-chave: militância; rádio comunitária; redes sociais; teoria dos processos políticos.

It's not enough being live, it has to be communitarian: Dynamics of (dis)engagement in a militant organization

Abstract

This work aims to understand the process of construction and continuity of activism in social movements within the contemporary Brazilian context, understood as a set of organizations and individuals of whom have agreements on a specific agenda or of who is its adversary. The study considers the political and sociocultural conjuncture that allowed the rise of such movements and the means of admission of engaged individuals organizations, observing which social dynamics are the most significant to determine their position inside activist organization. The research area to follow these dynamics was a communitarian radio – RadioCom, located in the city of Pelotas/RS. The methodology employed to the achievement of this research were participant observation and in-depth interviews, undertaking accompaniment of everyday life of the radio's producers through the year of 2011 and a selection of individuals who were then engaged in it. Taking in consideration the theoretical referential of the theory of political processes, the consolidation of social networks, and the Habitus regarding militant spaces, the work concludes that there are characteristics in the militancy type that are a result of the observed conjuncture, in which syndicalism and partisan affiliation of leadership were a significant element for the formation of a group of new militants. Participation in spaces is supported through the formation of social ties based on affectivity e acknowledgement of the experiences arisen from other social spheres. Also that the possibility that militant activity doesn't come to compete or impede somehow the financial maintenance is fundamental for the continuity of political participation. On the organization's egress, it occurs through perception of a limited structural space in terms of satisfaction and recurrence and, by having introjected the Habitus and by constituting a militant worldview, many of the individuals will seek to apply the expertise gained in the militancy on other social spaces.

Keywords: militancy; communitarian radio; social networks; theory of political processes.

LISTA DE SIGLAS

ABRAÇO – Associação Brasileira de Rádios Comunitárias

ANATEL – Agência Nacional Telecomunicações

BS – Brasil Socialista

CAE – Campos de Ação Estratégica

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

CC – Cargo de Confiança

CEA – Centro de Estudos Ambientais

CUT – Central Única dos Trabalhadores

DA – Diretório Acadêmico

DCE – Diretório Central de Estudantes

DEM – Democratas

DS – Democracia Socialista

ECAD – Escritório Central de Arrecadação e Distribuição

EUA – Estados Unidos da América

FHC – Fernando Henrique Cardoso

FMI – Fundo Monetário Internacional

FSM – Fórum Social Mundial

GLBT – Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transsexuais

IMA – Instituto Mário Alves

MNLM – Movimento Nacional de Luta pela Moradia

MPB – Música Popular Brasileira

MS – Movimentos Sociais

MST – Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTD – Movimento dos Trabalhadores Desempregados

ONG – Organização Não Governamental

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PF – Polícia Federal

PFL – Partido da Frente Liberal

PIB – Produto Interno Bruto
PL – Partido Liberal
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PP – Partido Progressista
PPB – Partido Progressista Brasileiro
PPS – Partido Popular Socialista
PSB – Partido Socialista Brasileiro
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PSoL – Partido Socialismo e Liberdade
PT – Partido dos Trabalhadores
RBS – Rede Brasil Sul
RS – Rio Grande do Sul
RU – Rádio Universidade
RU – Rádio Universidade
SAF – Strategic Action Field
SEURB – Secretaria de Urbanismo
SQA – Secretaria de Qualidade Ambiental
TPP – Teoria dos Processos Políticos
UCPel – Universidade Católica de Pelotas
UFPel – Universidade Federal de Pelotas
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. ANÁLISE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: PROPOSTA DE ANÁLISE EXTERNA E INTERNA ÀS ORGANIZAÇÕES	16
1.1 DAS ORGANIZAÇÕES PARA FORA: A TEORIA DOS PROCESSOS POLÍTICOS (TPP)	19
1.1.1 Origem e desenvolvimento da teoria dos processos políticos (TPP)	20
1.1.2 Quatro elementos interpretativos: oportunidade estrutural, estruturas de mobilização, frames e repertórios para disputa	25
1.1.2.1 Oportunidade estrutural	27
1.1.2.2 Estruturas de mobilização	29
1.1.2.3 Frames	30
1.1.2.4 Repertórios de disputa	31
1.2 DAS ORGANIZAÇÕES PARA DENTRO: REDES, CAMPUS, HABITUS E DINÂMICAS CONTINUADAS	33
1.2.1 Redes informais: funções de acordo com o momento de inserção	36
1.2.1.1 Funções das redes: socialização, recrutamento e molde	38
1.2.1.2 Riscos, custos e identificação	40
1.2.3 Campus social e o habitus	46
1.2.3.1 Estilização da vida e aquisição de capitais simbólicos	49
2. CAMINHOS DA PESQUISA: DO SINDICATO À RÁDIOCOM	51
3. CENÁRIO POLÍTICO: EM QUE SITUAÇÃO SURGE A RÁDIO?	64
3.1 QUAL RÁDIO E QUE COMUNIDADE?	76
3.2 DEFINIÇÃO DO POVO: QUEM PRODUZ E PARA QUEM SE DIRIGE A COMUNICAÇÃO?	83
3.3 EM BUSCA DO TRAJETO: AUTORES, BAIRROS, CULTURA E A ESQUERDA COMO CONSTITUINTES DA VISÃO DE MUNDO	86
4. QUEM FAZ A PROGRAMAÇÃO DA RÁDIOCOM	91
4.1 AGENTES SOCIAIS: INDIVÍDUOS E ORGANIZAÇÕES ENGAJADOS NA RÁDIOCOM	97
4.1.2 Sindicalistas	97
4.1.3 Estudantes	100
4.1.4 Aderentes sem experiência ativista anteriores	103
4.1.5 Operadores de som	104
4.1.6 Organizações	106
4.1.7 Coletivos	107
5. DINÂMICAS DE ENGAJAMENTO	109
5.1 ADESÃO	113
5.1.1 Oportunidade estrutural: <i>“gostava de rádio desde guri”</i>	113
5.1.2 Redes e laços sociais: <i>“ele viu que eu militava no Diretório Acadêmico e me chamou”</i>	123
5.1.3 Recepção: <i>“Cheguei no estúdio para conhecer, sentei e já saí falando no microfone”</i>	131
5.1.4 Riscos: <i>“Antes era mais ideológica”</i>	135
5.1.5 Ausência de constrangimentos biográficos: <i>“gurizada”</i> e sindicalistas	137
5.2 ENGAJAMENTO	140
5.2.1 Pertencimento: <i>“Estava em casa, tocou o telefone, e atendi: ‘RádioCom!’”</i>	140
5.2.2 Conversão de capitais: nativismo para militantes e a lábia do	143

comerciante	
5.2.3 Reconhecimento: <i>“Fica! Tu me representa!”</i>	148
5.2.4 Retribuição: de voluntários para assalariados	152
5.2.5 Compromisso: <i>“a rádio é como um irmão ou um filho!”</i>	154
5.2.6 Lideranças exemplares: o militante ideal	157
5.3 DESENGAJAMENTO	160
5.3.1 Rotina: <i>“...a relação está muito fria...”</i>	161
5.3.2 Mais-valia militante: <i>“...é como se fosse uma empresa.”</i>	164
5.3.3 Lideranças não tão exemplares: do ideal ao real	170
5.3.4 Limites estruturais: observando o habitus	174
5.3.5 Constrangimentos biográficos: <i>“ela não gostou muito que eu voltei para a</i>	180
<i>rádio.”</i>	
CONCLUSÃO	184
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	192

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca entender o processo de construção e continuidade do ativismo em movimentos sociais no contexto brasileiro contemporâneo, compreendendo como tal um conjunto de organizações e indivíduos que têm acordo sobre uma pauta ou de quem é o seu adversário. Para realizar este estudo, busco analisar a conjuntura sociocultural e política que permitiu o surgimento destes movimentos e, em especial, as maneiras de ingresso dos indivíduos engajados nessas organizações, observando quais dinâmicas sociais são mais significativas para determinar suas posições dentro das organizações ativistas. Utilizei como espaço de investigação para acompanhar essas dinâmicas uma rádio comunitária – RádioCom.

A RádioCom foi idealizada e construída no início dos anos 2000, com reuniões para discutir suas futuras características desde 1998, num contexto de mobilização contra o que se denomina como globalização neoliberal, e, localmente, agindo com partidos de esquerda, movimentos sociais e sindicatos. Ela serviu como agente mobilizador¹ significativo para um grupo de ativistas da cidade de Pelotas/RS, em especial para sindicalistas, estudantes, professores universitários e integrantes de diversos movimentos sociais.

Concentrava em si uma série de sujeitos que levantavam pautas que, por sua vez, levava as pessoas ao engajamento, seja contra o governo municipal, estadual ou federal, assim como contra o monopólio da comunicação e contra empresas que exploravam os trabalhadores, poluíam o ambiente ou descaracterizavam aspectos tidos como próprios da região. Era feito tanto como ponto de encontro desses indivíduos, quanto pela difusão desses temas pela sua programação, e estes são os tópicos principais de suas

¹ Utilizo uma forma de expor a mobilização que aparece comumente nas análises sobre movimentos sociais, que parte da organização para compreender o cenário sociopolítico. Compreensível quando se pretende expor as pautas e características gerais para um grande público, mas insuficiente para o estudo dos movimentos sociais e comportamento político, requerendo, para tal, entender as dinâmicas internas das organizações, o que passa, necessariamente, pela compreensão das características e motivações dos participantes desses processos. Esse entendimento passa necessariamente pelas formas de socialização política dos engajados.

militâncias.

Passados quase quinze anos deste período, atualmente, a rádio passa por um processo diferente. Muitos dos antigos participantes não estão mais engajados ou não o fazem de forma tão intensa. A capacidade de mobilização de outrora, ou ainda, a presença de agentes mobilizadores na profusão de antes não é mais verificada. Mesmo nesse cenário, a rádio conta com pessoas que são responsáveis pela continuidade de suas transmissões e também pela tentativa de manutenção das mobilizações políticas e culturais, mantendo a estação integrada em uma rede informal de indivíduos e organizações que se identificam enquanto militantes, modificando-se algumas características identitárias e processuais no decorrer do último período no que diz respeito a estratégias de ação e bloco de aliados, em especial após a eleição de Lula em 2002.

Considerando esses elementos, a motivação desta tese é compreender o papel dos indivíduos nas dinâmicas de uma organização e, neste caso, de uma rádio que é auto-identificada como “de esquerda e dos movimentos sociais”. Mais do que apresentar uma tipologia dos Movimentos Sociais (MS) de acordo com os objetivos organizacionais, busca-se compreender o cotidiano desses movimentos, para além dos ciclos de protestos que estes possam vir a insuflar, e que vê nesses processos o chamariz para muitos novos ativistas, em especial entre os mais jovens.

Mesmo nestes casos, acredita-se, os agentes sociais devem ser o foco da análise, dado que são estes que mobilizam rede(s) de apoiadores. Assim, para ter um quadro completo de como surgem, mantêm-se e encerram-se os movimentos sociais é preciso compreender os elementos macrossociais, entendidos como a conjuntura social, política e econômica em um dado período histórico; mesossociais, considerando as organizações envolvidas no suporte à determinada pauta ou visão de mundo – compreendida como ideologia; e microssociais, ou os agentes envolvidos na sustentação dessa pauta, considerando, especialmente, como se relacionam entre si e com o espaço de ação em que estão localizados. Seus desdobramentos são compreendidos pelas maneiras como escolhem de atuação, podendo ser institucionais, contestatórios ou uma combinação de ambos, sendo elemento de disputa entre os participantes do Movimento Social (MS), especialmente levando-se em conta a passagem do tempo e os desdobramentos conjunturais.

Considerando a premissa anterior, o foco analítico do trabalho é a observação de quais dinâmicas interacionais face a face são mais relevantes para determinar o processo de engajamento dos indivíduos em uma organização. Para tal, são considerados, necessariamente, a conjuntura em que estes sujeitos estão envolvidos, a rede informal que participam e os sentimentos que são mais pertinentes para determinar os processos de aproximação, continuidade e afastamento. De forma a compreender a adesão aos MS não como algo meramente reativo, o que é também importante para a constituição de um ciclo de protestos, mas também como dinâmica processual na qual o agente envolve-se e é envolvido por uma realidade que pode ser expressa fenomenicamente por organizações ou indivíduos e que facilitam sua adesão a determinada causa.

Tais questionamentos buscam ser esclarecidos através da observação cotidiana de uma rádio comunitária na cidade de Pelotas/RS, cidade de médio porte na região Sul do Brasil. Considera-se, no entanto, que a pesquisa não ficou restrita à rádio, pois esta foi apenas o espaço de entrada para acompanhar diversos ativistas. Centra-se neste local, pois os sujeitos pesquisados, em sua maioria, iniciaram sua atividade militante na rádio ou, ainda, têm neste local um espaço privilegiado de ativismo sem ficar restrito a ela.

Muitos destes participam de uma rede informal de organizações e indivíduos que compõem o que denomino como campo de esquerda, termo em constante disputa e que, portanto, levará a interpretações diferentes do papel a se cumprir, e que serviu como foco da análise, dado que a atuação não fica restrita à rádio. A RádioCom tem características distintas das demais em termos de demarcação ideológica, pois anuncia sua posição e a partir desta demarcação seleciona seus participantes e conteúdos.

Fundada por sindicalistas e ativistas de diversos movimentos sociais, tinha como objetivos políticos a busca de uma demarcação ideológica, apresentando-se como “de esquerda”, “dos trabalhadores” e “dos movimentos sociais”. A rádio fazia denúncias contra a direita, representada de acordo com eles pela mídia tradicional (comercial), grande empresariado e políticos ligados a partidos como PSDB, PP, entre outros. Além disso, não estava preocupada em dirigir-se apenas a uma localidade geográfica, apenas um bairro.

Tampouco, aceita que a rádio seja utilizada para candidaturas, mesmo as de esquerda². Este espaço será uma rica fonte para observação destes sujeitos que são categorizados como *militantes* ou *ativistas*, dada sua forte demarcação comunicacional e por este ser ponto de encontro para diversos movimentos sociais (MS). Estes serão os sujeitos apresentados neste trabalho.

Interessa, neste estudo, compreender por que estes sujeitos engajam-se, permanecem engajados e, eventualmente, alguns, deixam o ativismo, bem como as características deste caminho de uma perspectiva individual. Procura-se pesquisar este trajeto e verificar como ocorreu, considerando sempre os aspectos contextuais e históricos. No decorrer da pesquisa, percebeu-se que o trajeto social dessas pessoas foge àquela visão que se tem de militantes que se engajam em uma causa, por um chamado à política, um despertar ideológico e que os levaria a uma carreira política ligada a partidos, sindicatos e movimentos sociais, sendo a causa o chamariz inicial, sem descartar a importância deste fator. Os caminhos desses militantes são, como se verá, em razão da formação de redes de relacionamento informais e pela possibilidade de acionar disposições ligadas a outras áreas sociais que não as políticas, em muitos casos.

Nem todos os participantes da rádio foram entrevistados ou acompanhados na observação, apenas aqueles que alimentam, participam e produzem uma rede de militância que envolve pessoas presentes em diversos espaços de participação política, como sindicatos, cooperativas, organizações diversas e partidos políticos. Pesquisa-se aqueles indivíduos que têm na rádio sua principal atividade militante.

Assim, do universo de aproximadamente oitenta componentes da rádio – entre funcionários, apoiadores eventuais e produtores de programas que aparecem apenas uma vez por semana – por militantes entende-se aproximadamente vinte pessoas, sendo que dessas, apenas dez são as pessoas mais envolvidas com a rádio em termos de tempo e intensidade de participação. Algumas, eu conheci enquanto fazia a pesquisa, em 2011. Outras, já conhecia de outros espaços, como o Instituto Mário Alves, de atividades políticas ou do movimento estudantil desde 2001.

2 Diferentemente de outras rádios estudadas em que candidatas à vereança utilizam-se do espaço para impulsionar sua carreira, na rádio, quando algum participante lançou-se a um cargo público, é regra deixar de participar da rádio enquanto estão em campanha, não sendo veiculada propaganda direta ou por terceiros no espaço da rádio.

Há, obviamente, outros militantes que participam esporadicamente da rádio, apenas uma vez por semana, como exemplo um coletivo de estudantes universitários que fazem discussões sobre etnia. E, ainda, um grupo de anarquistas que se encontra muito pouco na rádio, razão pela qual não são abordados na pesquisa. Mesmo assim estão presentes, pois partilham de experiências ativistas em parceria com os demais militantes da RádioCom, como seminários, manifestações, atividades artístico-culturais entre outros que são convocados pela emissora ou por entidades “parceiras”; a exemplo: IMA, coletivos³, cooperativas ou sindicatos, realizando-se tais atividades por iniciativa de quaisquer destes agentes que formam a rede de militância.

Para atingir os objetivos propostos pela tese, que buscará enfatizar as dinâmicas interpessoais dentro da organização sem desconsiderar o cenário sociopolítico, o primeiro capítulo apresentará a Teoria dos Processos Políticos (TPP) como uma das fontes para compreensão do fenômeno estudado, considerando os aspectos que denomino para fora e para dentro da organização. Tal abordagem busca apreender elementos históricos, contextuais e biográficos sem ignorar que a realidade é construída dialeticamente.

No segundo capítulo, apresentarei a maneira que empreguei para acompanhar as pessoas da rádio no seu cotidiano, fazendo uma discussão sobre quais elementos metodológicos guiaram a pesquisa, considerando a observação participante e entrevistas como principais técnicas utilizadas para a realização do trabalho. Apresentarei quais foram as características do campo social que encontrei e quais desafios apresentaram-se para realização do trabalho, sendo relevantes a questão da familiaridade com o grupo e uma espécie de cobrança, autoimposta na maioria das vezes, para tomar parte das pautas apresentadas.

No terceiro capítulo, farei uma reconstrução histórica do contexto em que surge a RádioCom e como o projeto é desenvolvido localmente, incluindo a concepção política que buscavam construir e os agentes parceiros que constituíam o bloco histórico naquele

3 Este formato organizacional apareceu entre os ativistas da cidade, ao que parece, há pouco tempo. Data de 2011 a fundação do coletivo Rede, de integrantes da rádio, que já não existe mais. Há outros coletivos, geralmente de jovens universitários, e que têm diversas finalidades, como a produção cultural de bandas e artistas ou a defesa de direitos étnicos. É, aparentemente, uma maneira mais fluida – adotando termo de Bauman (2001) – já que não requer a formação de estatuto ou de fins expressos da organização.

momento, abordando ainda como se constituiu o projeto de uma rádio pelos seus produtores para a construção do “comunitário” da “esquerda”. Tais elementos se relacionam com as teorias de referência de alguns sujeitos do campo de pesquisa e estão à busca de uma definição na prática, sem determinar fortemente a construção e a direção da rádio. Vê-se que a tipificação de “esquerda”, por exemplo, não pode ser muito restrita de modo a poder abarcar maior número de agentes à rádio

No quarto capítulo, serão apresentadas as pessoas que participam da rádio e produzem a programação, assim como um “mapa” dos indivíduos e organizações envolvidos com a RádioCom. Farei uma breve biografia destas pessoas, apresentando idade, etnia, espaços de militância, atividades que desempenham ou desempenharam na rádio e ocupação. Farei uma diferenciação no que diz respeito à maneira de participação e ingresso na rádio, o que auxilia também para que se entenda as diferentes posições na estrutura na RádioCom em termos de agência⁴. Tais biografias foram feitas com base nas entrevistas que fiz ou pelo contato cotidiano durante a realização da pesquisa de campo. Também aparecerão aquelas organizações que dão suporte ou realizam atividades em parceria com a rádio, considerando seus objetivos e não me detendo necessariamente em seus integrantes, pois estes podem ser variáveis de acordo com o momento. Como tais personagens irão aparecer ao longo do trabalho, é importante que sejam apresentados logo no início.

O quinto capítulo consistirá na análise da observação das relações cotidianas e das entrevistas realizadas, abordando de maneira lógica o processo de adesão, engajamento e desengajamento, apresentando narrativas sobre situações diversas que apareceram como mais significativas para determinar tais processos e que servirão como fonte de reflexão e entendimento para compreender os processos de militância dentro de organizações políticas.

⁴ Com agência, como apresentarei em detalhe adiante, quero dizer a capacidade de determinar o que pode ou não ser feito num espaço social determinado.

1 ANÁLISE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: PROPOSTA DE ANÁLISE EXTERNA E INTERNA ÀS ORGANIZAÇÕES

O percurso teórico mais coerente para entender o comportamento social parte do entendimento de que as estruturas influenciam os indivíduos, considerando aspectos contextuais e organizacionais para determinar suas ações e também levando em conta que estes indivíduos irão influenciá-las de maneira variável. Esta variação é oriunda de diferentes posições ocupadas nos espaços sociais, definidos de acordo com posse de capitais simbólicos que são valorizados naqueles espaços, empregando uma análise orientada em Bourdieu para compreensão deste fenômeno particular, além de adotar Giddens (2009), no que diz respeito aos processos de estruturação na construção de espaços sociais por parte destes sujeitos à medida que vão inserindo-se e familiarizando-se com as normas daquele espaço e passam a (re)produzi-lo.

Nessa linha de entendimento, a proposta analítica do presente texto baseia-se na premissa de que o engajamento individual é mais bem compreendido considerando os aspectos estruturais, os quais dizem respeito ao cenário macrossocial, o que corresponde ao período histórico e à posição social do sujeito em dada sociedade. Há também os aspectos biográficos, levando em conta características da trajetória e possibilidades de agência individual, relacionadas às condições socioeconômicas e culturais e que configuram o comportamento social à medida que experencia relações interpessoais em esferas sociais específicas – como família, escola e trabalho – em dado período.

Levando tais elementos em consideração, este trabalho investiga as dinâmicas de interação social numa rádio comunitária, organização que faz parte de um MS que surge no início dos anos 2000⁵ e que, conseqüentemente, vem a influenciar tanto a trajetória

⁵ A história da rádio e o desenvolvimento dela, considerando a conjuntura e os grupos com que se originou, serão apresentados no próximo capítulo, de forma a apresentar o cenário sociopolítico nos quais os indivíduos analisados encontram-se.

desses indivíduos e como da organização. Compreende-se, portanto, que é no cotidiano que surgirão elementos significativos para entender as interpretações desses sujeitos acerca da realidade que participam e, assim, indicarão o comportamento futuro, intervindo nos MS e nas organizações políticas.

Para tanto, busca-se saber quais são as dinâmicas sociais pertinentes para compreender o que leva os sujeitos a ingressarem em um MS; o que os mantém e, em alguns casos, o que os afasta. Em suma, suas motivações e o que pode vir a ser considerado como relevante em suas trajetórias para definir quais caminhos sociais tomam. Assim, este estudo partilha uma dúvida frequente às Ciências Sociais: Por que as pessoas participam da política, seja por protestos ou movimentos sociais (STEKELENBURG e KLANDERMANS, 2010; STEKELENBURG, 2013; MALINICK, 2009)?

Tal questionamento deve levar em consideração a premissa de que os indivíduos não agem num vácuo social, mas resultam de formas específicas de socialização política que tendem a ser variáveis de acordo com o contexto e que tendem a ser mais intensas em determinados períodos da vida, em especial na juventude (PETROVIC, STEKELENBURG e KLANDERMANS, 2013). Em síntese, os indivíduos são o resultado do mundo material circundante que gera possibilidades de ação específicas. Isso não quer dizer que são determinados por uma realidade que se impõe, antecipando seus comportamentos, dado que esta interpretação é própria de um marxismo vulgar que não vê possibilidade de ação, ou ainda, de mudança, levando a uma interpretação estática do mundo social.

Ao contrário, adota-se a perspectiva dinâmica de formação de personalidade pela trajetória biográfica, considerando os espaços sociais dos quais os indivíduos participam e que se tornam mais relevantes para estes (AMINZADE, 2000; STEKELENBURG e KLANDERMANS, S/A; DELLA PORTA & DIANI, 2006; BERGER & LUCKMANN, 2002), o que não foge – segundo minha interpretação – de uma análise materialista, mas, também, são consideradas as mudanças identitárias em razão da utilização da análise diacrônica – período histórico – e sincrônica – o indivíduo colocado na história –, empregando método analítico de Bernard Lahire (2005).

Tampouco, compreende-se que a realidade objetiva, o mundo material, interpretado com aquelas relações de classe, gênero, etnia e outras demarcações significativas para os agentes levem necessariamente a um sentimento de coletividade. Se assim fosse, como bem notou Kovarick (2000), o Brasil, dadas suas características de desigualdade socioeconômica, seria um país com um dos maiores índices de mobilizações sociais.

Tal constatação compreende, portanto, que é preciso apreender os mecanismos de sensibilização que levam o indivíduo à ação coletiva, requerendo, para tanto, o enfoque em três níveis: **macro** – contexto sócio-histórico, **meso** – organizações formais e informais das quais pode vir a participar de forma continuada ou esporádica, e **micro** – interações cotidianas face a face que ocorrem de maneira continuada ou que são, por alguma razão, significativas para o ator social e que geram formas de interpretar a realidade circundante.

Proponho que estes três níveis sejam analisados em dois momentos interdependentes, relacionados à estrutura e à agência. O primeiro, relacionado à estrutura é **da organização para fora**, o que significa a maneira como o MS apresenta-se aos possíveis futuros aderentes, considerando o ambiente macro e as organizações já existentes neste contexto e que compreendem a adesão pelos aspectos de embate com uma realidade já constituída que lhes sensibiliza por razões diversas. Nesse momento, são considerados os elementos **macro** (conjuntura) e **meso** (organização). O segundo momento é o **da organização para dentro**, considerando as maneiras como os indivíduos, ao aderirem, constroem os MS, levando em conta, para entender a construção do engajamento, os processos interacionais face a face e, assim, consideram-se os elementos **meso** (organização) e **micro** (indivíduos). O próximo subcapítulo apresenta os elementos macro e meso, adotando como ferramenta analítica a teoria dos processos políticos.

1.1 Das organizações para fora: a teoria dos processos políticos (TPP)

Uma das abordagens adotadas para compreender a adesão dos indivíduos a um MS, no aspecto que denominei **da organização para fora** e que parte dos aspectos estruturais, é a *Teoria dos Processos Políticos* (TPP), ou Teoria TMT – Tarrow, McAdam e Tilly –, como apresenta Flacks (2005), não se restringindo, no entanto, a estes três autores e tampouco oferecendo um corpo teórico homogêneo de interpretação. De qualquer forma, tem sua origem nestes três autores que ofereceram as ferramentas analíticas iniciais para abordar o estudo dos movimentos sociais. Junto a estes autores, existe uma série de colaboradores que participam do *Contentious Politics Group*, além de colaborarem em publicações sobre movimentos sociais que trazem contribuições as quais não se restringem ao corpo da TPP.

A TPP é apresentada de maneira sistematizada pela primeira vez por McAdam (1982), que sintetiza as colaborações de seus colegas e apresenta a teoria com a nomenclatura que hoje é conhecida. Ela foi contestada, inicialmente, pela suposta falta de estudos empíricos (GOODWYN & JASPER, 1999), questão sanada após a publicação de *Dynamics of Contention* (MCADAM; TARROW & TILLY, 2001), obra produzida pelos três autores com colaboração de seu grupo de estudos sobre políticas de disputa, a qual traz uma série de casos empíricos que servem como fundo de debate para a teoria em questão.

A TPP oferece uma perspectiva analítica ancorada na observação de quatro elementos: **oportunidades estruturais, estruturas de mobilização, frames interpretativos⁶ para a ação e repertórios para disputa⁷** (MCADAM, TARROW & TILLY,

⁶ Preferi manter o termo no original, pois “quadro interpretativo” não seria adequado, tampouco “estrutura”, como bem notou Gohn (p.87, 2011).

⁷ Conforme o original: “Political opportunities, mobilizing structures and framing processes (p. 1). Tal esquema é uma simplificação do modelo de McAdam (1982) que considera que a insurgência de um MS ocorre quando há mudanças sociais e econômicas amplas (*social processes*) que possibilitem a expansão de oportunidades políticas (*expanding political opportunities*) as quais, por sua vez, possibilitarão uma reinterpretação ou liberação cognitiva (*cognitive liberation*) dada pelas mudanças no cenário social e que somente poderão ir adiante se houver o suporte de organizações que auxiliem na mobilização (*indigenous resources*), seja com recursos materiais ou simbólicos. O modelo de McAdam é

2001). Este modelo possibilita a observação daqueles elementos compreendidos como significativos para a dinâmica dos MS, considerando os aspectos gerais, médios e particulares.

Antes de desenvolver cada um dos elementos apontados acima, necessários à análise proposta, cabe apresentar o surgimento e desenvolvimento da TPP, considerando as críticas e vieses interpretativos que a compõem.

1.1.1 Origem e desenvolvimentos da teoria dos processos políticos (TPP)

A TPP surgiu nos Estados Unidos, entre os anos 70 e 80, como alternativa às teorias funcionalistas dominantes no cenário norte-americano, partindo de Talcott Parsons e Smelser, e marxistas estruturalistas, como Louis Althusser - utilizados em especial na Europa - sobre os movimentos sociais (MS), processos conflitivos e repertórios de luta (NEAL, 2007). Os funcionalistas-estruturalistas, com uma visão social implicitamente conservadora, compreendiam que os ciclos de protestos e também os MS eram resultado da irracionalidade de atores isolados da coletividade, sendo resultado indesejado de processos de mudança em sociedades que estão desorganizadas (GOHN, 2011).

Vê-se que entendiam como comportamentos desviantes dos sujeitos era resultado da não integração à ordem social vigente (MCADAM, TARROW, TILLY, 2009). Este corpo explicativo importava da psicologia social uma explicação comportamental de ordem patológica, diagnosticando a adesão aos MS à incapacidade de firmar laços sociais e, conseqüentemente, gerando frustrações de ordem egoísta e, portanto, “desvios” do indivíduo (STEKELENBURG e KLANDERMANS, S/A).

Essa interpretação propunha uma explicação psicologizante e individualizante ou, ainda, dava uma explicação patológica ao engajamento, avaliando que os aderentes sofriam de “desvio comportamental” (DELLA PORTA E DIANI, 2006), razão pela qual

sintetizado de forma precisa por Frischman (2010).

muitos estudiosos do tema abandonarão as explicações que traziam a psicologia como ferramenta analítica⁸ (FLACKS, 2005), incluindo aí, inicialmente, os autores da TPP. Também o marxismo, em sua versão ortodoxa ou estruturalista, não oferecia uma compreensão suficiente para os MS e protestos, em especial, após os embates na França em 1968 e a proliferação de movimentos com pautas pós-materialistas, muitos com enfoque cultural (GOHN, 2011).

Por um lado buscavam reduzir tudo à classe (DELLA PORTA e DIANI, 2006), ignorando, assim, os protestos de ordem pós-materialista. De outro, buscavam relacionar a constituição de uma identidade através da relação direta com a situação material, como exposto anteriormente, utilizando uma concepção isolada de Marx (1976) da passagem de *classe em si* em *classe para si*, como uma relação mecânica direta.

A TPP surge em tal contexto, agregando ainda, segundo seus autores, que o cenário intelectual da época contava com a contribuição de historiadores sociais que mudaram o foco analítico das elites para as classes populares, a crítica já citada à interpretação do comportamento coletivo como ferramenta explicativa e, concomitantemente, à consideração de que tais ações seriam irresponsáveis e, por último, à ênfase na racionalidade deste tipo de ação (MCADAM, TARROW & TILLY, P. 15, 2001).

Esta última, oriunda da *Teoria da Mobilização de Recursos*, no entanto, tendia a exagerar o papel da ação estratégica e econômica dos atores sociais e, portanto, a desprezar o papel das emoções e cultura como motivadores para a ação (MCADAM, TARROW & TILLY, P. 15, 2001), assim como, a negligenciar o papel da política e o contexto social, concentrando-se no papel de elites de poder (ASLANDIS, p. 7: 2012).

No entanto, dada a necessidade de distanciamento da corrente dominante de então, tal ênfase no ator estratégico era compreensível. Um dos autores que inspirou a teoria da mobilização de recursos, Mancur Olsen (2011), parte da compreensão de que a

⁸ O que influenciará negativamente, em meu entendimento, o estudo dos MS, dado que tal abandono faz-se sem considerar que o viés conservador não é imanente à psicologia, sendo antes um traço do funcionalismo.

ação coletiva é oriunda de um cálculo individual na busca por alcançar algum ganho⁹, e leva em consideração os custos em tal participação, pensando nos MS como grupos de interesse (GOHN, 2011). Os atores sociais seriam, portanto, sujeitos que agem de maneira estratégica, buscando a manutenção de poder dentro da estrutura social que ocupam (FLINGSTEIN & MCADAM, 2011), sendo os maiores expoentes dessa interpretação McCarthy e Mayer Zald¹⁰.

Tal visão de ator estratégico, no entanto, é criticada por diversos autores que consideram não ser uma premissa necessária, ou única, a interpretação do comportamento dos indivíduos em MS, incluindo aí os autores da TPP. Ao buscar diferenciar-se da corrente que compreendia os MS irracionais, dado que consideravam como legítima a atuação política institucional, buscaram como solução a negação do papel dos sentimentos e da cultura como influente na mobilização política. Tarrow indicava que esse viés centrava-se excessivamente numa interpretação economicista e apontava a necessidade de observar como se constituíam as crenças coletivas dos MS, ponderando sobre seu caráter dinâmico como resultado de disputas externas e internas, sendo assim, processual (GOHN, p. 93, 2011).

Florence Passy (2002), autora que dará ênfase ao papel das redes informais na consolidação de uma visão de mundo e, conseqüentemente, engajamento individual, prefere uma compreensão fenomenológica do comportamento social, derivando o comportamento da participação e interação social em determinados espaços e adotando, para tal compreensão, uma perspectiva que nomeia como *estruturalismo construtivista*¹¹, em que são vistas “[...] as redes sociais¹² como realidades fenomenológicas e ilhas de significados que moldam a decisão dos atores” (PASSY, P. 9, 2000).

Assim, a visão de que os indivíduos aderem somente em razão de interesses

⁹ A observação dos custos e riscos é considerada como uma das variáveis analisadas pelos atores para engajarem-se na ação coletiva de acordo com esta abordagem (FLINGSTEIN & MCADAM, 2001). No entanto, como se verá no capítulo sobre continuidade do engajamento, serviu, ao contrário, como estímulo para intensificação da militância e fixação de uma visão de mundo, haja vista a cristalização de uma antagonista.

¹⁰ The Trend of Social Movements in America: professionalization and Resource Mobilization. Morristow, NJ: General Learning Corporation, 1973.

¹¹ Abordagem que será desenvolvida com o enfoque desta autora no capítulo 1.2 sobre compreensão das **organizações para dentro**.

¹² O tema das redes sociais será abordado em detalhe no capítulo 1.2.

imediatos ou para obter ganhos, sejam materiais ou simbólicos, é posta à prova, inclusive por McAdam, Tilly e Tarrow (2001; 2009). Eles propõem um entendimento do comportamento como oriundo de um repertório adquirido no processo de socialização dos indivíduos, de viés construtivista na premissa da inserção individual em MS e protestos, ocorrendo adoção de um *habitus* pela incorporação de elementos estruturais (TOMIZAKI e RIMBALDI, 2009) sem, no entanto, abordar em profundidade estes mecanismos.

Essa perspectiva sobre a premissa da ação social por parte dos indivíduos e grupos, para o presente estudo, é fundamental, dado que o campo de pesquisa demonstrou que muitos ativistas não colocam os ganhos materiais ou simbólicos como justificativa para sua participação, deixando, em alguns casos, de obter maior remuneração em outro espaço para permanecer no espaço que compreendem como mais significativo para **a causa**.¹³

É necessário ressaltar que não considero haver somente um ou outro tipo ideal de ação. Ou se é militante ou caroneiro, mas servindo, de qualquer forma, como um demarcador daqueles que são compreendidos como militantes – no caso daqueles que agem de maneira *desinteressada* – e aqueles que buscam obter um retorno individual com a menor participação possível. Observou-se que muitas vezes ambos comportamentos convivem, sendo mal visto no espaço ativista aquele que busca ganhos individuais como razão primeira para participação. Ademais, a separação entre racional e emocional parece ser arbitrária, sendo continuidades que se complementam. Mais, que a “razão é constituída por emoções particulares, incluindo sentimentos de certeza sobre o futuro” (AMINZADE & MCADAM, p. 18: 2001).

Este repertório de ações, ultrapassada essa dicotomia, ocorre dentro de espaços sociais, compreendidos como realidades significativas para os envolvidos nela e que fornecem regras e normas comportamentais, podendo se apresentar formalmente como *estrutura* – utilizando terminologia de Giddens (2009) – ou *Campo* – referindo-se a Bourdieu¹⁴ (2004) – sem prejuízo para a análise, visto que ambos autores servem para

¹³ Este tema será explorado em detalhe no capítulo referente às dinâmicas militantes, em especial na continuidade da militância.

¹⁴ Bourdieu (2010), diferentemente de Giddens, dá ênfase à posse de capitais específicos, como cultural, econômico e outros, para definir a posição do indivíduo dentro do campo, o que também é relevante para o presente estudo. Já Giddens (2009) irá focar em como se estruturam os espaços sociais e de que

compreensão da dinâmica entre estrutura (ou campo) e agência. Ainda, **Cultura** poderia servir como referência para explicar tais regras, compreendida:

...como aparato cognitivo que as pessoas precisam para se orientarem no mundo. Esse aparato consiste em uma multiplicidade de elementos culturais e ideacionais que incluem crenças, cerimônias, formas artísticas e práticas informais como linguagem, conversação, história e rituais cotidianos (DELLA PORTA & DIANI, p. 73, 2006).

De maneira sintética, trata-se dos elementos estáticos e dinâmicos da realidade, em que de um lado há a constatação de regras estabelecidas e de outro, a intervenção inovativa ou em sentido de mudança dessas estruturas, sejam internas ou externas.

Outra crítica pertinente à TPP é a compreensão de ter um viés estruturalista excessivo (FLACKS, 2005; PASSY, 2000), pois dava maior ênfase às **oportunidades estruturais** como definidoras do leque de opções da ação coletiva dos MS, havendo a prevalência, necessariamente, da conjuntura sobre a ação, que seria reativa.

Tal viés estruturalista, também ressaltado por Goodwin & Jasper (1999)¹⁵, além da crítica de que a teoria trata de poucos casos empíricos, demonstrou ser uma preocupação compartilhada pelos autores Mcadam e Tarrow (2010), que consideraram ter afastado com a inclusão dos **frames**¹⁶ como elemento necessário à existência da ação coletiva, que não se trata de “...meras expressões de reivindicações de grupos pré-existentes, mas um processo constitutivo, ativo e criativo (MCADAM, TARROW & TILLY, p. 16: 2001). Também a crítica de poucos casos empíricos foi rebatida após a publicação de *Dynamics of Contention* (2001). É certo que McAdam constrói o modelo para explicar o desenvolvimento de lutas dos negros nos EUA no período de 1930 a 1970 (1982), mas após essa obra, o modelo é aplicado a uma série de eventos políticos de diversas escalas

maneira os indivíduos irão intervir neles pelo pertencimento a outros espaços, trazendo experiências pretéritas dentro de um repertório que entende ser da *racionalidade prática*. Há, no entendimento de Mcadam (2001), coerência entre ambos os autores e, em meu entendimento, há complementaridade, variando apenas o foco analítico, mas partindo de premissas semelhantes.

¹⁵ Que também criticam a tese de oportunidade estrutural como tautológica, pois esta se originaria, em princípio, da ação dos MS.

¹⁶ Tema a ser explorado em detalhe na apresentação dos quatro elementos constitutivos da TPP a seguir.

e também de realidades diferentes que contêm diversos casos empíricos que adotam a TPP como modelo explicativo. Esse processo constitutivo seria indício do que se compreende como capacidade de agência dos indivíduos envolvidos.

Apresentados o desenvolvimento da teoria e os debates pertinentes ao seu desenvolvimento, a seguir apresentam-se os elementos-chave para realização da análise proposta.

1.1.2 Quatro elementos interpretativos: oportunidade estrutural, estruturas de mobilização, frames e repertórios para disputa

Partindo da assertiva anterior de que os indivíduos não agem num vácuo social, resulta ser necessário compreender os fenômenos sociais tendo em mente os aspectos *macrossociais*, *mesossociais* e *microssociais*. Os indivíduos interferem na realidade de maneira variável e o fazem por meio de organizações formais ou informais, além de estruturas sociais com objetivos estabelecidos que possam buscar a mudança ou a manutenção de alguma ordem social.

Como exemplo destes níveis sociais, compreendo o Fórum Social Mundial (em suas diversas edições) como realidade macro, que continha em si uma infinidade de organizações; sejam partidos de esquerda, organizações não governamentais, associações e ativistas que se identificavam com uma ideologia, mas sem organização formal, como anarquistas, socialistas, libertários etc. Esse conjunto, em sua totalidade, é entendido como o cenário macrossocial, que era produzido por **redes sociais**, contendo em si tanto a participação de organizações quanto de indivíduos em interação para determinado objetivo.

Rede é, tal qual definido por Della Porta e Diani (p. 25, 2006), um conjunto de indivíduos e organizações formais e informais que estão ligados por uma pauta/causa, constituindo assim um **Movimento Social** e que lhes proporciona formas de reconhecimento como pertencentes de uma coletividade particular. As redes, portanto, são o elo do nível médio para o macro.

As diversas organizações – sejam formais ou informais – constituem o nível mesossocial, espaço em que é possível identificar-se como pertencente a uma coletividade mais próxima e que é, via de regra, um local em que as interações sociais costumam ocorrer de maneira mais intensa, o que não exclui o trânsito dos indivíduos entre organizações diversas, como atuação em partidos, organizações não governamentais ou associações, e, assim, caracterizando uma atuação ativista multiplexa. O foco analítico a partir deste nível são as formas de construção da ação coletiva e sua relação com o ambiente macro e, internamente, através da constituição dessa ação coletiva por parte de seus integrantes.

Tal construção interna ao nível organizacional (ou organizacionais) é o centro da análise microsocial, concentrando a observação no desenvolvimento da identidade social e a agência dos indivíduos, considerando para tal as interações que levam a elaborar a ação social. ¹⁷Esta, por sua vez, mantém relação dinâmica com o ambiente externo, realidade sociopolítica em que se insere e que deve levar em conta para a montagem de estratégias de ação.

Tais níveis estão relacionados com uma compreensão processual ou dinâmica da constituição, manutenção e fim do MS, organizações e protestos, os quais podem ser melhor compreendidos pelas etapas ou elementos interpretativos da TPP, em especial na relação entre a realidade macrossocial e mesossocial. Para o nível interpretativo da tese, os elementos mais significativos são os que dizem respeito ao cotidiano interacional dos indivíduos e a forma como interpretam e ressignificam, em especial no nível organizacional, e, portanto, em redes, assim como, também na circulação entre estas. Para que se chegue a esse nível, é preciso entender a estruturação dinâmica das organizações e dos MS com a realidade em que estão inseridos. Para tanto, o primeiro elemento que será exposto é a Oportunidade Estrutural.

¹⁷ O que será desenvolvido em detalhe no capítulo 1.2.

1.1.2.1 Oportunidade estrutural

No meu entendimento, tal elemento é impreciso na sua delimitação para a ação coletiva no sentido de construção interna à organização, servindo como parâmetro descritivo de onde se colocam os sujeitos. De qualquer forma, fazendo parte do corpo teórico, faz-se necessária sua apresentação, a qual está relacionada à necessidade de interação entre esferas de escopos diferentes, dando ênfase aos aspectos macrossociais.

A crítica ressalta o viés estruturalista desta abordagem, dado que a ação seria resultado dessa esfera (Passy, 2000; FLACKS, 2005; BEVINGTON & DIXON, 2005). Para meu trabalho, compreendo que se trata da conjuntura social e histórica nas quais se desenvolvem a ação social, desempenhando papel descritivo para a análise sem que haja interpretação de preponderância desta estrutura sobre as demais para a ação, retomando o debate sobre a insuficiência da realidade objetiva para a ação coletiva, considerando agência e estrutura, sem, no entanto, tomá-la como insignificante.

Também há um entendimento quando se parte dessa esfera analítica para as demais, que permanece a concepção racionalista para entender a ação coletiva, dado que as oportunidades seriam analisadas *a priori* ao se considerar os custos e riscos do engajamento (ASLANDIS, p. 8, 2012). Ressalta-se que o foco da tese é como (e quais) as interações em nível micro, dentro de uma organização, influenciarão as estratégias de nível meso (organizacional) e, por meio de disputas de significado neste nível, serão transmitidas ao nível macro.

Tendo em consideração tais observações, entende-se como oportunidade estrutural o ambiente social amplo em que o sujeito está inserido e pode se configurar tanto em situações de estabilidade quanto de mudança política (MCADAM, TARROW & TILLY, p. 14: 2001), e que incentiva indivíduos e organizações ao ativismo por interferirem de alguma maneira com a vida das pessoas.

McAdam (1996) detalha que as oportunidades estruturais podem ser verificadas empiricamente levando em consideração: a) as características institucionais de um

sistema político em termos de abertura ou fechamento; b) estabilidade ou instabilidade de elites que estão envolvidas com a política; c) presença ou ausência de elites que podem ser consideradas como aliadas; e d) a capacidade ou propensão do Estado para reprimir¹⁸.

Entendendo a realidade como atravessada por uma série de clivagens de diversas ordens (políticas, culturais, econômicas etc.), considera-se a existência de um *status quo*, expresso por uma série de normas, leis e costumes que são hegemônicos em um dado espaço social e período histórico. Tais clivagens levam a formas de distribuição desigual de recursos (materiais e imateriais) na sociedade, o que por sua vez cria divisões com base na posse diferencial de tais recursos, seja posse de indivíduos ou organizações. Resulta dessa situação a formação de estabelecidos (dominantes) e desafiantes (dominados). Partindo de tal caracterização da sociedade, consideram-se como oportunidades estruturais quaisquer eventos significativos que sinalizem a possibilidade da ação coletiva, levando em consideração o ambiente institucional, características dos adversários, seus recursos e também o leque de alianças possíveis.

Como exemplo, a conjuntura internacional do início dos anos 2000 – após a hegemonia neoliberal dos anos 90 –, compreendendo-a como estrutura política dominante do cenário internacional (do qual o Brasil fez parte), pode-se considerar que a instabilidade política e econômica desse período pode ter sido interpretada como a oportunidade estrutural para a contestação de tal modelo. Tudo isso pode ser expresso pelas dificuldades de pagamento das dívidas internas dos Estados e, concomitantemente, pela queda da aprovação do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) em razão do cenário econômico interno durante seu segundo mandato. Trata-se, portanto, das mudanças reais que ocorrem em uma estrutura social e também da sensibilidade sobre determinado tema.

¹⁸ Lúcio R. Rennó (2003) expõe em detalhe as características da oportunidade política ao comparar esta teoria com a do capital social de Putnam. Os resultados de seu trabalho consideram que as oportunidades políticas são elemento mais coerente para compreender o engajamento em movimentos sociais na América Latina.

1.1.2.2 Estruturas de mobilização

As estruturas de mobilização são as organizações formais ou informais inseridas em redes sociais que dão suporte ao engajamento dos indivíduos (MCADAM, TARROW & TILLY, p. 14: 2001). Numa ordem lógica, de acordo com Passy (2003), a participação em uma ação coletiva ocorre se há oportunidade estrutural. Havendo tal possibilidade, como, por exemplo, um sistema político aberto a críticas e crise das elites políticas dirigentes, o engajamento é mediado pela presença dos movimentos sociais já existentes, considerando-os como redes sociais, compostos por organizações e indivíduos que participam dessa rede e que os integram a uma coletividade, fornecendo-lhes apoio de ordem material e simbólica.

Tais organizações são prévias à oportunidade estrutural percebida, sendo exemplos sindicatos, associações ou partidos políticos que se veem como participantes de um fundo ideacional comum e que já existiam antes da mobilização contra o neoliberalismo, e “...fornecem membros que podem ser recrutados como um grupo, líderes respeitados, redes comunicacionais ou laços individuais (NEAL, p. 2, 2007)”. Pode-se interpretar que este elemento é atinente à mobilização de recursos, pois trata de compreender como as organizações “...promovem comunicação, coordenação e comprometimento entre atores potenciais (MCADAM, TARROW & TILLY, p. 16: 2001)” sem, no entanto, trabalhar os elementos subjetivos ou culturais de tal construção (ASLANDIS, 2012: p. 9). Essas estruturas são referência e suporte, mas, na perspectiva da TPP, não fornecem explicação sobre as dinâmicas de construção ideacional interna às organizações ou sentimento de pertencimento, o que ocorre pelos frames.

1.1.2.3 Frames

Frames ou quadros interpretativos são as maneiras como determinada temática social é interpretada por meio de uma definição compartilhada por uma coletividade (MCADAM, TARROW & TILLY, p. 16: 2001) e como pode ser construída de forma a tornar-se objeto de ação coletiva (DELLA PORTA & DIANI, 2006). Trata-se de “...um processo coletivo de interpretação, atribuição e construção social ... (MCADAM, TARROW & TILLY, p. 41: idem).

O processo de compreensão sobre a realidade ocorre, de acordo com esta interpretação, em um processo de construção coletiva comunicacional, redimensionando o que antes era sentido como um problema individual em algo coletivo, de forma a coordenar ações de maneira coerente dentro de uma rede de agentes que compartilham de uma *visão de mundo*.

Dessa forma, de acordo com Della Porta e Diani (p. 73-85, 2006), o processo de construção de frames auxilia na junção de diversas pautas em uma pauta única através da ressignificação de causas parcelares em um tema gerador que sirva para aglutiná-los, ou melhor, na construção concertada de pautas em um mesmo movimento social, o que potencializa a capacidade de ação quando há a produção de uma identidade coletiva, constituição de um “nós”, requerendo para tal a identificação de um antagonista.

Resulta que da identificação do(s) problema(s) a se resolver(em) e o culpado por tal situação (diagnóstico), o MS oferece aos ativistas: um prognóstico, o que deve ser feito e de que maneira, além de auxiliar na motivação para os seus integrantes, seja por meio de protestos, campanhas e demais atividades que sirvam para gerar sentimento de pertencimento e de grupo.

Oliver e Johnston (2000) fazem importante diferenciação entre frames e ideologia. Os frames, para esses autores, são as maneiras como os grupos lidam com problemas conjunturais, utilizando para isso valores que são anteriores e adaptando-os ao momento. Fazem tal distinção ao ressaltar que os frames não são valores fixos, mas construídos

interacionalmente pelos grupos, tendo como base um problema que se apresenta e os valores que guiam o comportamento, uma representação duradoura, sendo esta, sim, a ideologia ou a visão de mundo.

Por exemplo, tanto a RádioCom quanto a Rede Globo clamam por direito à comunicação, sendo esta a expressão fenomênica ou frame. No entanto, enquanto a primeira utiliza o direito à comunicação numa perspectiva de combate ao poder econômico, num sentido socialista, a segunda dirige-se contra o Estado que quer regular os meios de comunicação num sentido liberal.

Frames, portanto, são conjunturais na medida em que são construídos dentro das organizações, levando em consideração a ideologia dos sujeitos envolvidos e também como se apresenta o cenário sociopolítico, econômico e cultural (oportunidades políticas). Quando a caracterização situacional é realizada em conjunto, ou seja, dentro de um MS, que contém em si uma diversidade de organizações e indivíduos, surgem os *master frames* (SNOW & BENFORD, 1992), diagnóstico realizado por este conjunto de agentes que constituem uma rede e que gera uma coerência na ação, como, por exemplo, as diversas entidades participantes do Fórum Social Mundial, com o lema *Um outro mundo é possível*, e que apesar das inúmeras diferenças internas, construíram um diagnóstico de que o antagonista era a globalização neoliberal. Disso resultam os repertórios de disputa.

1.1.2.4 Repertórios de disputa

Como argumentado anteriormente, um MS pode conter em si organizações formais, informais e indivíduos, desde que compreendidos como pertencentes de uma identidade comum, baseada em uma pauta que os unifica ou aproxima. Assim, não é incomum que partidos políticos sejam compreendidos como organizações que fazem parte do MS se for aceito pelos demais participantes como representantes da pauta que os unifica. Ademais, dado que muitas vezes o engajamento dos indivíduos é multiplexo, não faz mais sentido separar a participação partidária daquela em organizações compreendidas como movimentos sociais.

O que interessa ao repertório de disputa é a construção dos frames, e o prognóstico variará de acordo com os atores (individuais e coletivos) envolvidos no MS, razão pela qual a observação dos agentes que o compõe é fundamental. Partindo da premissa de que o MS é um ator político, sendo ultrapassada a visão de comportamento coletivo não organizado, é possível que as formas de atuação considerem protestos e também participação em eleições (MCADAM & TARROW, 2010).

A distinção de formas de atuação em razão das características organizacionais, sem considerar os conteúdos, não auxilia na compreensão da formação das pautas e na constituição dos grupos mobilizados. No entanto, observar quais agentes estão envolvidos na organização pode auxiliar na previsão de quais serão as formas futuras de atuação do MS. A não aceitação de um partido político dentro de um MS, ou ainda o recorte sobre quais partidos podem integrá-lo, pode prever se a opção escolhida será por uma via eleitoral ou contestatória, por exemplo.

Considerados os aspectos que dizem respeito à possibilidade de acesso dos indivíduos aos MS – compreendidos como estruturas mesossociais – considerando as influências que estes sofrem do ambiente macrossocial, cabe agora considerar os aspectos que moldam e possibilitam que se criem militantes, assim como as maneiras que se desenvolvem as relações dentro das organizações e que os levarão a construir uma carreira militante e, também, como influenciam nos caminhos dessas organizações.

Para tal compreensão, cabe, no meu entendimento, fazer uma análise de como é constituída internamente essa organização e o que importa para o posicionamento dos indivíduos dentro dela. Também, quais elementos são significativos para que se compreenda as dinâmicas de engajamento, o que pode ser observado das **organizações para dentro**.

1.2 Das organizações para dentro: redes, campus, habitus e dinâmicas continuadas

Os elementos apresentados anteriormente servem para entender as maneiras possíveis de aproximação dos indivíduos a um MS e, de maneira descritiva, como estes constroem estratégias para lidar com este ambiente, considerando seus objetivos. Agora, a questão que coloco é como são construídos esses objetivos, que dependem, necessariamente, da construção das trajetórias dos sujeitos engajados. Esta criação e consolidação de um *ethos* ativista ocorre pelo envolvimento, sentimentos de injustiça e consolidação de uma identificação com a organização e seus participantes (STEKELENBURG, 2013).

Ao considerar as razões do envolvimento, a literatura contemporânea acerca de ativismo e MS tem criticado a noção do indivíduo apaixonado, com envolvimento total, tal qual o guerrilheiro apaixonado descrito por George Orwell na Guerra Civil Espanhola (MATONTI E POMPEAU, 2006) ou, ainda, a concepção de identidade total com base somente na classe social (OLIVEIRA, 2009).

Mesmo assim, a pesquisa demonstrou que o ativismo, por muitos, é visto como uma missão que requer o envolvimento total, requerendo investigação sobre a constituição deste *ethos*. Há um sentimento de paixão com a causa e também de revolta contra algum agente que inflige ao grupo de referência algum sentimento de injustiça (STEKELENBURG e KLANDERMANS, 2007; 2010) e configura-se como atividade total ou missão para muitos dos envolvidos. Como tal, envolve riscos e custos para aquele que participa (MCADAM, 1993) e exige uma coerência na postura da atuação nos movimentos sociais e demais espaços sociais (OLIVEIRA, 2009).

Levando em consideração tais críticas, a teoria e o método do estudo dos protestos e movimentos sociais consideram, assim, duas abordagens dominantes. Sendo a primeira de viés biográfico, com estudo da trajetória dos ativistas, tratando-os a partir da perspectiva individual e centrando-se na carreira militante (FILLIEULE, 2001; OLIVEIRA,

2009; PETRARCA, 2008, 2009). A outra é a estrutural, que traz a percepção dos atores coletivos como intervenientes em campos de ação estratégica (CAE), considerando não somente os indivíduos, mas os atores coletivos, que se tornam o centro da análise (MCADAM, 1986,1993; FLINGSTEIN e MCADAM, 2011), sendo esta última a dominante. Nas palavras de FLACKS (2005):

...compreender os ativistas como tipos sociais continua a ser uma questão crítica para se compreender como funcionam os MS. Se se faz sentir a influência dos organizadores, dirigentes e outros dinamizadores dos movimentos, então a compreensão das respectivas origens sociais, experiência e visão das coisas e motivação pode afigurar-se crítica para a própria compreensão das trajetórias de certos movimentos específicos (p. 55).

Compartilhando a dúvida de Flacks (2005) sobre o engajamento, questiono o porquê de as pessoas se envolverem em atividades que são muitas vezes arriscadas e desgastantes e com improvável êxito. Como esse empenhamento consegue se manter ao longo dos tempos? No decorrer da pesquisa aparecem relatos do sentimento de desgaste com a atividade, como o desejo de “*tocar a vida*”, ou “*já contribuí*”, e, mesmo assim, estes militantes continuam mobilizados em uma causa que muitas vezes, em termos de tempo e energia despendidos, parece-lhes com pouco retorno individual, sendo uma atividade desgastante:

O trabalho organizativo desempenhado a tempo inteiro na linha da frente parece exigir graus de disciplina e de sacrifício pessoal que nem sempre se coadunam com as motivações e aspirações dos jovens idealistas que a ele aderem. (FLACKS, 2005, p. 57).

A busca pela explicação do engajamento de longo período, de acordo com Flacks, não é respondida somente pela premissa de identidade forte, convicção ideológica ou religiosa, assim como coragem ou fanatismo. Está em voga, de acordo com este autor, um viés que leve em conta os aspectos racionais do engajamento em movimentos sociais, considerando referenciais teóricos que tratem dos aspectos estruturais e

estratégicos, os quais são identificados como características da TPP. Caracterização que é parcialmente correta, em meu entendimento, dado que não tratam das motivações individuais, atendo-se à construção dos MS e sua relação com o macroambiente.

Por essa razão e também pelo desenvolvimento da pesquisa de campo, percebi a necessidade de considerar os aspectos emocionais do envolvimento dos agentes militantes, seja para a entrada ou engajamento continuado em um movimento social.

A análise **da organização para dentro** consiste, então, na observação dos mecanismos de formação da rede informal (PASSY 2000; 2000^a; 2003; PASSY & GIUGNI, 2001), considerando-a de acordo com os momentos de inserção diferentes e a função de cada etapa, como e quais emoções estão envolvidas neste processo (STEKELENBURG e KLANDERMANS, 2010, S/A ; STEKELENBURG, 2010, 2013). Já colocados nessa rede, considera-se a posição ocupada por estes sujeitos, pensando em aspectos como posse de capitais e consolidação de um *habitus* de maneira dinâmica, utilizando uma interpretação bourdiesiana para tal, além de atentar para o processo de socialização política (PETROVIC, STEKELENBURG e KLANDERMANS, 2013) que tende a se estruturar na biografia do indivíduo como elemento a ser transferido e aplicado em todas as esferas da vida.

Não há nestes elementos uma preponderância, ou melhor, uma sobreposição entre as teorias, sendo antes, complementares. As redes compreendem os momentos de inserção do indivíduo em que as emoções têm papel importante. Em cada etapa da socialização o indivíduo encontrará normas que guiarão seu comportamento, interessando como irá se comportar em relação a elas.

Considerados os elementos anteriores como significativos para a compreensão do engajamento e partindo de uma perspectiva estrutural construtivista (PASSY, 2000), busco, agora, desenvolver o que importa na perspectiva processual, interna aos processos anteriores, que atrai, mantém e, em alguns casos, distancia as pessoas de organizações militantes. A exposição dos quatro elementos anteriores da TPP concatena o cenário estrutural e histórico com as dinâmicas sociais que se busca investigar, relacionando os aspectos diacrônicos com os sincrônicos, restando a esta parte do trabalho expressar o que é significativo para a formação de um *ethos* militante. Para tanto, centra-se na análise de quais elementos são pertinentes para compreender os processos

de adesão, engajamento e desengajamento em uma organização política.

Para obter tal conhecimento busca-se entender como a *visão de mundo* é consolidada, sendo esta o resultado da experiência cotidiana e plural e que pode mudar de acordo com as interações e os sujeitos presentes na rádio e demais organizações e espaços sociais. Portanto, ao observar a conjuntura, a organização¹⁹, os sujeitos envolvidos e quais são as dinâmicas mais relevantes dentro de um espaço significativo para essas pessoas, torna-se possível compreender quais os resultados para a trajetória individual e também para o MS como um todo, compreendendo tais elementos como, necessariamente, relacionais.

A seguir, apresento a compreensão de redes para entender o processo de engajamento de acordo com os momentos de inserção da perspectiva do indivíduo.

1.2.1 Redes informais: funções de acordo com o momento de inserção

Como militantes, entendo aquelas pessoas que tornam a política um estilo de vida, o qual é construído de maneira progressiva à medida que se envolve com outras pessoas que já participam de organizações políticas. As redes de amizade desses sujeitos já envolvidos com política são, via de regra, compostas por outros militantes, sejam de meio sindical, movimentos sociais, partidários e outros. Sua rotina passa a estar envolvida com a política, seja no estudo ou trabalho. Também passam a explicar e compreender sua participação e envolvimento em diversas áreas sociais a partir da política. O time de futebol é explicado em termos de opção política (*“Sou Xavante²⁰ porque é um time do povo!”*), o restaurante que frequenta é uma escolha política, pois é gerenciado de maneira cooperativa; a música ouvida traz um tema social e político, entre outros. Enfim, aquelas pessoas que fazem de sua vida uma entrega à política, realizando-se em alguma organização que se integre a um movimento social. Assim, este espaço, o qual será designado como campo social (BOURDIEU, 2004), é privilegiado para o entendimento de

¹⁹ Ambos elementos foram analisados de acordo com as etapas processuais propostas pela TPP e levando em conta, necessariamente, a interação dos sujeitos que constroem o MS.

²⁰ Designação do torcedor do time de futebol Brasil de Pelotas/RS.

como os indivíduos são seduzidos a participar a partir da construção de *frames* interpretativos que fazem sentido para possíveis aderentes. Resta a dúvida sobre a origem do ativismo.

McAdam (1986) sugere como possibilidade a existência de uma “afinidade atitudinal” com os objetivos do movimento, resultado da socialização familiar ou de círculo de amigos, o que poderia ser compreendido como uma pré-disposição. O mesmo autor ainda se refere à importância dos laços sociais, colocando em dúvida o que é mais importante: o número, a saliência ou a centralidade desses laços para determinar o ativismo (1993). Também sugere que a adesão pode ocorrer pelo pertencimento a determinada comunidade que tem seus interesses (materiais ou simbólicos) atingidos de alguma maneira, requerendo a participação em algum protesto (MCADAM, TARROW & TILLY, 2009).

Ainda nesse sentido, Oliveira (2010) chama atenção para redes e laços interpessoais que o indivíduo participava de maneira prévia ao ingresso no ativismo de fato, o que se verifica pela relação com lideranças de movimentos e que lhes apresentam aos poucos os valores dessas organizações, sugestão que tem afinidade com a interpretação de Florence Passy (2003).

Nessa perspectiva, o contexto macrossocial, considerado como oportunidades estruturais e estruturas de mobilização, são cenários e processos que criam as redes sociais (PASSY, 2000), as quais construirão os *frames* e repertórios de disputa de maneira dinâmica pelos indivíduos neles engajados. No entanto, há de ocorrer alguma forma de atração, contato, para que haja adesão e, conseqüentemente, ação coletiva.

A ação coletiva ou o desejo de se integrar é mediado, então, pela existência de laços sociais²¹ (MCADAM, 1986) que facilitam a relação do indivíduo com o movimento

²¹ O autor classifica a existência de laços fracos (mídia) que servem para que se tome conhecimento de uma pauta ou movimento, caso da RádioCom, que foi conhecida por alguns por acaso, enquanto sintonizavam seus rádios. É possível que venham a se aproximar da emissora, mas não significa a imersão dentro da rede. Os outros laços são os fortes, oriundos de amigos em outros campos sociais e que são capazes de converter a confiança adquirida para o campo militante. Esta forma, mostrou-se para McAdam no seu estudo sobre o recrutamento de voluntários para inscrever eleitores negros no sul dos Estados Unidos nos anos 60, como mais eficaz de atração de ativistas. Na rádio, percebe-se essa mesma tendência. É maior o número de aderentes que já tinham contato com algum ativista em outro espaço social, como a universidade, e que são levados para participar da emissora.

em questão. Tais laços são pessoas amigas ou conhecidas, compreendidos como *conexão estrutural* (PASSY, 2002), no sentido que ligam espaços que não teriam, se não fosse por eles, nenhuma relação direta. Penso no caso dos sindicalistas que foram estudar Comunicação Social e que convidaram alguns colegas a participar da RádioCom, por exemplo. Estas relações sociais criam e sustentam uma estrutura de significados que contribuem para a definição das percepções e preferências dos indivíduos através da convivência cotidiana, criando um *habitus*.

Porém não basta que o agente recrutador entre em contato com o indivíduo para que este venha a engajar-se. Para que isso ocorra, o indivíduo tem que apresentar *disponibilidade biográfica* para tal. Isso ocorre quando não existem *constrangimentos pessoais* em sua participação em um movimento social. Esses constrangimentos advêm de outras esferas sociais de pertencimento que podem concorrer com o engajamento, como, por exemplo, trabalho em tempo integral, responsabilidades familiares, entre outros (MCADAM, 1986).

Disso, resulta que é mais admissível que existam perfis prováveis de militantes, e no caso desta pesquisa são sindicalistas, jovens universitários, militantes partidários e ativistas de ONGs os sujeitos mais ativos nessas redes informais de ativistas e que formam uma visão de mundo compartilhada por esses sujeitos. É interessante compreender como essa visão é constituída considerando-se o processo de inserção na rede, utilizando o modelo de Florence Passy.

1.2.1.1 Funções das redes: socialização, recrutamento e molde

Sobre a adesão de novos indivíduos, utilizo como referência teórica do processo de entrada, continuidade e saída, o modelo de redes sociais de Florence Passy (2000; 2003). Para a autora é mais provável que o engajamento ocorra quando há uma relação social pretérita com o agente recrutador, do que se tal contato ocorrer por meio de organização formal. Deriva daí a noção da importância das redes, considerando a **socialização**, o

recrutamento e também a continuidade do ativismo (**molde**), tal qual elaborado pela autora.

Estas redes sociais, para a autora, são realidades fenomenológicas e *ilhas de significados* que moldam a decisão dos atores e permitem a reconstrução dos processos interativos dos indivíduos e suas afiliações a grupos construídas cotidianamente (PASSY, p. 9: 2000), o que ocorre de maneira processual considerando o envolvimento progressivo na rede.

Por **função socializadora** entende-se o processo de interação, realizado por meio de narrativas, símbolos, rituais etc. Nesse período, o indivíduo constrói, pela experiência, os quadros cognitivos que servirão para interpretar a realidade social e traçar estratégias de ação com base nestas representações coletivas. Tais representações serão mais facilmente criadas à medida que o indivíduo envolve-se com maior intensidade em determinado grupo social e transporta estes *habitus*, vistos aqui de maneira dinâmica entre uma rede e outra. Quanto mais denso for o laço social, e não havendo constrangimentos biográficos, maior a probabilidade da fixação de um *ethos* militante.

A **função recrutadora** ocorre em razão do contato em uma rede prévia ao engajamento com um integrante da rede de militantes. Seria a oportunidade estrutural incorporada em um sujeito “de confiança”. Na pesquisa, esse é o caso de Renato, sindicalista que foi cursar a faculdade de Comunicação Social e lá convidou diversos estudantes a participar da RádioCom, ou Gusmão, que em suas participações nas edições do Fórum Social Mundial levou diversos artistas a conhecerem a estação.

Tais sujeitos criam uma relação de confiança que se expressa em uma clareza de opiniões ou posições sobre determinado tema, e seria positiva, caso se aproximasse da opinião do sujeito e fosse diretamente dirigida a ele e não a terceiros. Ainda, a confiança dá-se com aqueles com capital político consolidado no campo. Se este for um amigo, há uma conversão de capital para a outra esfera social, pressupondo-se que o que fala é factível e que as demais pessoas envolvidas são de mesma matriz identitária. Conta, ainda, a posição do recrutador dentro do campo para delimitar a posição do recrutado e a intensidade de militância.

A **função modeladora** dá-se na interação com os participantes do projeto político. Conta a diferença de status dentro do grupo, por meio de capital político e militante, para verificar-se a transmissão de normas comportamentais aceitas²². Como expresso anteriormente, tal aceitação de normas ocorre por meio do estabelecimento de uma relação de confiança, sendo muitas vezes negociada, considerando a trajetória individual e uma constância comportamental. As regras têm de ser relativamente fixas e comuns. Os integrantes mais antigos da rede militante transmitem as normas comportamentais e integram o novo militante no cotidiano do grupo.

A **função socializadora** das redes ocorre por meio de um processo de identificação, considerando que as pessoas compartilham alguns valores que são defendidos pelos movimentos, o que as levam a se engajar. A participação leva-as a reproduzir a identidade coletiva e estas são criadas e moldadas por meio de relações sociais (PASSY, 2000; 2003). A mera existência dessas esferas não resultam mecanicamente em aceitação de regras.

1.2.1.2 – Riscos, custos e identificação

Tais etapas da imersão na rede auxiliam na compreensão do processo de construção do ativismo. Existem ainda elementos que interferem positiva ou negativamente para que tal ocorra, como a construção da identidade social, o que surge na fase do molde. Há, ainda, a consideração dos riscos e custos no envolvimento e também a disputa pelo pertencimento, caso haja antagonismo entre esferas sociais.

Neste último caso, por exemplo, quando há apoio familiar na participação política, sendo traço biográfico do indivíduo a participação política de familiares ou pelo menos a sua aceitação, não haverá constrangimento para que venha a se engajar. No entanto, se concorre com atenção, dificultará em sua participação, o que pode ocorrer nos casos de a

²² Esta função é próxima ao conceito de habitus, considerado dentro de determinado campo social, tal qual elaborado por Bourdieu, sem que sejam expressos os mecanismos em detalhe, razão pela qual apresentarei a seguir ambos os conceitos.

família ser contrária à participação por razões variadas, riscos, remuneração insuficiente para o sustento etc.

Tal concorrência é expressa de forma mais precisa ao especificar o tipo de militância em razão de seus **riscos e custos** (MCADAM, 1993). Risco diz respeito à avaliação de possíveis perigos na participação em algum empreendimento político, seja na própria participação ou, ainda, quando sujeitos de outras esferas sociais na qual o indivíduo transita tomam conhecimento de sua participação. Os custos dizem respeito, via de regra, ao tempo, ao dinheiro e à energia a se despendem no envolvimento com o projeto.

Por exemplo, durante certo período de funcionamento da RádioCom, quando ainda não tinha a licença para operação, era frequente o risco de fechamento e “batida” da Polícia Federal, tendo ocorrido algumas vezes, com o recolhimento de material (antena e computadores) e a proibição de continuidade da transmissão. Tal risco era partilhado por todos aqueles que participavam da rádio, independentemente do tempo que disponibilizavam para realizar os programas.

Tais episódios críticos servem, inclusive, para diferenciar o tipo de participação e na formação de militantes. Nessa situação, um participante da rádio – que era operador de som – decidiu deixar a rádio. No relato de outros participantes, ele “amarelou”. A justificativa dada por alguns que permaneceram foi a de que ele buscava se profissionalizar enquanto operador de som, ou seja, utilizava aquele espaço para aperfeiçoamento individual, não havendo maior “identidade” com o projeto político da rádio. Aqui, a identidade é comprovada quando, apesar dos riscos, os aderentes mostram-se solidários diante dos demais, ao permanecer na rádio mesmo em situações adversas²³, situação que define aqueles que se consideram ativistas. Desenvolve-se, então, convivência e distinção de outros grupos (CUCHE, 1999) e é contextual, pois surge da convivência cotidiana (WOODWORD, 2009).

A identidade social é compreendida com a conceituação de Anthony Giddens (2002) sobre a constituição do *Eu*. Para o autor, a auto-identidade é um guia de ação, um

²³ O tema custos e riscos será abordado novamente no capítulo sobre dinâmicas militantes.

mapa que ajuda o indivíduo a se localizar na sociedade com base em suas vivências. Os indivíduos constroem esta auto-identidade e utilizam-na com referencial de pertencimento a determinado grupo ou organização, de forma a intervir na sociedade ou em grupos.

Para Manuel Castells (2008), a identidade é uma fonte de significado e objetiva a autoconstrução do sujeito. A fonte da identidade é, portanto, o papel social, significando a atividade do sujeito dentro de uma estrutura social específica. Os papéis podem ser múltiplos, gerando, assim, uma série de significados que são ordenados de acordo com o retorno que dá ao sujeito, em termos de satisfação, envolvimento ou necessidade. Como explica o autor, as “*identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções* (p. 23)”. Compreende-se que a identidade vai gerar um guia de ação para o sujeito dentro da sociedade. Ele selecionará aquela que, dentro de um leque de papéis que tem de desempenhar, é a identidade primária, que guiará sua ação e fará que tenha um sentido de pertencimento a um coletivo. De acordo com o autor:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço (CASTELLS, p. 23: 2008).

Assim, a procura de fontes de identidade por parte dos indivíduos mostra-se importante para a análise por tornar, de acordo com a presente interpretação, apreensível as tendências de comportamento coletivo.

Dessa forma, a identidade é a construção do *Eu* de maneira relacional, aparecendo na forma como o indivíduo integra-se aos demais num projeto e adotando os valores guia daquele grupo. Equivale a dizer que há duas formas de orientação, que nos opostos são excludentes, mas que permitem uma continuidade da primeira para a segunda: *para o coletivo*, aparentando o ato desinteressado, e *para si*, na busca de aperfeiçoamento

individual e sem se envolver com a rede militante. Aqueles que se aproximam para benefício próprio, apenas para desenvolver algum conhecimento – como operação de rádio – são rechaçados. Já os que se aproximam pelos laços sociais desenvolvidos colocam-se à disposição para auxiliar a rede, beneficiam-se com os conhecimentos que adquirem na prática e acabam instrumentalizando-se para além desse espaço social.

Esta orientação para o coletivo não quer dizer que o indivíduo não venha a se beneficiar material e simbolicamente pela aquisição de conhecimentos e contatos, como se percebeu ao longo da pesquisa através da manutenção desses militantes por meio de atividades remuneradas. No entanto, tais atividades não foram colocadas como objetivo *a priori* e, portanto, não são compreendidos como atos interesseiros.

Compreendendo que os indivíduos estão imersos em uma série de redes de relações (familiares, trabalho etc.), dependendo da trajetória biográfica individual, há variação de relevância dada a cada uma destas esferas. No que tange ao comportamento individual, maneira de agir socialmente, considera-se que tal ocorre de maneira reflexiva, mesmo em situação cotidiana (GIDDENS, 2009). Deriva desta interpretação que será o nível de imersão numa rede que constituirá a identidade social mais significativa.

Assim, partindo dos trabalhos de Stekelenburg e Knaldermans na área da psicologia social centrada na análise da trajetória de ativistas de movimentos sociais, compreende-se que a identidade coletiva é uma definição compartilhada e interativa, produzida por diversos indivíduos. É necessário ser concebida como processo por ser construída e negociada por ação repetitiva em inter-relações que ligam os indivíduos aos grupos e do qual derivam seus valores e sentimentos, assim como sua ideologia. Trata da consciência de quem se é e de quem são os outros. Igualdade e diferença, guia comportamental que traça uma localização social.

Ressalta-se que é processual, de acordo com a trajetória e a localização do indivíduo, e considera tanto a identidade pessoal, referida a atributos (*expertises*²⁴) e sentimentos de singularidade que auxiliam na aquisição de espaço dentro de um campo,

24 O que resultará em capital militante.

quanto a identidade social, que permite a escolha a quais campos pertencer ou transitar. Há uma relação dinâmica entre ambas as identidades.

Quando há maior relevância na identidade social, o indivíduo está mais sujeito às normas do campo, pois se sente como representante de uma coletividade que percebe como igual a si. É a passagem do *eu* para o *nós* que transforma identidade pessoal em coletiva. Tal identidade coletiva é mais do que o traçado de um limite cognitivo, é uma emoção. Resulta que os indivíduos passam a pensar, agir e sentir de forma compartilhada com o grupo, não implicando que se parta para a ação.

Para tal, os membros de um grupo têm de experienciar uma crescente consciência compartilhada em relação a injustiças, e uma ideia clara de quem é o inimigo/adversário responsável por alguma injustiça (STEKELENBURG e KLANDERMANS, 2007). Isso é proporcionado por projetos tais como a RádioCom, a qual possibilitou um canal de expressão de injustiças percebidas por grupo(s) de referência e guia para o comportamento. Tal guia pode ser incorporado por uma agente de confiança, sendo uma forma de definição da pauta política relevante para o indivíduo, dada a impossibilidade cognitiva de recolher a totalidade de informações disponíveis na sociedade.

Ocorre uma forma de economia ou, ainda, um filtro pelo qual o sujeito recolhe as informações que lhe parecem pertinentes. Uma forma de selecionar as informações dá-se pela escolha de indivíduos que servem como fontes confiáveis, dado o estabelecimento de um relacionamento de confiança. É uma forma de atalhar o processo cognitivo no caminho da tomada de decisão.

Estas reconstruções idiossincráticas das crenças coletivas em nível individual criam uma variedade de conteúdo na identidade social e são variáveis, dadas as trajetórias individuais e, assim, nem todo o integrante de um movimento social tem identidade social idêntica, mas sente-se, enquanto coletividade, por compartilhar um conhecimento comum do campo. Também seguem protótipos de comportamento, ligados ao grupo, assim como um roteiro relacionado ao que já conhecem da forma de agir deste grupo. É a rotina, forma de conhecer o que fazer sem riscos.

Compreende-se ainda que existem três tipos de informação que podem chamar a atenção dos indivíduos:

- 1– quando interesses materiais estão em jogo;
- 2 – simpatias e ressentimentos que sentem em relação ao grupo;
- 3 – comprometimento com os princípios políticos relacionados às questões políticas (STEKELENBURG e KLANDERMANS, 2007).

Estes elementos são pertinentes para a compreensão da adesão individual no MS, mas há uma diferenciação no que tange à intensidade no engajamento, expresso pela energia e tempo despendidos no projeto, e percebe-se que os militantes são categorizados de acordo com o tempo durante o qual permanecem vinculados no projeto e também de acordo com os riscos advindos das características da causa defendida. Ainda considera-se em termos de tempo e esforço despendido.

A participação duradoura é importante por ser o que mantém o MS funcionando. É uma minoria dos participantes, em termos gerais. Sabem que a maioria dos participantes dos MS são *caroneiros*, mas é uma forma de estímulo, dado que conferem quantidade a este e estão preparados para doar seu tempo. A investigação do engajamento, nesse sentido, detém-se na observação biográfica, tanto pretérita quanto na atuação junto ao MS, e considera as questões de continuidade e conversão biográfica (prévios à entrada no MS) e também no declínio do comprometimento (STEKELENBURG e KLANDERMANS, 2010).

A *Continuidade biográfica* descreve a história de vida como resultado lógico da socialização política continuada da juventude, seja no círculo familiar, de amigos, escolar ou outro. *Conversão*, por outro lado, trata de um rompimento com o passado. Eventos críticos são fatores-chave para ambas situações. O *declínio do comprometimento* ocorre quando qualquer medida torna a interação menos gratificante. Existem mecanismos de ligação social utilizados para manter a adesão, como ideologia, liderança, rituais, relações sociais e organização que faz com que redes de amizade ajudem a sustentar o engajamento.

Quando deixam de existir, resta um comprometimento com valores interiorizados pelo indivíduo. É comum que o MS venha a representar uma pessoa, forma de substituir as relações pessoais. É o caso daqueles que saem do projeto político e são compreendidos como “traidores”. Muitos entrevistados apresentaram a RádioCom como uma pessoa ou como sua casa. Um entrevistado comparou-a a uma esposa; outro a um irmão ou filho. E ainda, em termos de relação social, descrevendo um sentimento de rotina maçante, mas que não pode ser rompido em razão de um compromisso com a rádio e as pessoas envolvidas. Tais posturas, motivações, enfim, o desejo de participação política realiza-se em campos sociais, oportunidades estruturais oferecidas pelos movimentos sociais (MS).

Apresentados os momentos de inserção na rede e as considerações que os indivíduos têm que fazer para ingressar nelas, cabe atentar para a consolidação interna destas, compreendendo a distribuição dos sujeitos dentro dessas estruturas sociais. Como exposta antes, os frames são construções coletivas, o que concordo, mas faltam elementos para entender como são construídos na perspectiva individual, como constroem significados e interpretações aceitos pelo grupo de referência e como são introjetados pelos indivíduos. Bourdieu, ao analisar o comportamento dos indivíduos dentro de grupos, desenvolveu a noção de *habitus* como maneira de perceber a existência de campos sociais, conceitos que vêm ao encontro da dúvida de como se estruturam comportamentos perenes e que têm uma relação com a função modeladora da rede. Tais elementos serão explorados a seguir.

1.2.3 Campo social e o habitus

Campo é compreendido como uma estrutura social composta por indivíduos em interação e que compartilham características (gerais) comuns, principalmente, acerca do seu entendimento deste espaço e das posições que ocupam de acordo com os capitais que dispõem. É um espaço de luta, seja interna ou externa, pela constituição dinâmica de uma *visão de mundo* legítima e é entendida aqui como sinônimo de rede.

Esses indivíduos interagem em acordo com o que é válido socialmente para o

campo em termos de normas sociais, que são visualizadas, entre outras questões, pela observação das posições sociais dos demais agentes. Isso resulta em uma hierarquia socioespacial, a qual é definida pela distribuição desigual dentro do campo de capitais simbólicos, expressos de maneiras múltiplas e que são a ferramenta empregada para o exercício de um poder compreendido como legítimo e que serve como maneira de distinguir os respectivos papéis sociais.

Tal distinção é meio de localização e não finalidade de ação destes indivíduos (BOURDIEU, 2007). Estas localizações são definidas pela relevância de capitais particulares (de determinado tipo) e diferem de um campo para outro, e o montante disponível em um dado capital possibilita compreender a posição de cada indivíduo em determinado campo (BOURDIEU, 2004).

A continuidade no tempo de um campo dá-se pela submissão ou aceitação do poder simbólico de agentes providos de capitais específicos e que são valorizados neste campo. Tal valorização é verificada pela expectativa de *reconhecimento* de tais atributos, que são apreendidos pelos outros e são transmitidos pelos indivíduos que mantêm o *status quo* do grupo. Tal espelhamento ocorre pela noção de que a autossatisfação ocorre pelo reconhecimento dos demais. Obedece, portanto, quando o indivíduo para quem projeta características ideais é o padrão comportamental e é expresso fenomenicamente como capital simbólico.

O capital simbólico assegura formas de dominação, que envolvem a dependência perante os que ele permite dominar: com efeito, ele existe apenas na e pela estima, pelo reconhecimento, pela crença, pelo crédito, pela confiança dos outros, logrando perpetuar-se apenas na medida em que consegue obter a crença em sua existência (BOURDIEU, 2007, p. 201).

Assim o *habitus*, elemento constitutivo do campo, compreende uma transmissão cultural de valores aos indivíduos por um grupo (constituído no campo) e considera aspectos conscientes (por exemplo: a técnica necessária para transmitir uma mensagem, o que e como falar) e inconscientes (capitais que resultarão em poder de determinação de

hierarquia, expectativas de retribuição). Ademais, possibilita a transformação de uma herança coletiva (tradição de um campo, por exemplo) em inconsciente individual e comum, ou nos termos de Giddens (2009), numa razão prática.

Em última instância, *habitus* é recurso para ação em dada situação social, na qual o sujeito acessa seu arquivo de situações vivenciadas e procura qual forma de agir²⁵ se adapta melhor a esta situação, possibilitando, inclusive e necessariamente, dada a variabilidade biográfica, criação de comportamentos sociais que podem gerar novo padrão para a coletividade que está integrado, dado que “o *habitus* se atualiza concretamente na lógica específica de uma prática particular” (BOURDIEU, 2011, p. 354).

Em razão disso, há uma variação individual no *habitus* dado que a trajetória individual é singular, o que sugere a variabilidade de comportamentos, mas, ainda assim, inscritos em dada coerência comportamental de um grupo de referência. Gera um universo de possíveis em razão da seleção de locais, pessoas, situações passíveis de se frequentar, de interagir, evitando possíveis conflitos com disposições já arraigadas (duráveis) (BOURDIEU, 2011a). Surge, assim, uma série de possibilidades de ação, que coloca em grupos de possibilidades de acordo com o olhar retrospectivo (BOURDIEU, 2011a), considerando como elemento dinâmico, que permite que a partir do aprendizado social o indivíduo tome conhecimento do que é pertinente no campo (BOURDIEU, 2004).

A consolidação deste *habitus*, o que lhe torna acessível, é ação dentro de um contexto específico e é possível que seja incorporado pelo indivíduo tanto em razão da proximidade social com os participantes do campo em questão, o que se observa por uma coincidência biográfica (situação social), assim como por um *trabalho de representação*, investimento de recrutamento em determinado campo na tentativa de que o outro aceite e incorpore a *visão de mundo*. Esta é construída considerando-se a percepção adquirida ao longo da trajetória social, que se dá pela circulação em determinados espaços sociais e pela forma de inserção nestes, e será variável de acordo com a posição social do recrutador, expressa em capital simbólico, que, no caso deste estudo, os que têm maior significância são os capitais políticos (BOURDIEU, 2004) e o capital militante (MATONTI E

25 É importante realçar que esta perspectiva desconsidera a possibilidade de um ser estratégico, que age de acordo com perspectivas futuras planejadas de forma racional.

POMPEAU, 1996), que levam a comportamentos e uso de atribuições que são próprios a estes espaços, e expressos através de estilos de vida e do uso de capitais sociais específicos.

1.2.3.1 Estilização da vida e aquisição de capitais simbólicos

A partir do momento em que o indivíduo adentra o campo militante, ele adota um estilo de vida próprio ao grupo de referência e a partir daí passa a (re)produzir a visão de mundo, necessária à participação continuada no campo. O processo de criação de estilo de vida é observado nas *Trajetórias sociais dos militantes*, considerando os espaços dos estilos de vida que são constituídos pela multiplicidade de inserções sociais destas pessoas, em que se marcam e demarcam. Nesse processo, acumulam um conjunto de recursos sociais que contribuem para sua distinção no espaço social.

O estilo de vida pode se tornar um recurso social, forma de distinção e, como *carreira militante*, torna-se “um conjunto de relações pessoais e profissionais que possibilitam certas experiências que marcam um momento decisivo nas concepções de mundo” (PETRARCA e OLIVEIRA, 2010). Percebeu-se que o militância [...] contribui não só para a formação de uma rede de relações, que pode ser mobilizada em diversas situações, mas também para uma visão de mundo militante. Assim, ele orienta subjetivamente as esferas de sua vida pelos seus engajamentos (SOUZA, 2011).

O capital militante é resultado dessa trajetória social e são as aprendizagens que ocorrem no desempenho do ativismo e que podem ser “importadas” de experiências em outras redes sociais (como a escolar) ou no próprio campo político. Distingue-se, no entanto, do capital político, que se baseia no reconhecimento e na autoridade adquiridos no exercício da militância e que serve de exemplo comportamental, definindo as regras do campo.

É, no entanto, mais instável, haja vista basear-se na autoridade, que pode ser deslegitimada em razão de mudanças políticas ou pela atuação deste militante. O que se observa na pesquisa, no caso dos militantes sindicalistas, é que constroem sua carreira em razão de características pessoais e dizem respeito à origem e trajetória pessoal e

também das práticas e discursos que produzem. Tais elementos constituem a *legitimidade* do militante (TOMIZAKI e ROMBALDI, 2009).

Já o capital militante é compreendido da seguinte forma:

...incorporado sob a forma de técnicas, de disposições a agir, intervir, ou simplesmente obedecer, ele abrange um conjunto de saberes e de *savoir-faire* mobilizáveis no momento das ações coletivas, das lutas inter ou intra-partidárias, mas também exportáveis, passíveis de conversão para outros universos, e, assim, suscetíveis de facilitar certas reconversões (MATONTI e POMPEAU, p. 130).

Ademais, a militância é vista como um saber especial, forma de interpretar e explicar o mundo e é percebida não como atividade complementar, mas como elemento próprio da atividade profissional (PETRARCA, 2008), como a construção de pautas, a fala em público, os contatos que estabelece com uma rede de militantes e profissionais que vão lhe possibilitar transitar para outros espaços que serão considerados, também, legítimos para atuação.

Formas mais contemporâneas de atuação militante têm dado maior peso à educação formal do que os tradicionais, como o sindicalismo. Também é necessária a aquisição de determinados gostos, tipo de filtro para o que é legítimo de se apreciar no campo e que é constantemente acionado na rádio como forma de “filtrar” as músicas que podem ser tocadas e palavras que devem ser usadas.

É importante a ressalva de Oliveira (2009) de que a militância inicia-se em razão do ativismo e não da expertise, sendo esta necessária no decorrer da prática ativista e aprendida durante seu exercício. O espaço social pode oferecer oportunidade de contato entre futuros militantes, mas não é a expertise que será o canal de entrada para o campo ativista. Aquela servirá como recurso, capital social para a localização no campo. Conta para o ingresso à militância ativista, aquela que deve ser “desinteressada” (SOUZA, 2011). A questão de doar seu tempo sem que em princípio se busque retorno é a chave de entrada, além de considerar a ideia da militância relacionada à noção de lealdade, voluntarismo e desinteresse (SOUZA, 2011).

2 CAMINHOS DA PESQUISA: DO SINDICATO À RÁDIOCOM

O recorte metodológico do trabalho é qualitativo, utilizando a pesquisa participante, compreendida como:

...aquela em que o pesquisador [...] compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo de pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos (SEVERINO, p. 120: 2007)

Para a realização do trabalho participei das práticas cotidianas de forma a captar os sentidos das ações, o que deve ocorrer por meio de interação face a face, sem exigência de instrumentos estruturados e, principalmente, que quebre a distância entre pesquisador e pesquisado, o que deve ser expresso na transformação do termo “objeto da pesquisa” para “sujeito da pesquisa” (HAGETTE, 1992). Também realizei entrevistas em profundidade, as quais buscaram compreender o ingresso, engajamento e desengajamento da rádio, especialmente buscando compreender a reação daqueles sujeitos pertinentes na biografia dos entrevistados (familiares, amigos e etc.).

O objetivo inicial desta pesquisa era acompanhar militantes sindicais bancários em Pelotas/RS. O que me interessava à época era identificar do que tratava a militância sindical contemporaneamente, dado que muitos destes sindicalistas têm uma relação de proximidade com o Partido dos Trabalhadores (PT), sendo filiados ou simpatizantes. Daí, buscava saber se seu ativismo entrava em conflito com suas preferências partidárias, dado que este partido é atualmente o gestor do Estado. No entanto, desde o princípio, o campo de investigação já se mostrava extremamente fechado.

Apenas dois sindicalistas, Renato e Rosa, se mostravam abertos às minhas

perguntas. Os demais, desconfiados, não se mostravam afeitos à minha presença. Não seria possível permanecer na sede do sindicato acompanhando suas atividades e muito menos observar as suas reuniões. Não havia, em suma, uma relação de confiança. Não queriam alguém de fora do sindicato ou do PT observando as reuniões em que decidiam estratégias a serem tomadas sobre greves e mobilizações.

Também, nas vezes em que permaneci na sede dos bancários, percebi que ficar neste local seria trabalho inútil, pois a maioria dos diretores não permanece na sede, saindo para fazer visitas a bancos e demais atividades. Não havia, em suma, atividades militantes constantes neste espaço. Ademais, segundo Renato, a atuação se mostrava “burocratizada”, restringindo-se, na maioria das vezes a visitas às agências e entrega de panfletos, havendo mobilização apenas no período de “acertar” os salários. A melhor estratégia para a pesquisa seria ir junto com algum sindicalista até os espaços que privilegiassem como próprios para o ativismo político cotidiano e junto àqueles que se mostrassem receptivos à minha presença.

Com maior proximidade com Renato, a seu convite comecei a acompanhá-lo até a emissora comunitária em que era coordenador. Eu já o conhecia, tanto em razão de uma pesquisa anterior realizada para a rádio²⁶, quanto por meio do Instituto Mário Alves (IMA). Comecei a acompanhar a rotina de Renato na rádio, sempre pela manhã quando desempenhava a coordenação de programação de notícias.

No decorrer das observações, no entanto, comecei a perceber que havia uma grande diversidade de pessoas que se viam como militantes e que desenvolviam atividades políticas dentro da rádio ou utilizavam-na para propagar mobilizações. Percebi que este poderia ser meu foco de pesquisa, pois via dinâmicas sociais entre militantes de diversas origens e poderia observar como se dava a construção de discursos ideológicos, conflitos e como se constroem os militantes e também como abandonam a militância, especialmente considerando que seriam pessoas de gerações diferentes, assim como práticas diversas, não me restringindo ao sindicalismo.

26 No ano de 2009, ofereci uma pesquisa quantitativa, com amostra de 400 entrevistados para a coordenação da rádio verificar sua audiência. A pesquisa foi feita por estudantes universitários de forma voluntária e o sindicato dos bancários pagou as cópias e passagens para os seus executores. Meu objetivo era verificar o grau de aceitação do então recém-eleito prefeito de Pelotas, do Partido Progressista. O objetivo dos coordenadores era saber seu grau de audiência e, também utilizá-lo, soube depois por Antônio, um dos produtores da rádio, legitimar mudanças na grade de programação.

Pessoas de diversos movimentos: estudantil, Hip Hop, GLBT, sindicalistas, anarquistas, anti-manicomial entre outros, que tinham programas semanais ou que iam à rádio como entrevistados. Era um foco de investigação completamente diverso do original. Ao invés de considerar a relação partidária e sindical, analisando o contexto macrossocial, transitaria para um estudo de dinâmicas mesossociais, buscando compreender as dinâmicas organizacionais e motivações ao ativismo pela perspectiva dos indivíduos engajados e também como chegaram a tal estrutura.

Neste espaço poderia observar pessoas engajadas politicamente que participam de sindicatos, partidos, movimentos sociais e também da própria rádio e que elegiam este espaço como principal foco de ativismo, dando um aspecto extremamente dinâmico ao local e às práticas, sempre com visitantes diversos, pautas novas e foco de aglutinação de ativistas, muitos dos quais eu já conhecia, pois sou natural da cidade e também havia participado do movimento estudantil e da rádio, sendo um espaço, de alguma forma, familiar para mim.

A familiaridade com os sujeitos da pesquisa e com a militância gerou facilidades e dificuldades. O conhecimento das pessoas e espaços em que militam, assim como o conhecimento que essas tinham a meu respeito facilitou a minha entrada em vários locais, como reuniões e discussões sobre temas que não seriam discutidos na frente de estranhos. Diferentemente do sindicato, na rádio pude acompanhar assembleias que eram abertas ao público da rádio, e também às reuniões da direção, a partir do momento que me fiz presente na emissora e era reconhecido pelos coordenadores da rádio como alguém de confiança, podendo acompanhar, também, os espaços de decisão e estratégia.

Por outro lado, tornou-se recorrente a necessidade de eu afirmar que não exercia, naquele momento (e essa observação fazia toda a diferença) a militância, e sim uma pesquisa. Melhor, não negava que em outros espaços, como em minha atividade profissional docente, eu continuava engajado em atividades sindicais, mas na rádio estava buscando compreender o que era importante para eles. Também, quando era solicitada opinião sobre algum tema político, “o que fazer”, reafirmava não ser este meu papel. Não me furtava de expressar algumas opiniões, desde que não interferisse na

dinâmica do grupo, porém me restringia a fazer anotações sobre o que era dito nas reuniões e reproduzindo o que já fora dito.

Longe de uma perspectiva tola de neutralidade, o que buscava era não ser um ativista a mais. Seguiu a sugestão de Elias (1998) sobre um distanciamento dos sujeitos pesquisados. Ao não interferir diretamente, poderia aplicar um olhar perspectivo mais acurado.

A separação entre o papel de pesquisador e o de militante, para alguns participantes da rádio, não era bem vista. Estes compreendem como uma postura “positivista”. Grande parte dos envolvidos na rádio tem formação no ensino superior, ou através da participação partidária, tinham conhecimento das vertentes de pesquisa científica, em especial a marxista, que, *grosso modo*, não vê com bons olhos, ou melhor, crê impossível a pesquisa que não seja engajada. Em diversos congressos científicos percebo um marxismo vulgar, que para justificar o ativismo de sua pesquisa o apresenta apenas como *dialético*, sem, no entanto, explicá-lo. Segue que tais “pesquisas” tendem a não realizar qualquer tipo de análise sobre o objeto de estudo e assim não permitem a crítica e, tampouco, o objetivo que se colocam, auxiliar os investigados.

Eu dizia que estava pesquisando e que não queria interferir nas suas práticas diárias, o que era muitas vezes motivo de deboche. Os “pós-modernos”, era o termo utilizado por alguns militantes para descrever pesquisadores que não se adequavam às suas normas. Alvo de piadas, são vistos como relativistas, o que é traduzido como postura política displicente, ou ainda, alienada. Em algumas situações tentei debater sobre o assunto, sobre a necessidade de ecletismo no que diz respeito às referências como princípio do próprio marxismo, mas percebia que havia uma aceitação do que falava somente por respeito ou apenas para me agradar, razão pela qual deixei de conversar sobre o assunto com muitos dos participantes e visitantes deste espaço.

Esta visão não é unânime entre os militantes que acompanhei, mas válida para um grande número dos que se nomeiam como marxistas, em especial, para os que têm formação superior (em Jornalismo, Ciências Sociais, Filosofia e áreas afins).

Procurei resolver a tensão sendo o mais sincero possível no envolvimento cotidiano com os executores da rádio. Quando entrava no estúdio em que eram feitos os programas

da rádio e pedia licença para acompanhar o programa. João, um dos operadores de som, falava que eu era “cheio de frescuras”. Sempre que ia a algum lugar da rádio, ou acompanhava determinado programa, pedia licença e avisava que estava fazendo a pesquisa. Explicava novamente que tinha de fazer isso, que fazia parte da ética do meu campo, já que as práticas observadas serão posteriormente registradas. Como sempre ele sorria e falava: “Tá bem”.

Uma das primeiras dificuldades operacionais que encontrei na pesquisa foi a de saber como me posicionar no campo. Eu ia até a rádio e ficava lá sentado, somente olhando o que faziam as pessoas? Isto com certeza geraria desconforto. No trabalho de Florence Weber (2009) sobre uma cidade operária, ela exerceu o papel de secretária nas reuniões de associação de moradores e tornou-se responsável pelas atas. Da mesma forma, Foote-White (1990), aceitou um cargo de secretário no Clube Comunidade Italiana. Em ambos os exemplos essa atitude servia para justificar, de certa forma, sua participação no universo social específico e de se mostrarem úteis ao grupo e possibilitando as suas presenças naqueles espaços. Para ficar no campo, precisava ser útil aos produtores da rádio.

Grande parte do trabalho é realizado de maneira voluntária e, assim, qualquer ajuda era bem vinda. Em determinados programas é preciso que se auxilie na produção de notícias. Algumas vezes os operadores de som têm que realizar alguma outra atividade, como auxiliar em piquetes de grevistas ou então realizar visitas aos apoiadores culturais, que anunciam seus serviços nos intervalos. Assim é necessário que alguém fique no estúdio com a pessoa que está realizando o programa para que não a sobrecarregue.

Inicialmente resolvi a questão oferecendo-me para ajudar na produção do programa de notícias *Contraponto*. Este programa era feito pelo João e também por Fabrício e Valéria²⁷, ambos jornalistas. O programa consistia na leitura de notícias de agências e jornais, parte que cabia a Valéria, e também de entrevistas, responsabilidade do Fabrício. Eles também costumavam utilizar o *facebook* e *twitter* para informar sobre o programa. No início de minha pesquisa, Renato, meu primeiro informante, ainda estava

27 Ambos já saíram da rádio, sendo substituídos por Daniel e Antônio, os quais realizavam o mesmo programa anteriormente.

presente na rádio como coordenador de programação e também passava algumas notícias para o programa e com ele aprendi como fazer a procura e edição deste material com base num filtro ideológico, baseado naquelas agências que teriam uma “visão de esquerda”.

Pediram-me que seleccionasse matérias internacionais para que eles lessem no ar. Fui educado por eles sobre a correta utilização de termos, e também sobre a busca ou edição de notícias, dependendo da fonte de confiança. Quando tais demarcações surgiam, eu perguntava o porquê de usar tal termo, o que causava algumas vezes espanto, pois para elas deveriam ser óbvias. Assim eu tinha de me adequar aos usos linguísticos dos participantes da rádio, além de agir como um integrante, pelo menos enquanto exercia estas atividades.

Davam maior ênfase às notícias locais, depois às Estaduais, às Nacionais e, por fim, às Internacionais. Tais notícias eram buscadas em agências pré-definidas, como os sites do Palácio do Planalto, O vermelho (do PC do B), entre outras, as quais não precisavam de uma revisão dos termos utilizados, por exemplo, quando se falava sobre o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, não utilizavam o termo “invasão”, mas “ocupação”. O uso do termo “presidenta” era também enfatizado.

Outra forma que encontrei de participar dos programas foi trabalhar na operação de som: acionando microfones e tocando as músicas escolhidas por aqueles que faziam o programa. Uma vez fui fazer o intervalo do programa e falei ao microfone “vamos aos comerciais”. Fui imediatamente repreendido pelos presentes. Disseram-me que não se dizia comerciais, por ser um termo de rádio comercial e tradicional. Como tratava-se de uma rádio comunitária, trabalhavam com “apoios culturais”.

Em princípio, os apoiadores da rádio têm conhecimento do projeto político, sendo esta a principal razão, na fala dos integrantes da rádio, de realizar o anúncio comercial na rádio. Entre seus apoiadores notam-se advogados trabalhistas, cooperativas de alimentação, camelôs entre outros, sendo característica principal não serem grandes comércios ou pequenos prestadores de serviço. Notei que eu não fui o único a cometer tal erro, havendo duas outras oportunidades em que realizadores de programas falaram em “comerciais” e, logo após, se deram conta do “erro”.

A terceira forma de justificar a minha presença foi secretariando as reuniões e assembleias. Não houve um convite oficial, mas como perceberam que eu anotava o que era dito, sempre solicitavam as minhas observações para produzir uma memória dos encontros anteriores, o que percebi não existir até então. Não existia um acervo de atas de assembleias e reuniões, tampouco um arquivo com os documentos da rádio.

Nas ocasiões em que acompanhei as reuniões da coordenação, geralmente eu era apresentado da seguinte forma:

- Esse aí é o Ricardo, um companheiro nosso.

Ou ainda:

- É um militante e está dando uma força para a rádio.

Quando isso ocorria, geralmente era para justificar minha presença em alguma reunião ou conversa junto a algum sindicalista ou militante de fora da cidade ou que não frequentava a rádio e tal apresentação era feita por pessoa de confiança deste estranho, geralmente algum sindicalista que era também coordenador da rádio.

Em diversas situações eu era instigado a participar ativamente, o que significa necessariamente tomar posição sobre os temas que eram debatidos. Numa ocasião me foi solicitado escrever uma matéria para o jornal que era publicado pelo grupo de jornalistas da rádio, chamado *Atento*. A matéria que me pediram tinha relação com o que havia escrito na minha dissertação de mestrado, sobre a coleta seletiva de lixo na cidade (SEVERO, 2008). Fiz a matéria e nela escrevi críticas em relação à gestão municipal atual e a anterior, que era do PT. Antes de publicar mostrei a Renato e perguntei o que achava. Ele disse que eu tinha que manter as críticas. Percebi que mesmo sendo presente a questão partidária nos espaços da rádio, não é uma obrigação ser simpático e apologista incondicional, cabendo a crítica, quando é compreendida como pertinente de acordo com os indivíduos positivamente colocados no campo, no caso Renato.

Quando estavam preparando a próxima edição do jornal me pediram novamente que escrevesse, mas, desta vez, sobre o projeto municipal que tratava do aumento do número de vereadores, tal projeto estava em votação na câmara municipal.

Eu havia dito que, se escrevesse algo, seria contra tal aumento. Não sabia, mas minha posição contrariava a opinião do pessoal da rádio, em especial a do Renato. Subitamente, mudaram a demanda e pediram que eu escrevesse sobre o aumento do valor do PIB para a educação, o que não fiz. Percebi que se continuasse escrevendo matérias poderia envolver-me em uma posição no grupo de forma subordinada a Renato, o que poderia influenciar o trabalho de pesquisa. Decidi deixar de colaborar para não ser um integrante da rádio e do jornal, mas um observador.

Estas situações me possibilitaram identificar os lugares sociais no campo. Através delas foi possível localizar a hierarquia, saber quem “manda”, ou melhor, qual o código que organiza as práticas, que é consolidado pelo *habitus* e expresso por orientações políticas aceitas e rechaçadas, que apresentam-se, muitas vezes, por uma forma de censura velada, considerada a partir desta situação e de relatos dos demais entrevistados e no acompanhamento diário. Se não as aceitar em termos gerais, sou, de alguma forma, rejeitado. Diria que é aí que o objetivo do trabalho entra. Saber como operam, no cotidiano, as interdições, os conflitos e demais relações sociais destes indivíduos.

As observações de Eunice Durham (2004) sobre os limites entre o papel do cientista social e do militante me foram caras. Escritas há mais de trinta anos, para meu caso, pareceram extremamente atuais. Não substituir a observação participante por uma defesa incondicional dos indivíduos que estou acompanhando, sem que, ao mesmo tempo, rejeite a simpatia que sinto por estas pessoas. Tal simpatia não resulta, entretanto, em uma identificação forçada com o grupo, no intuito de tornar-se um deles. Concordando com Roy Wagner (2010), para o pesquisador, é inútil tornar-se um nativo. Não existirão estranhamentos ou choques culturais. O que é dito passaria despercebido, compreendido como “natural”.

No entanto, utilizando o mesmo autor, é uma *invenção* a distância que se tenta criar. Estar próximo destes sujeitos possibilitou que conhecesse de maneira mais aprofundada suas idiossincrasias e particularidades. Procurei relatar e interpretar as

situações em que percebi um estranhamento, diferenças de padrões de comportamento social que são próprias dos participantes do universo social pesquisado. Seria falso dizer que meu prévio relacionamento com estas pessoas, mesmo que esporádico, não me foi útil para compreensão de alguns códigos e comportamentos.

Quando Geertz (1989) fala em uma descrição densa, em meu caso, o envolvimento anterior com algumas práticas militantes me auxiliou significativamente a identificar e diferenciar as pessoas de acordo com seu envolvimento partidário ou sindical e quais são as categorias de maior peso para se comunicarem e se posicionarem no campo. Um exemplo: o uso do termo *companheirada*. Dependendo de quem diz e da forma, será uma ironia ou expressão de proximidade. Por já ser reconhecido, pude entrar em espaços que não seriam permitidos a um estranho, como, por exemplo, acompanhar as discussões da coordenação da rádio, pois sempre havia um dos presentes que já me conhecia e defendia minha permanência, por eu ser de confiança. Esta pode ser compreendida como a não divulgação do conteúdo das falas nestas reuniões, em especial quando se dirigem a alguém em específico. É preciso conhecer o código que é válido para estas pessoas e, principalmente, o que poderia ser falado ou não para pessoas “de fora”.

Operacionalmente para a pesquisa decidi que o conteúdo destas reuniões não seria abordado na tese, de forma a não quebrar os laços de confiança, tratando da maneira que estabelecem as relações sociais entre si e quem são os sujeitos que elencam como pertencentes do grupo.

Minha preocupação diz respeito à observação de Durham para quem os “objetos de pesquisa” [...] cobram dos investigadores esse tipo de atuação e de identificação política (2004, p. 27)”. É próprio do *metier* não resvalar para a apologia incondicional. Minhas reservas não vão neste sentido, mas o receio de ser visto como fofoqueiro. Considerarei que indisposições entre sujeitos, pela longevidade de relacionamento, por exemplo, já que a rádio existe há doze anos, ou desentendimentos de outra ordem, deveriam ser tratados sem nomear os envolvidos. Desta forma todos os nomes utilizados no trabalho são pseudônimos.

Enfim, orientando-me por Roberto Cardoso de Oliveira (2006), percebo que estou observando *o outro* e assim, seria falso empregar a linguagem política tal qual a utilizada

pelas pessoas do campo pesquisado, mas também a minha permanência na rádio só foi possível por haver alguma identificação política com estes sujeitos. Foi fundamental, portanto, ser compreendido pelos integrantes da rádio, como alguém “simpático” aos grupos que a produzem.

Algumas vezes era chamado para alguma reunião de avaliação na rádio e minha opinião era solicitada por ser um “olhar de fora”, o que já me enquadrava como alguém que não é, como eles diziam, “orgânico” ao grupo. Nessas ocasiões, geralmente eu buscava repetir o que os integrantes da rádio diziam com outras palavras. Também me tranquilizava por perceber que as cobranças não seriam as mesmas feitas aos demais integrantes da rádio e também que havia o estranhamento por parte deles.

Procurei estar presente na rádio, seja como operador de som ou apenas observando a programação e em reuniões, anotando as falas, no período de março de 2011 a fevereiro de 2012. A rádio transmite em todos os dias da semana, das seis da manhã até a meia noite. Como não conseguiria estar presente durante todo este período, priorizei os horários da manhã e tarde, de segunda-feira a sexta-feira, pois eram os momentos em que os militantes com presença diária compareciam e estes indivíduos que seriam o foco da pesquisa. Os programas da noite e finais de semana adotei dois procedimentos: entrevistas e acompanhamento da programação pelo rádio. Inicialmente havia pensado em conduzir a pesquisa utilizando a observação participante e também gravando a programação, mas percebi que seria insuficiente para compreender o que buscava: captar a percepção dos militantes sobre suas práticas e também sobre sua participação na rádio.

No início da pesquisa tentei fazer entrevista não estruturada com o Renato. O assunto era obviamente a rádio, mas deixei-o falar à vontade, com perguntas sobre temas que ele colocava na conversa. Em sua fala uma palavra começou a se repetir a todo o momento. *“A cultura, cara!”, ele me dizia. “Por que antes eu pensava que a gente pegava as pessoas pela notícia, mas hoje vejo que é pela cultura.”* Por pegar ele queria dizer convencer sobre a posição política da rádio e seus integrantes. Perguntei-lhe, quando falava em cultura, o que queria dizer. *“Ah, a cultura é tudo!”*. Não conseguia dar um sentido ao seu discurso, perceber como operava concretamente, pois estava apenas com

os relatos e entrevistas. Compreendi o que era cultura para Renato somente após acompanhá-lo por algum tempo na rádio. Pela observação participante.

Havia uma crítica muito forte por parte dele aos sindicalistas, que segundo ele não compreendiam as expressões artísticas, como exposições de fotos, gravuras, música, etc. Algumas vezes ele bancava que artistas expusessem seus trabalhos na sede dos bancários e em algumas situações isto gerava conflitos com os demais diretores do sindicato, pois diziam que não tinha nada a ver com eles. Centravam-se, me disse, somente na política e não conseguiam aglutinar pessoas novas para o sindicato e tampouco para militância. Política passava a ser, para ela, uma categoria relacionada a um sentimento de cinismo, trabalho, partidarismo, ao passo que cultura tornava-se expressão de grupos jovens que produziam formas de expressão artística e que convenciam outros a ingressar na rede social de sujeitos próximos à rádio.

Mais, para Renato a cultura trata de questões que não envolvem diretamente o partido, o sindicato, a manifestação e enfim, a política de maneira direta ou apresentada enquanto política em sua finalidade. Percebeu, ao longo de sua participação na rádio, que conseguia aproximar mais pessoas da rádio e do sindicato através destas exposições, de shows e demais “atividades culturais”. Cultura, para Renato, são atividades artísticas e musicais, que quando propostas por pessoas que são do grupo, servem como porta de entrada na militância.

Assim em termos de compreensão da lógica discursiva dos pesquisados, com o auxílio de Giddens (2009), compreendi que existem dois níveis de Razão: *Prática* e *Discursiva*. A primeira se dá no processo cotidiano de ação social, de forma processual. Neste processo, que requer interação social, são criadas e apreendidas normas, em um constante fluxo de agentes, os quais utilizam a rotinização das ações como forma de estabelecer relações duradouras, baseadas em valores sociais que são partilhados pelos participantes do grupo. Neste nível se dá a razão prática, enquanto em ação a pessoa sabe o que faz. No entanto, quando se opera a razão discursiva, observa-se um *gap*, não batendo o discurso com a prática de maneira direta, pois:

...as razões que os atores oferecem discursivamente para o que fazem podem divergir da racionalização da ação quando realmente envolvida no fluxo de conduta destes atores (GIDDENS, 2009, p. 5).

Quer dizer que serão razões apresentadas não coincidentes. Penso que não é em razão da incompetência do agente entrevistado, mas sim do entrevistador e do processo de entrevista quando não acompanha a rotina dos indivíduos pesquisados, razão pela qual escolhi acompanhar o cotidiano dos integrantes da rádio antes de realizar as entrevistas, de forma a compreender sua intencionalidade racional em contraste com as práticas já observadas. O questionamento deve seguir o fluxo de ação operada no nível da razão prática, de forma a facilitar que o entrevistado consiga colocar a resposta em termos de razão discursiva. Deve-se apreender a razão operante, conforme exposto por Zaluar (2004), compreendendo a fala como ligada a determinado contexto e práticas específicas. Daí que ao acompanhar as práticas dos ativistas e depois realizar as entrevistas ser tão importante, pois compreenderia quais seriam seus significantes.

Desta forma percebi que a maneira de compreender a fala dos indivíduos pesquisados se dá utilizando-se o método etnográfico como ferramenta de compreensão da razão prática destes sujeitos, e somente após esta operação, utilizar a entrevista, seguindo a lógica do agente sem ficar preso à escrita de escrita antropológica. Para isso é preciso conhecer o campo e o sujeito, assim como o contexto de ação destes, a forma como se relacionam o que ocorre a partir do momento em que se sentem à vontade na presença do pesquisador. Por esta razão na primeira entrevista ainda não compreendia o que Renato queria me dizer com “*cultura é tudo*”. Pela cultura ele conseguia convencer as pessoas a envolverem-se na rádio e na militância.

Assim, meu diário de campo foi se enchendo com relatos de práticas cotidianas dos participantes dos programas, da coordenação e visitantes da rádio. Inicialmente organizei o diário de maneira cronológica. Com o passar do tempo percebi que esta organização era insuficiente. Comecei a separar temas políticos e dinâmicas sociais, como conflito, reconhecimento e redes, que pareciam recorrentes.

Queria entender melhor estas práticas recorrentes, como os conflitos que surgiam entre militantes e também como algumas formas de agir e se posicionar surgiram e como influenciam nas relações destes militantes. Quando me senti mais situado nas dinâmicas sociais, com base nas minhas observações, parti para a realização de entrevistas, ciente da crítica de Bourdieu sobre a ilusão biográfica (1996; 2010), segundo o qual o entrevistado buscará dar uma coerência à sua biografia de acordo com a perspectiva presente. Perspectiva que abracei, pois esta construção de coerência, em contraste com suas práticas é que parecem como construções sociais mais interessantes para a pesquisa.

Em suma, buscava compreender a construção de sua biografia e a relação que estabelecia com seu ativismo, sem adotar a perspectiva de uma disposição para a política anterior à entrada no campo, mas como as redes sociais e a possibilidade percebida de poder acionar gostos pessoais no espaço da rádio possibilitaram que permanecesse engajado e em que situações tais redes e gostos deixam de ser suficientes para a manutenção do engajamento.

Meu foco foram os **agentes** que participaram ou participam deste processo de comunicação. É preciso dizer que, com certeza, fiz injustiça com alguns destes sujeitos. Mais de 80 pessoas por semana, me informa Maurício, um dos operadores de som da rádio. Darei prioridade a alguns, muito em razão da quantidade de pessoas envolvidas neste projeto e pela diferença de tempo de participação existente entre os grupos na rádio. Desta forma escolhi entrevistar sete indivíduos que estão envolvidos com a rádio desde sua fundação ou há mais de cinco anos, considerando a interação com outros agentes da rádio, como os coordenadores da rádio e militantes de outros movimentos, de forma a apresentar um cenário que busca apresentar as dinâmicas sociais que estão envolvidas no engajamento na RádioCom.

Assim, com todas as “frescuras”, no meio de sindicalistas, acadêmicos, amantes de rádio e outros, busquei um equilíbrio que me proporcionasse o desenvolvimento da pesquisa junto à rádio, especialmente sobre o engajamento militante, o que procurei fazer acompanhando a razão prática e lógica. O que diziam e o que faziam. A abordagem escolhida buscou captar a perspectiva sincrônica, ou seja, como o indivíduo militante se localiza em dado cenário social. Sua prática e sua fala.

3 - CENÁRIO POLÍTICO: em que situação surge a rádio?

Segundo Airton, alguns sindicatos da cidade tiveram, até o ano 2000, um programa na Rádio Universidade – AM, da UCPel, que ia ao ar aos sábados pela manhã. Este programa era apresentado por um jornalista filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT) e que tinha contatos com o movimento sindical, assim como com outros partidos políticos de esquerda, como PC do B, PCB e PSB. Também os sindicatos que mantinham tal programa eram aqueles que tinham identificação com tais partidos. Neste programa eram discutidos e apresentados temas relacionados às questões sindicais locais e nacionais, assim como temas políticos, com enfoque de esquerda. Este programa era pago pelos sindicatos que dele participavam e era realizado em forma de debate, com a presença de lideranças sindicais que debatiam os temas com auxílio deste jornalista.

A partir dessas experiências, alguns sindicalistas, em especial os bancários, perguntaram-se porque não produzir seu próprio material através de um meio de comunicação que fosse de posse coletiva de sindicatos e demais movimentos sociais. Na Rádio da Universidade (RU), o espaço que dispunham era restrito ao programa e o resto da programação era pautada por uma visão antagônica à dos sindicatos e dos movimentos sociais. Segundo Airton, uma visão de direita, reacionária. Falava-se mal, ao longo da programação, dos sindicatos e da esquerda como um todo. Não havia espaço para eles, além daquele pago, razão pela qual decidiram reunir-se para debater o início de um projeto de comunicação próprio, que depois seria batizado de RádioCom.

Além dos sindicalistas, reúnem-se pessoas interessadas em atividades culturais alternativas, como costumavam denominar, sendo aqueles estilos musicais e temas que não eram veiculados pela mídia tradicional, de forma a compor um quadro que compusesse tanto a cultura quanto a política, de acordo com a divisão que muitos fazem sobre as temáticas da rádio.

As reuniões iniciaram-se no ano de 1998 no sindicato dos bancários e agregaram, inicialmente, o próprio sindicato dos bancários, sindicato da alimentação, radialistas ligados ao sindicato de sua categoria, partidários do PC do B e PT, produtores culturais e

movimentos sociais. Joca, operador de som na rádio, fala sobre a origem da rádio.

Eu sou o mais antigo da RádioCom. A rádio começou porque eu e o Cláudio morávamos juntos e a gente costumava ouvir música diariamente, e a gente ficava sonhando, imaginando uma rádio daquele estilo. E depois tivemos um programa na rádio Alfa. O Caleidoscópio, que ainda apresento na RádioCom e a gente passou a sonhar com a rádio, e o Cláudio pensou em levar a proposta das rádios comunitárias, a essência, através do Gusmão, e levou a proposta para o sindicato dos bancários. E aí passou a ter reuniões que a gente via quais eram as possibilidades de colocar no ar uma rádio. E aí através do sindicato dos bancários. Foram convocados outros sindicatos para dar a possibilidade de sustentação da rádio. Esse foi o começo da RádioCom. As reuniões da base da RádioCom levaram bastante tempo. Eu me lembro que eu falava para amigos que iria para a reunião da rádio e eles ficavam rindo porque achavam que não iria acontecer a rádio. Dois anos e meio de reuniões. Mas, realmente, conseguimos estruturar uma coisa séria e única como a RádioCom é (Joca, 2012).

No período em que ocorriam tais encontros, há ainda a hegemonia política no cenário nacional do que se denomina neoliberalismo (ANTUNES, 2003; CHOSSUDOVSKY, 1999), o qual propunha a redução do papel do Estado, em especial no que tange ao oferecimento de serviços públicos, administração e gestão de empresas pelo Estado, passando este período por uma série de privatizações, além da abertura da economia interna, na forma de desvalorização da moeda nacional e, conseqüentemente, no aumento das importações, gerando uma crise, inicialmente, na economia produtiva local.

Tal cenário político e econômico trouxe diversas implicações sobre a organização do trabalho, causando transformações no sindicalismo brasileiro, seja tanto pela abertura do mercado interno, quanto pela modificação das relações com o funcionalismo público, no oferecimento de serviços públicos (saúde, educação etc.) e na representação política, sendo ainda período de domínio do PSDB em nível nacional (FHC), fim do governo Britto (PMDB) no Estado e início do governo Olívio Dutra (PT), quando, também, em Pelotas, foi início, no ano de 2000, do governo Fernando Marroni (PT), estes últimos, considerados como polos de resistência à política neoliberal.

Havia, portanto, uma polarização política que agregava uma série de atores sociais em um bloco minimamente organizado contra o modelo político adotado na gestão do Estado que aglutinava movimentos sociais como MST, MTD, ambientalistas, sindicatos ligados à CUT e, conseqüentemente, partidos políticos de esquerda, que formavam a Frente Popular (PT, PC do B, PSB e PCB), com representação nos parlamentos, mas sem grande expressão nos executivos estaduais, todos posicionados contra os gestores do modelo político de então (representados por PSDB, PFL, PMDB, PPB e demais partidos apoiadores dessa orientação política de direita).

Havia, então, uma relativa clareza de esquerda e direita em termos de projeto político institucional e sua relação com os movimentos sociais. A direita seria aquilo que estava dado, concreto e em realização em nível nacional, realizado pelas orientações do FMI de redução do Estado, contrapondo-se à esquerda como uma utopia e, institucionalmente, por um programa de bem-estar social e aglutinando os movimentos sociais e a sociedade civil às decisões do governo.

É possível afirmar que enquanto a direita trabalha, em termos discursivos, com o real, a esquerda constrói-se com os sonhos (PIERUCCI, 1999). A direita busca a manutenção do *status quo*, enquanto a esquerda ocupa-se da transformação desta realidade. Nas palavras de Mannheim (1952, p. 179), “um estado mental é utópico quando é incongruente com o estado de realidade dentro do qual ocorre.” A esquerda afirma-se pela construção de um estado ainda não existente e que abarca uma série de *diferenças*²⁸ (PIERUCCI, 1999), com debates de gênero, etnia, ambiente entre outros, de forma a buscar que estes não sejam discriminados pelo estado atual das coisas. Busca, em síntese, *transformar* a realidade.

Bobbio (2011), ao debruçar-se nesta dicotomia, trabalha com a noção de que a esquerda historicamente abraça o princípio da igualdade, incluindo aí a possibilidade da diferença, elemento distinto da desigualdade, pois não propõe como princípio a hierarquia

28 Pierucci, assim como Mannheim, faz a distinção entre esquerda e direita em termos do que é dado e daquilo que se busca construir, em termos utópicos. Nota, no entanto, que a esquerda contemporânea, ao entrar no debate das diferenças, acaba por perder-se em termos argumentativos, dado que o terreno da *diferença* foi historicamente uma bandeira da direita. No entanto, enquanto a diferença da esquerda busca a aceitação, a da direita busca a exclusão.

destas, mas como elemento de inclusão do diverso em patamares de pertencimento dentro de uma coletividade. Para o autor:

...a pessoa de esquerda é aquela que considera mais o que os homens tem em comum do que o que os divide, e de que a pessoa de direita, ao contrário, dá maior relevância política ao que diferencia um homem do outro do que ao que os une, a diferença entre direita e esquerda revela-se no fato de que, para a pessoa de esquerda, a igualdade é a regra e a desigualdade, a exceção (BOBBIO, p. 23, 2011).

Ademais, a dicotomia, de acordo com o mesmo autor, ainda abarca o apreço da direita às tradições e à desigualdade como princípio, enquanto a esquerda busca a emancipação e a igualdade dentro do diverso. Afirmo que os organizadores e os militantes da rádio estavam colocados, à época da criação da rádio, dentro desta tipologia, pois buscavam a transformação da realidade, abraçando um projeto que não tem um fim pragmático imediato, mas princípios de mudança paradigmática no que diz respeito à comunicação de maneira utópica.

Partindo do pressuposto de que a comunicação é um direito de todos, a RádioCom 104.5 procura interferir na sociedade para **transformá-la** (grifo do autor) através de um processo plural, democrático e participativo na difusão das informações de interesse público.²⁹

Há o desejo de criar um “espaço contra hegemônico de comunicação”, com o objetivo de transformação da realidade social. Queriam construir “uma outra comunicação”, contrapondo-se ao que interpretavam como uma hegemonia da comunicação comercial, tradicional e não participativa. Lê-se na apresentação no *site* da RádioCom o seguinte:

29 Disponível em www.radiocom.org.br

A RádioCom foi construída e desenvolve-se a partir das vivências de cada um dos seus “co-arquitetos”. São sindicalistas, trabalhadores, artistas, pessoas que se dedicam à causa da luta pelo direito de cada um poder expressar-se. São indivíduos que juntos constituem um espaço que Downing³⁰ chama de esfera pública alternativa ou contra-esfera pública, ou seja, é um fórum que “oferece aos movimentos a oportunidade de conversar entre suas **divisões internas** (grifo do autor), e assim enriquecer-se e fortalecer-se – é um conceito que dirige a nossa atenção para o papel da mídia radical em estimular o debate”.³¹

Ao mencionar as divisões internas, percebe que há diferenças entre os grupos, mas todos seriam pertencentes a um bloco composto por uma variedade de sujeitos, compreendendo que há uma diversidade e que este elemento é da característica intrínseca a um projeto como a rádio. A preocupação inicial de não fazer uma rádio estritamente sindical consolidou o projeto.

Cláudio e Gusmão, indivíduos mapeados como os dois iniciadores das reuniões, acompanharam uma experiência de construção de rádio comunitária na cidade de Rio Grande/RS e perceberam que, após algum tempo, os sindicatos abandonaram a experiência e quando mantinham as transmissões, resumiam-se às pautas deste movimento sem dar ênfase a elementos culturais locais. Assim, decidiram que seria fundamental trazer sujeitos de diferentes experiências, mas que pudessem compor um bloco minimamente coerente em termos políticos. Através da distinção de *nós* e *eles*, identificando apoiadores e antagonistas é que a rádio se constrói.

Ao longo da programação, há pequenas inserções de uma campanha de associação à rádio para conseguir auxiliar financeiramente o projeto que busca identificar quem são os agentes da rádio e quem busca como apoiadores.

30 John D. H Downing. Mídia Radical: rebeldia das comunicações e movimentos sociais.

31 Disponível em www.radiocom.org.br

Todo projeto comunitário é eminentemente um projeto coletivo. Na RádioCom você é mais que um ouvinte. É um companheiro, um amigo e certamente um entusiasta e colaborador. Passada mais de uma década de história, a nossa emissora precisa do seu apoio para continuar levando à sociedade uma programação que respeita a diversidade cultural e posiciona-se frontalmente ao lado dos trabalhadores e dos movimentos sociais (Spot RádioCom, 2013).

Em Pelotas, à época dos anos 2000, havia, da mesma forma, uma sintonia entre os militantes de diversos movimentos³². Os sindicatos, de servidores federais ou municipais, estavam frequentemente mobilizados ou em estado de greve contra as modificações impostas pelos governos, assim como trabalhadores do setor privado, especialmente bancários, que vinham enfrentando desde os anos 80 uma série de mudanças em sua organização de trabalho, especialmente a redução de trabalhadores e a imposição de metas.

Na cidade, destacaram-se, na época, o ativismo do sindicato dos bancários e sindicato da alimentação, ambos com uma inter-relação com os partidos de esquerda (PT, com suas diversas correntes internas, e PC do B). Os estudantes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) tinham como reitora uma representante do ideário político de FHC, que vinha cortando recursos, como transporte, alimentação e moradia, tendo sido realizada uma greve de estudantes no ano de 2001, com alguns militantes ligados a uma corrente interna do PT realizando uma greve de fome dentro do prédio do Centro de Integração Mercosul/UFPel, contra esta gestão.

Diversos movimentos sociais, como o movimento negro, com uma pauta local contra a imagem romântica das charqueadas que frequentemente apaga os negros da história, e ambientalistas, em especial os integrantes do Centro de Estudos Ambientais (CEA), participavam desses grupos em manifestações e eventos públicos contra a política de então, seja nacional, estadual ou federal e, especialmente, quando os gestores eram do PSDB e PMDB, haja vista que muitos integrantes desses movimentos sociais eram

32 Há de se chamar a atenção de que muitas vezes a separação entre movimentos sociais é de tipo-ideal. Na realidade os militantes que observo não se restringem a um único engajamento. São sindicalistas e partidários, do Movimento Estudantil e do Instituto Mário Alves, ou seja, realizam uma militância multiplexa, no sentido de participarem de um conjunto de envolvimentos políticos.

também filiados aos partidos de esquerda³³.

Destaca-se, neste período, a realização do I Fórum Social Mundial (FSM), em Porto Alegre, em 2000, e que teve ampla adesão desses setores. A realização em Porto Alegre era simbólica, pois era, à época, uma administração petista, sendo apoiada pela grande maioria desses movimentos. Sobre tal conjuntura, Daniel, um dos integrantes da rádio, disse-me certa vez que quando começou na rádio, Diogo havia lhe passado qual era a tarefa: – *O negócio é bater no governo federal (PSDB), no governo municipal (PDT) e aliviar para o governo Estadual*³⁴(PT, de Olívio Dutra).

O FSM é sintomático da reunião destes diversos agrupamentos, que viam no PT uma possibilidade real de concretização de um projeto de esquerda, e ao qual os militantes de Pelotas aderiram quase que completamente. Um professor universitário, antigo militante do PT local, dizia, à época, que o FSM seria a V Internacional, em alusão à organização socialista criada por Marx. Eram, portanto, estudantes, sindicalistas, professores universitários, entre outros, que intitulavam-se como “de esquerda” e que participavam da construção de um grupo que buscava mudanças institucionais e também na sociedade civil por meio de participação em espaços públicos e também nos seus respectivos espaços de militância. É nesta conjuntura de ascensão de mobilizações sociais que surge a RádioCom. Em Pelotas, houve mobilização de estudantes para organizar a ida até o FSM, estando presentes integrantes da RádioCom, o que possibilitou um crescimento da participação deste segmento na rádio.

A rádio está instalada desde o ano de 2000 em uma sala comercial de propriedade do sindicato dos bancários de Pelotas, que havia sido ocupada pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), num prédio comercial. Fica no centro da cidade, a uma quadra do centro histórico, onde se encontram os casarões reformados dos charqueadores, sendo um destes a Secretaria de Cultura, também perto da Prefeitura Municipal, da Praça Coronel Pedro Osório, da esquina democrática e do Calçadão da Andrade Neves, principal área comercial da cidade. A rádio está em um local central e estratégico, seja

33 Especialmente a corrente Democracia Socialista (DS) do PT, tendo alguns integrantes desta ONG ido ocupar cargos de confiança para este partido, seja no município ou no Estado do Rio Grande do Sul e também no Governo Federal. Não sendo parte deste trabalho, mas é interessante o registro de que, após terem ido ocupar estes cargos, muitos deixaram a ONG, havendo discordância entre o que defendiam enquanto governo com as propostas da ONG.

34 O sujeito desta fala, hoje (2013), é assessor parlamentar de um deputado petista.

para cobertura de manifestações ou para entrevistar autoridades municipais. A maioria das manifestações ocorre nestes locais, o que permitiu em muitas situações que os comunicadores pudessem acompanhar diretamente as mobilizações e entrassem na programação com informações sobre o que ocorria.

Além de central, a emissora dispunha de uma estrutura e de pessoal, comparando-se com outras rádios comunitárias, de forma privilegiada. Na sala comercial em que a rádio opera há divisão entre a sala de transmissão e de produção. Na entrada, vemos cartazes de cursos de formação realizados na sede do sindicato dos bancários, tendo como tema a formação política e a construção da comunicação “contra hegemônica”, além do enfoque na política latino-americana. Também adesivos de outros movimentos sociais, como MST e MTD, além do adesivo da campanha de Olívio Dutra para governador do Estado do RS.

Na sala de operação há um computador, mesa de som e três microfones, sendo isolada acusticamente e contando com acervo de CDs, LPs e demais equipamentos necessários à transmissão. Vê-se, ao lado da janela, um quadro de estopa com uma foto de Che Guevara e uma frase dele. Na sala de produção, há dois computadores com internet. Conta com quatro pessoas que trabalham na função de operadores de som e mais duas pessoas que trabalhavam como jornalistas, todos recebendo o piso salarial de radialista com uma carga horária de cinco horas diárias³⁵.

Além deste pessoal pago para estar envolvido cotidianamente, havia a presença constante dos coordenadores, na maioria sindicalistas liberados para atividades sindicais e militantes, além de a rádio sempre contar com um número expressivo de voluntários, sendo significativo, desde sua origem, a presença de universitários, a maioria ligada ao movimento estudantil e integrante de alguma corrente partidária³⁶.

Muitos dos sindicalistas também são ou foram estudantes universitários, em especial do curso de Comunicação Social (UCPel), o que gerou uma influência de autores que trazem um viés crítico na criação da rádio, em especial em termos conceituais,

35 À época (2012), o valor era de um salário mínimo (aproximadamente R\$ 622,00).

36 No princípio da rádio (de 2000 até aproximadamente 2002) especialmente do PT (DS, BS, Articulação de Esquerda, Tendência Marxista) e PC do B.

trazendo o debate de autores da comunicação crítica na construção ideal da rádio, assim como pela inclusão na rede social de estudantes e professores universitários. Estes colaboram seja na rádio como em demais espaços militantes desses grupos, auxiliando na produção de programas culturais, de notícias, na produção de jornais sindicais etc.

Neste cenário inicial de mobilização e criação da emissora, era possível perceber a polarização esquerda (movimentos sociais e sindicatos) versus direita (governo). Já no ano 2000, houve a eleição de Fernando Marroni para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Alguns produtores da rádio, no decorrer desta gestão (que vai até 2004, não sendo reeleita), foram convidados a atuar no governo como cargos de confiança (CCs) e saíram da emissora, retornando depois do fim deste mandato. A rádio, que inicialmente “aliviava” somente para o Governo Estadual (Olívio Dutra), passou a “aliviar” para Marroni, havendo, no entanto, espaço para a crítica, desde que restrito ao espaço das “diferenças internas”.

A separação anterior, entre esquerda e direita, modificou-se à medida que a primeira institucionalizou-se, mudando, em muitas situações, o tom da crítica. A direita, em muitas falas na rádio, tornou-se mais genérica. Passou a figurar como valores arraigados, sem identificar seus executores. O antagonista, figura bem definida e que por contraste ajudava a formar a identidade do bloco, tornou-se difuso. Do Governo Municipal, por exemplo, começou-se a realçar a “burguesia local decadente”, que dificultava a mudança ou a implementação de políticas mais progressistas. Também foram ressaltados os valores “provincianos” como negativos. Em Pelotas, o “provincianismo” era identificado como aqueles elementos “arcaicos”, “atrasados” e que dificultariam a implementação de uma política e trato impessoal, valor que não era aplicado pelos críticos. O provincianismo passou a ser identificado, pelos agentes da rádio, como um valor da burguesia e classe média local que baseia seu poder num fechamento de oportunidades de qualquer ordem para aqueles que não participam de seu círculo social.

Em 2002, Lula foi eleito presidente da República. O leque de alianças desta candidatura ampliou a base do governo, incluindo aí partidos como PL, PDT e outros no decorrer do mandato petista, como PMDB e PP, que antes, da perspectiva dos movimentos sociais, e do próprio PT, eram percebidos como antagonistas. A crítica a muitas práticas do governo, que eram vistas como negativas, em especial no que tange

ao trato com os movimentos sociais, foram revistas ou passaram a ser ignoradas, procurando realçar traços positivos como as políticas sociais.

Após a ascensão do PT ao governo, percebe-se que parte significativa do movimento sindical e alguns movimentos sociais passaram a uma estratégia de negociação, compreendendo que o governo “estava em disputa”. Isso ocorre em razão de que muitos dos integrantes do governo, especialmente os quadros do PT, são oriundos do movimento sindical e demais movimentos sociais de apoio. Sujeitos que ontem eram da sociedade civil instauram na institucionalidade. Tal fenômeno é percebido na rádio desde o governo Marroni.

Algumas pessoas da rádio passaram a trabalhar no governo. Outras, em razão de suas preferências partidárias, amenizaram seu tom crítico em relação ao governo, especialmente alguns sindicalistas. Além das questões ideológicas, aqueles sindicalistas que estavam na universidade formavam-se e deixavam de frequentar tal espaço, o que encerrava um ciclo de renovação de jovens que chegava à rádio por intermédio destes sindicalistas. Muitos jovens que militavam na rádio formavam-se e também buscavam novos empregos. Alguns sujeitos-chave, que coordenavam e acompanhavam a rádio no dia a dia, mudaram-se para outras cidades, especialmente Cláudio, filiado ao PC do B e também sindicalista bancário. Ele foi para outra cidade do Estado trabalhar em uma empresa que presta assessoria em campanhas eleitorais para cargos públicos e também para sindicatos da região metropolitana.

Os sindicalistas e demais militantes que permaneceram, acharam-se desgastados pelas responsabilidades cotidianas, seja no sindicato ou na emissora, especialmente no que diz respeito às apreensões de equipamentos e problemas legais com a ANATEL antes da legalização, havendo pouca renovação nas posições de coordenação.

Explicando, a rádio ficou do ano 2000 até 2006 sem licença para funcionamento, cabendo à ANATEL a fiscalização. Nos casos em que não há concessão vigente, este órgão, com escolta da Polícia Federal, costumava fazer “batidas”, para lacrar e confiscar equipamentos, como antenas, computadores e demais utilitários que servem para a transmissão, além de responsabilizar juridicamente aqueles que se colocam como representantes da rádio, no caso, os sindicalistas. Tais fiscalizações e pressões policiais

tendiam a ser muito desgastantes para aqueles que se encontravam na rádio.

Havia eleições para a coordenação, mas geralmente permaneciam as mesmas pessoas, “por falta de gente interessada”, como me relata um dos coordenadores. Tal responsabilidade sobre as lideranças, como destaca Michells (1982), seja pelo tempo de envolvimento, como pela energia necessária para dar continuidade à organização, tende a desgastá-las, seja perante os integrantes da rádio, mas também no que diz respeito à sua vida particular. Tal dinâmica faz com que se tornem menos presentes no dia a dia, mantendo aquelas atividades essenciais para a continuidade da rádio, como pagamento de pessoal e demais atividades administrativas. Esta ausência, causada pela parte dos demais integrantes da rádio, gera sentimentos dúbios. Enquanto alguns reclamam de um excesso de autoridade desses sindicalistas, alguns se ressentem de sua ausência, sentindo-se “solitários”, pois não vislumbram exemplos a serem seguidos, dado que os sindicalistas não se encontram mais no dia a dia da estação.

Recai sobre o sindicalismo a responsabilidade de manutenção deste instrumento, e ademais, sobrecarregando com responsabilidades legais e financeiras muitos dos envolvidos, que respondem pela rádio desde sua fundação. Além destas responsabilidades, estes sindicalistas, muitas vezes, são cobrados pelos colegas de sindicato pela sua participação na rádio, não percebendo “retorno” no investimento nesta organização.

A renovação dos quadros da rádio é restrita enormemente, muito em razão de que diversos dos integrantes da esquerda, que antes passavam por um estágio de formação militante nos movimentos sociais, atualmente, vão diretamente para o governo. A antiga referência a correntes partidárias perde o sentido, pois tais sujeitos não passam mais pela rádio.

Os militantes que se encontram hoje na emissora são oriundos de movimentos sociais criados para utilização de bens e serviços públicos (usuários dos CAPS, por exemplo) jovens jornalistas que foram formados politicamente por aqueles sindicalistas que fizeram Comunicação Social, sem, no entanto, aderirem ao petismo e mantendo-se sem ligações partidárias, mas mantendo uma visão de esquerda, e demais interessados em *cultura*, compreendida como expressão artística, desde que em uma perspectiva

alternativa. A rádio perde, ao que parece, um pouco da antiga unidade política que tinha antes da ascensão do petismo ao governo. Em conversa com Diogo, pergunto-lhe qual é perfil da RádioCom:

A rádio não tem como ter uma definição muito fechada, até mesmo pela própria diversidade pela qual ela é composta. Então, acho que algumas coisas devem ser melhoradas, enquanto grande grupo, enquanto coletivo que é a sua programação, dos seus integrantes saberem quem é a rádio, de onde eles participam, para refletir no ar isso. Para não ficar no risco de ficar apenas fatias de programas dentro de um espaço eletromagnético único. Acho que essa é a maior preocupação que deve ser pensada pela direção da rádio, que acho que não vem sendo pensada (Diogo, 2012).

Em dúvida sobre o que quer dizer com as fatias de programas e sobre a diversidade, pergunto o que é esta preocupação que traz:

Acho que tudo vem do projeto inicial do que foi a rádio, lá em 2001, o espírito dela, e que trouxe tanta gente é ter esse espírito de saber o que é que nós queremos. É uma rádio que veio para não repetir o que as outras repetem, o que as outras fazem. Porque as outras são rádios comerciais, tradicionais, que são preconceituosas, que não abrem o microfone para o povo falar e abrir com esses critérios. E aí vai entrando no ar, as pessoas vão se identificando, vão se aproximando, não se fecha a porta. Acho que esse processo que proporcionou tanta gente se agregar à rádio. É não ter porta fechada. As pessoas vêm e não dizemos não nunca. Dizemos, não, vamos discutir. Acho que é isso que proporcionou essa grande diversidade. Mas a rádio, como qualquer espaço coletivo deve permanentemente fazer autocrítica, debater, discutir, se cagar a pau e apontar caminhos. Errar, mas hoje acho que existe um silêncio muito grande dentro desse coletivo. Um não debate. E isso é muito ruim (Diogo, 2012).

O processo de renovação de militantes na rádio muda significativamente muito em razão das transformações conjunturais na política, que vão transformar as características daquele bloco político no qual a rede surge e que se desestrutura ou se modifica consideravelmente após a chegada do PT ao Governo Federal.

3.1 Qual rádio e que comunidade?

De acordo com a legislação dirigida às rádios comunitárias³⁷, estas devem ter baixa potência de transmissão, restringindo-se à área em que está localizada, sendo uma concepção de comunicação, portanto, restrita a um território³⁸, e devem trazer a preocupação principal de prestação de serviços para esta população, sendo vedado o “proselitismo”. Restringe-se esta forma de comunicação ao bairro (MARTIN-BARBERO, 2007; VENTURA, 2007), percebido como o local por excelência para formação de laços comunitários.

Na prática, tais rádios são, geralmente, de propriedade de uma pessoa ou de um grupo religioso (FASANO, 2011), assim como são usadas para angariar votos para algum candidato a vereador, como nota Monique Aguiar (2007). A mesma autora percebe que há uma visão romântica das rádios comunitárias por parte da produção acadêmica de viés marxista, maioria da produção sobre o tema, não correspondendo à realidade percebida e imputando a estas uma capacidade transformadora, na qual a classe popular³⁹ seria a portadora de uma visão de transformação da realidade (p. 135), compreensão que traz como papel implícito, pelo menos o potencial, de mudança ou agitação desse formato de comunicação (VENTURA, 2007; CILTO, 2006; GIRARDI e JACOBUS, 2009; PERUZZO, 1998; SILVA, 2008; CARVALHAL, 2010), elemento próprio de uma leitura marxista da realidade. A distância entre realidade e produção acadêmica não é o caso da rádio que hora apresenta-se em razão do momento histórico e dos sujeitos envolvidos em sua

37 Lei nº 9.612 de 19 de fevereiro de 1998.

38 Lê-se: § 2º Entende-se por cobertura restrita aquela destinada ao atendimento de determinada comunidade de um bairro e/ou vila.

39 O termo não é isento de disputa na bibliografia (PERUZZO, 1998), e também debatido pelos produtores da RádioCom. Concebe-se a classe popular como uma realidade econômica e também política e cultural em oposição à classe dominante, que seria a burguesia detentora dos meios de produção econômica e cultural. Traz implícita uma noção gramsciana que coloca uma disputa entre dominantes e dominados e que no debate da comunicação social busca disputar os meios de comunicação de forma a travar uma “luta de hegemonia” pelas representações legítimas do que é o popular. O termo, em síntese, não trata do quantitativo, daquilo que a maioria das pessoas ouve, por exemplo, mas de conteúdo, que deve trazer temas próprios ao que se compreende, por parte dos executores da rádio, ser próprio da realidade socioeconômica destas pessoas. Assim, em estilo musical, não se tocam músicas que são compreendidas como de propriedade do status quo, como artistas da moda, mas músicos locais que não têm espaço na mídia tradicional e também artistas como Chico Buarque que são, para estas pessoas, um representante de música engajada e popular, mesmo que não seja ouvida pela maioria das pessoas categorizadas como populares.

criação.⁴⁰

Parte significativa da bibliografia sobre rádios comunitárias é produzida por comunicadores sociais ou sociólogos que têm inserção nos movimentos sociais e tratam de como a rádio comunitária deve ser. São pesquisadores engajados que procuram escrever, via de regra, para pessoas engajadas. São estes autores que se identificam como referência aos produtores da RádioCom, dada a maneira como a estrutura da organização foi montada e pela forma como trabalham cotidianamente.

Aguiar (2007) critica tal construção do objeto, compreendendo-a como normativa e desvinculada da realidade da maioria das rádios comunitárias do Brasil. Segundo a autora, constitui-se a imagem da rádio comunitária como aquela que:

...valoriza a pluralidade social, amplia a esfera pública local, promove a participação popular, conscientiza politicamente, trabalha a cidadania, presta serviços, democratiza a sociedade não adere à defesa de candidatos ou partidos políticos, não possui fins lucrativos, incrementa a cultura e a identidade locais e etc (AGUIAR, 2007, p. 140).

Tais características são os requisitos colocados, de acordo com a autora, pelos defensores normativos da comunicação comunitária, e que tentam diferenciar as “autenticamente comunitárias” daquelas que somente operam no “modelo comunitário”, mas se guiam por uma forma privada de comunicação. Tal tipologia é identificada em Girardi e Jacobus (2009), quando separam as rádios em: *comunitárias* – que têm uma intenção democrática; *livres* – que se diferenciam por não buscar a legalização; *picaretárias* – de propriedade privada, que copiam a comunicação comercial e também

40 A emissora foi criada por sindicalistas, jornalistas, militantes partidários e estudantes de comunicação social que tiveram conhecimento do trajeto sócio-histórico das rádios comunitárias no Brasil. Estas surgem no Brasil, a partir da década de 1960 com rádios amadores, e na década de 1970 e 1980 teve um crescimento significativo em especial nos bairros e vilas, por iniciativa de associações de bairro, e tratavam de demandas locais. Por essa razão, defende-se que os indivíduos pesquisados, em 1998, estariam *deslocados* temporalmente e de grupo social no qual surge o fenômeno das rádios deste perfil. A escolha por este formato parece ter sido instrumental, dada a impossibilidade de se criar uma rádio educativa ou comercial e ideológica, de forma a trazer o tema do comunitarismo em um sentido de pertencimento de grupo ligado a uma construção da esquerda local, grupo que descrevo como participante do bloco histórico que funda a RádioCom e do qual participam alguns sindicatos, ONGs e partidos de esquerda no município de Pelotas.

promovem candidatos a cargos públicos; e *neopentecostais* – de posse de alguma igreja e com finalidade religiosa (p. 24 e 25).

Aguiar discorda da perspectiva de diferenciação de rádios e de que há uma “autêntica”, compreendendo tal tipologia como romântica e engajada. Entendendo que parte significativa das rádios foge de tal perspectiva, parto do pressuposto que a organização estudada por mim é exatamente o modelo de rádio comunitária de Jacobi e Girardi (2009), muito em razão do público que a construiu e a acompanha enquanto ouvinte ou como os próprios produtores definem, como rádiocompanheiros.⁴¹

⁴¹ PRIMEIRO CONTATO COM OUTRAS “RÁDIOS COMUNITÁRIAS”: breve choque

Quando iniciei a pesquisa, generalizei o modelo de rádio que observava. Rompi com esta impressão ao acompanhar a assembleia da Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (Abraço), realizada em junho de 2011 no sindicato dos bancários de Pelotas/RS. Estavam presentes aproximadamente vinte representantes de rádios comunitárias da região Sul do Estado.

O representante da Abraço pretendia informar o atual estágio de negociações da entidade na busca de reconhecimento legal das rádios comunitárias e do credenciamento e autorização destas por parte do governo. À época, buscava-se organizar uma passeata das rádios em Porto Alegre para protestar contra a demora no reconhecimento e concessão de outorgas para operação. A quase totalidade dos presentes não se mostrou interessada na possibilidade de mobilização junto a esta entidade. Estavam interessados em saber como captar verbas governamentais para anúncios em suas rádios, tinham dúvidas sobre como proceder em relação às cobranças do Ecad, assim como outros questionamentos relacionados às possibilidades de ganhos financeiros e demais questões administrativas e de gestão. Um dos presentes questionava fortemente a relação da Abraço com o PT, o que foi negado. Este sujeito disse que preferia se relacionar diretamente com o “seu” deputado, no caso do PMDB.

Logo no início da reunião, Renato e Airton, que me acompanhavam, saíram da reunião para tratar de outros assuntos, visivelmente incomodados. – *Não dá!* Dizia-me Renato. Comentou que apenas a RádioCom era associada à Abraço, pagando uma taxa mensal para tal, e que as demais estavam interessadas em questões, para eles, insignificantes. Para os integrantes da RádioCom a ligação com a Abraço parece indicar uma filiação a questões políticas na tentativa de estabelecer este meio de comunicação como forma alternativa de comunicação ou, em seus termos, produzir uma “contra hegemonia”, ao passo que os demais participantes da reunião pareciam preocupados com temas pragmáticos sem relação com a formação de um grupo identificado com a entidade.

Um dos presentes, que se apresentou como proprietário de rádio relatou como foi prejudicado por um advogado e fez bravatas de como havia lhe dado uma lição. Outra pessoa queria informações sobre

Mesmo considerando a crítica da visão romântica, quando se tratam das rádios comunitárias de maneira genérica, penso ser relevante observar quais são os elementos guias dessa orientação em razão da percepção de que são os valores militantes que são operados pelos indivíduos que pesquiso. Muitos dos integrantes da RádioCom são ativistas e há, em suas visões, uma diferença nos modelos de gestão de uma rádio comunitária, valendo para eles a noção de autenticidade, que significa, em resumo, não copiar um modelo comercial e também não ser de propriedade privada, elementos distintivos das demais rádios.

Leal e Ribeiro (2007), em um estudo comparativo de rádios comunitárias no Brasil e na França, compreendem que a rádio comunitária é:

... um meio de veiculação de conteúdos que expressam interesses e demandas de minorias em uma linguagem que representa a diversidade cultural, étnica, territorial, a qual, muitas vezes, é negligenciada pela indústria da comunicação de largo alcance (LEAL & RIBEIRO, 2007, p. 78).

O fenômeno que observo alinha-se a tal percepção, dado o tom discursivo na fundação e execução da estação, em especial quando se trata de propagar a importância da diversidade da qual é composta, trazendo o discurso de composição de grupos que são excluídos da comunicação tradicional.

Leal e Ribeiro (2007) trazem como requisito de uma rádio com as características apontadas acima a necessidade de tratar da diversidade e do pluralismo de perspectivas,

recebimento de verbas e anúncio de vendedores e verbas institucionais. O representante da Abraço mostrava-se muito solícito ao prestar todas as informações que lhe eram solicitadas e tentava a todo momento retornar para a pauta da mobilização, sem sucesso. Verifiquei uma diversidade de perfis que era distante no perfil social e político daquela que estava habituado. A tipologia de Girardi e Jacobi para compreender estes (2009) fez então sentido.

o que é tratado à exaustão na RádioCom, seja em programas, nos spots⁴² ou por seus colaboradores em eventos públicos. Deve-se, necessariamente, representar a busca de um consenso dos agentes envolvidos em sua realização, o que ocorre elencando os antagonistas, no caso as mídias comerciais e os partidos de direita, assim como o “senso comum”. Baseando-se em Habermas (1998), compreendem que é papel desse instrumento a consolidação de um **espaço público** que busque o diálogo entre os indivíduos desta comunidade, baseado na razão. Uma das formas de constituir tal espaço dá-se, necessariamente, sem a interferência do **econômico**, motivo pelo qual estes agentes são tão criteriosos na seleção de seus apoiadores, que não devem fugir daquilo que creem, constituir o grupo do qual se compõem enquanto bloco, posto em termos de classe social.

Este argumento de espaço público livre da interferência do mercado de Habermas é utilizado como proposta política pelos proponentes da rádio, em especial pelos sindicalistas jornalistas, passando a fazer parte do senso comum desses sujeitos. Há, constantemente, em especial no programa de notícias *Contraponto*, a insistência na construção deste espaço público, que seria a própria emissora, buscando instigar a participação dos ouvintes (“rádiocompanheiros”, “*construtores e colaboradores*”, entre outros termos que buscam), e tentam, pelo menos em argumento, não diferenciar emissor e emitente da fala.

Jankowski (2002) compreende que num veículo de comunicação com tais características, faz-se presente a participação, seja na posse, na programação ou no financiamento da rádio, pois além de “dar voz àqueles sem voz, como grupos marginalizados...”, supre a necessidade de participar da vida dos grupos aos quais se dirige. A forma de participação na RádioCom, pensando-se em tais critérios, dá-se na participação na programação, seja na criação de programas por parte de tais grupos ou participação pontual, na forma de ligações e mensagens sem edição dos produtores e no convite à participação dos espaços de decisão, como assembleias, além da tentativa de financiamento voluntário, o qual até o momento não se mostrou exitoso, dado o baixo retorno financeiro das campanhas de arrecadação na busca de associados à rádio.

42 Termo utilizado para denominar pequenas inserções gravadas, de aproximadamente trinta segundos, tratando de temas diversos.

Além de compreender que o elemento central é a possibilidade aberta por este veículo de expressão de grupos não representados pela mídia comercial, ressalta-se ainda a necessidade de a comunidade gerir a rádio, não sendo apenas receptora, mas gestora e produtora. A mesma compreensão é verificada em Lílian M. Bahia (2008), a qual afirma que a gestão de uma rádio comunitária deve ser pública, operar sem finalidade de lucro e de programação plural. Não observando tais requisitos, a rádio será, em realidade, comercial, com fins individualistas. Para essa autora, a prova de autenticidade de uma rádio comunitária, considerando tanto a origem quanto os objetivos do grupo, é observada caso sejam constatados os seguintes requisitos:

A programação comunitária se define a partir do foco centrado na realidade local, e a gestão deve ser coletiva, contando com a participação direta da comunidade a partir da deliberação de conselhos e assembleias. A interatividade nessa modalidade de emissora se dá na medida em que o microfone é acessível para que a comunidade possa se manifestar. São ainda características da rádio comunitária a valorização da cultura local e compromisso com a cidadania, no sentido de se comprometer com a educação voltada para a construção e o exercício da cidadania e, por fim, a democratização da comunicação (BAHIA, 2008, p. 33).

A maioria desses elementos está presente na realidade observada, como já exposto. A programação da rádio é feita pelos indivíduos mais distintos, a partir da apresentação de projetos de programa⁴³. Toca o bolero, o samba, o rap, fala-se sobre a questão do negro, do ambiente, e insiste-se em executar músicas de artistas locais durante a programação. Pessoas que, de fato, não teriam acesso à produção de um programa em uma rádio comercial por não buscarem se expressar para um grupo muito específico, como o caso de usuários da escola Luis Braille, para cegos, ou usuários dos CAPS.

Durante a programação, nos intervalos, são veiculadas campanhas educativas diversas, como a necessidade de confecção de documentos de identificação, programas

43 Pessoas e grupos interessados em realizar um programa apresentam um projeto escrito aos coordenadores, no qual se identificam e são nominados os objetivos do programa, também apresentando seu público-alvo.

de saúde e cuidados com a alimentação e o uso de agrotóxicos, entre outros. Da mesma forma, a gestão e as deliberações são orientadas para que sejam tomadas em assembleias, sendo o convite para participação feito para todos os participantes da rádio, incluindo ouvintes. O fato é que a participação efetiva em assembleias é, via de regra, restrita aos mesmos agentes de sempre: sindicalistas, trabalhadores remunerados da rádio, militantes e apoiadores de outras organizações militantes.

O convite à participação em tais eventos é feito durante a programação e é entregue convite para cada produtor, sem que haja um retorno efetivo da participação neste espaço por parte dessas pessoas, que parecem satisfeitas em deixar tais decisões a cargo de militantes e sindicalistas. O curioso é que os sindicalistas são muitas vezes criticados por centralizarem o poder de decisão sobre a rádio e, nas assembleias, os seus críticos os elegem novamente para cargos da coordenação.

Mesmo com tais restrições, há uma tentativa efetiva, em todos os espaços da estação, de busca da maior participação na gestão e na produção da programação, desde que observados os recortes ideológicos que definem o pertencimento à rede social na qual a estação está inserida, buscando vincular tais aspectos ao público alvo e aos seus produtores.

3.2 Definição do povo: quem produz e para quem se dirige a comunicação?

Não seria incorreto definir o que foi até aqui exposto como **orientações** para o que se compreende como rádio comunitária, gerida pelo “*povo*”, para as comunidades e os movimentos sociais. Encontra-se a síntese desta concepção em Peruzzo (1998), a qual define que as rádios comunitárias seriam:

...aquelas que, tendo como finalidade primordial servir à comunidade, podem contribuir efetivamente para o desenvolvimento social e a construção da cidadania. Este não é o caso, por exemplo, das rádios que só têm caráter comercial (PERUZZO, 1998, p. 253).

Cabe a ressalva sobre o agente legítimo, **o povo**. A mesma autora coloca o problema da definição do termo ou a diversidade de sentidos que pode ser empregada. Povo seria relacionado a uma visão dos movimentos sociais progressistas, ligados a classe trabalhadora, movimento feminista, ambientalista e associações de bairro, por exemplo, significando “as classes subalternas, submissas, econômico e politicamente, às classes dominantes (PERUZZO, 1998, p. 117)”, e é, nestes termos, que os agentes investigados tomam o termo. Ao contrário de uma percepção que tomaria *povo* como elemento quantitativo e, portanto, em termos de quantidade de audiência, e que se orienta por aquilo que é consumido culturalmente pela maioria. O termo busca reforçar uma demarcação política, dirigida contra alguém, diferindo-se de uma noção descritiva.

Há de existir a polarização: *dominantes X dominados* para que a forma de comunicação adotada faça sentido para estes sujeitos. Tal concepção de mundo traz consigo a percepção de que tal polarização é capaz de modificar a realidade social, na qual os problemas sociais vivenciados pelos grupos que seriam representados pela comunicação comunitária têm origem na concentração de recursos nas mãos dos dominantes (mídia comercial relacionada com uma burguesia nacional). Ademais, coloca-se a necessidade de autorrepresentação nesse tipo de mídia, residindo aí um dos elementos centrais para que se compreenda como se dá a legitimação, do que se entende como rádio comunitária “autêntica”. Lê-se em Girardi e Jacobus esta perspectiva

sobre como fazer comunicação comunitária:

...as pessoas mais indicadas para falarem sobre determinada realidade são aquelas que as vivenciam. É muito mais legítimo que um morador de bairro ou cidade fale sobre como é morar lá, quais os problemas, quais as necessidades, do que alguém de fora, que não acompanha de perto os acontecimentos do local. Isto vale não só para um bairro, mas também para as categorias de trabalhadores, setores sociais, defensores de uma causa específica e mesmo em todos os temas onde tenha gente envolvida e organizada em torno de objetivos comuns – por isso, falamos em comunidade (GIRARDI & JACOBUS, 2009, p. 10).

Assim, o ator autorizado a falar é o que está envolvido com o tema e é compreendido pelos demais como participante daquela realidade. Mesma percepção é observada em Hollander (2002), o qual compreende que uma definição precisa de comunicação comunitária implica que tanto o comunicador, quanto o receptor da informação são participantes do mesmo ambiente (*background*), tendo interesses comuns. Isso implica a restrição da comunicação, ou melhor, a orientação desta para determinados segmentos do público, diferenciando-se, dessa forma, da comunicação de massa.

Ademais, faz com que se compreenda a postura dos jornalistas e comunicadores de procurarem estar diretamente envolvidos com os temas que trazem para discussão na rádio. Quando vão entrevistar alguém em uma passeata, fazem como manifestantes, enquanto militantes, postando-se ao lado, forma de legitimá-los junto a estes grupos e diferenciá-los das demais formas de comunicação.

Assim, vale ressaltar que esta linha de interpretação compreende que o popular que se busca não é em um sentido quantitativo ou massivo. É, antes, um significado alternativo de representação e comunicação, no sentido que não busca abrangência, mas diferenciação do que se compreende como constitutivo do *status quo*. Para tanto, as rádios comunitárias devem, por princípio, ter as seguintes características, de acordo com Peruzzo (1998):

- não ter fins lucrativos;

- ter programação comunitária (realizada por público da localidade e não profissional);
- gestão coletiva;
- interatividade;
- valorização da cultura local;
- compromisso com a cidadania;
- democratização da comunicação.

É este o discurso dos produtores da RádioCom, seja no dia a dia, ou em assembleias com os produtores da rádio. Reconhecem, no entanto, que não conseguem realizar a totalidade dos temas, em especial a gestão coletiva. Há eleições para a decisão dos coordenadores da rádio, mas estes, geralmente, são sindicalistas ou aqueles envolvidos há muitos anos com a rádio, muito em razão da baixa participação nas assembleias que elegem tais cargos.

Também sobre a profissionalização dos produtores da emissora, percebeu-se que sem a remuneração de algumas pessoas para a produção e operação cotidiana, o projeto seria inviável, razão pela qual são mantidas sete pessoas pagas, todas com o mesmo salário, para operação e jornalismo, sem que seja possível estas pessoas ocuparem cargos eletivos na rádio, sendo uma produção mista, pois conta com “voluntários” e “colaboradores”. Com estes limites e considerando tais orientações os militantes buscaram consolidar o trajeto da rádio, como se verá a seguir.

3.3 Em busca do trajeto: autores, bairros, cultura e a esquerda como constituintes da visão de mundo

Dado que são considerados como princípios, percebe-se na bibliografia pesquisada que são utilizados como elemento identificador das rádios analisadas. Há, evidentemente, carga moral na classificação utilizada, a qual se baseia na perspectiva de muitos autores que se inspiram, como bem nota Aguiar (2007), em uma visão “influenciada por teorias marxistas e gramscianas, que vão da ênfase nas bases materiais à ênfase nas bases imateriais em direção a uma mudança social revolucionária (p. 133)”.

No entanto, seria tolo pensar que as demais perspectivas não recebem influências, cabendo tal “denúncia” para compreender a posição do analista e aqui se adotam tais autores, pois estes elementos são atinentes a esta pesquisa, haja vista que grande parte dos executores da rádio são orientados por essas visões de mundo, utilizando, inclusive, tais definições para a produção da rádio, razão pela qual tais leituras são observadas na realidade.

Ressalte-se que estes autores, assim como parte significativa dos sujeitos desta pesquisa⁴⁴, utilizam tais critérios como base para julgar o que é comunitário ou não. Muitos tendem a empregar um vocabulário eclético, baseando-se, inclusive, em autores que não se colocam em uma perspectiva necessariamente revolucionária, como Habermas ou Horkheimer, Gramsci, Marx, entre outros que são constantemente enfatizados, se não o são nominalmente, são pelo uso de termos e categorias tais como “esfera pública”, “comunicação de massa”, “sociedade civil” e “revolução socialista”.

Além de tais categorias utilizadas pelos indivíduos da rádio é preciso observar o grupo que está à frente do processo analisado. Um segundo requisito, além do emprego da terminologia, o qual passa a ser senso comum do grupo observado, está a

44 Na maioria das vezes de maneira espontânea, sem relacionar com os autores que elaboraram tais conceitos, tornando-se, creio, o senso comum do grupo. No entanto, tais termos foram introduzidos por aqueles sujeitos que tiveram formação superior e, portanto, conhecimento dos autores que introduziram tais categorias e tornando-se parte do *habitus* do campo estudado.

necessidade de consolidar um agente coletivo, preferencialmente, em forma de movimento social, por meio de convencimento através da comunicação nos moldes comunitários considerados como legítimos.

A primeira definição necessária para compreender o comunitário empregado na RádioCom, portanto, trata do entendimento de que os produtores desta emissora entendem por esta categoria. Já exposto anteriormente, a noção geográfica como definidora de comunidade é oriunda de Tonnies (1973) e acaba por reforçar a legislação a respeito do tema⁴⁵. Grande parte das rádios comunitárias enquadra-se nessa definição, variando o grupo ou o indivíduo que gere tais organizações.

Em contraste, a RádioCom caracteriza-se por realizar uma transmissão que não procura se restringir a somente um bairro, mas busca a comunicação com quase toda a cidade de Pelotas. – *Alô, alô comunidade!* Anuncia Antônio ao iniciar a transmissão do programa diário de notícias *Contraponto*, logo emendando uma saudação a todos os bairros que escutam o programa. Da mesma forma, os produtores do programa de Hip Hop *In Rua*, ao se comunicarem com seus ouvintes, assim como ao transmitir alguma música produzida na cidade, procuram enumerar todos os bairros da cidade em que realizam eventos ou em que há grupos de *rap* que eles têm conhecimento. Desse modo, diante da realidade da RádioCom é possível compreender que faz sentido a definição de *comunidades* como público pertinente, não se encerrando aí o foco da emissora e seus produtores. Trazem o pertencimento territorial como forma de localizar os ouvintes, mas não encerram a definição comunitária a esta dimensão.

Outra definição de comunidade ideológica, que congrega uma série de indivíduos que partilham de opiniões comuns, de uma *visão de mundo* minimamente coerente, ou ainda, com certa homogeneidade. É um grupo de pessoas que busca comunicar-se com aquelas que compreende ter uma visão afim.

Pepe, anarquista autodidata, neto de italiano e de africana, como se apresenta,

45 Lei nº 9.612 de 19 de fevereiro de 1998, muito contestada pelos movimentos de rádios comunitárias no país por ser extremamente restritiva no que diz respeito à concessão de licenças de operação, ao alcance permitido para as rádios (aproximadamente 1 km²), frequência (a qual deve ser a mesma para todas as rádios) e sobre apoios culturais (sendo proibida a veiculação de comerciais gravados ou que falem de produtos), entre outras diversas razões.

produz o programa *Samba e Liberdade*, que vai ao ar nos domingos à tarde. Entrevisto-o enquanto realiza o programa, ao som de *Silêncio no Bexiga*⁴⁶. Entre um samba e outro, disserta para os ouvintes sobre africanidade, anarquismo e cultura. Pergunto-lhe sobre o que é, em seu entendimento, a rádio:

O *Samba e Liberdade* só é possível porque existe a RádioCom. A RádioCom é, e aí tem suas riquezas e também os seus limites, [...] uma experiência de esquerda, plural, porque tem pessoas que não são de esquerda aqui, o que é rico também, que fazem um programa que não tem um perfil mais político e explícito. Ela é plural culturalmente e politicamente neste sentido, mas ela tem um perfil de esquerda e democrático, amplo, e que juntando pessoas que discordavam dos rumos do monopólio e do autoritarismo na área de comunicação que é tão evidente no mundo da mídia no Brasil, e no caso específico de Pelotas, e criou algo muito original em termos. Porque ela é uma rádio comunitária, mas o termo mais adequado é rádio político cultural. No veio das rádios comunitárias ela é uma rádio político cultural, que não há muitas no Brasil, eu imagino. Eu acompanho muitos documentários sobre rádios comunitários no Brasil e não se fala de uma rádio com o perfil como esse que a RádioCom tem. Um perfil que tem uma intensidade de perfil político com essa mistura de esquerda é raríssimo no Brasil, e também um perfil cultural como é, que ela tem. E aí ela também se beneficia também do de Pelotas, que está entre o pampa, o Rio da Prata, Buenos Aires e Montevideu e o mundo do Atlântico Negro, essa coisa negra de Pelotas, do samba e tudo isso. Então essa riqueza de Pelotas passa pela própria RádioCom. Tem um programa, por exemplo, de tango, com seu (Fulano). Tem o *Cantos de Luta e Esperança*, e aí nós vamos. Então a rádio dá voz a vozes que não teriam, não tem expressão na mídia tradicional burguesa capitalista da cidade. Então, nesse sentido, é um espaço público democrático amplo, que é raríssimo no Brasil contemporâneo. Então o *Samba e Liberdade* só ocorre porque existe a RádioCom. Dito! (Pepe, 2012).

Interessante a fala de Pepe sobre a percepção de um “perfil de esquerda”. Nota, com razão, que nem todos os produtores da rádio, e “são mais de 80 pessoas que circulam na rádio por semana”, afirma um dos operadores de som, autoidentificam-se

46 Música de Geraldo Filme, sambista paulista que conta a história de Pato n'Água, outro sambista do bairro Bexiga, que teria sido assassinado pelo esquadrão da morte da polícia deste Estado, em 1969.

dessa maneira. Jankowski (2002) compreende que as rádios comunitárias definem-se mais pela busca da participação na produção na rádio do que no público ouvinte. Percebe-se tal perspectiva na rádio, buscando “dar voz àqueles que não têm voz nos meios tradicionais”, como alguns comunicadores, como Antônio, produtor de *Cantos de Luta e Esperança* e apresentador do *Contraponto*, costuma afirmar. Parece haver a percepção de que a diversidade de programas, que expressam variados estilos musicais, comunicacionais e assuntos, traz aquilo que os formuladores da rádio compreendem como um projeto anti-hegemônico e de esquerda através da promoção de artistas locais, da “cultura” como forma de cooptação política.

Renato, antigo coordenador de programação da rádio, comenta:

Tu tem a rádio enquanto instrumento que valoriza a comunidade, o artista local, a cultura. Desesconde muito artista. Acho que o grande papel da rádio é desesconder. Uma vez o Gilberto Gil falou isso aí e bateu na minha cabeça. Tem que desesconder realmente os artistas locais. E esse é o papel da RádioCom. Um papel político e ideológico, na questão da comunicação, surge o papel cultural das rádios comunitárias. Por isso que eu digo que ela consegue envolver a comunidade, esse conceito que é difícil de definir, complicado mesmo, mas acho que a RádioCom cumpre um papel, tenta se aproximar o máximo da comunidade através dessa coisa aí. Através dos artistas, dos atores sociais da cidade. Não sei se ela cumpre ou não cumpre um papel (Renato, 2012).

Renato percebe o papel central do que compreende ser a cultura como instrumento de convencimento para o “projeto de esquerda”.

Oriundo do meio sindical e desgostoso com o atual cenário político, compreendendo tanto o papel do sindicato na relação com os movimentos culturais da cidade, assim como os acontecimentos na política institucional partidária, Renato percebe que a cultura, entendida como expressões artísticas, é capaz de convencer as pessoas a adotarem uma visão de esquerda, através de uma disputa cultural, já que tais artes teriam um conteúdo que compartilha uma visão de mundo que busca a transformação. No entanto, não é qualquer cultura, mas aquela que compreende trazer elementos que

interpretam ser próprios do meio de esquerda. Da seleção da programação e, em especial da música. Certa vez, ele havia comentado sobre os riscos de “rebaixar” a programação para atrair mais ouvintes, o que seria possível pela mudança das músicas. Perguntei-lhe o que queria dizer com o termo *rebaixamento*:

Do conteúdo. Principalmente pelo conteúdo. Da letra, um absurdo. Umas coisas... Então é com esse tipo de conteúdo tu consegue despolitizar realmente. Tu tinha uma geração de 68 que a pauta era um festival de música. Se tu pegar há um tempo atrás. Mas eu acho que é a questão de conteúdo mesmo da rádio que é um diferencial, que isso diferencia. Eu acho que os programas são, claro com nuances, são programas quase iguais aos de rádio comercial, mas tem o conteúdo que é o diferencial. Agora, se a gente quisesse rebaixar ela, aí teria que rebaixar a questão da música. Um Chico Buarque ia tocar de vez em quando. Não ia poder descobrir novos talentos. Ia ser uma coisa meio que comercial, para ganhar dinheiro. Então é difícil um apoiador cultural apoiar uma rádio comunitária, que já tem essa pecha de comunitária, entre aspas, já se assusta porque tem uma série de pilantras que usam a palavra comunitária, como tem também entre empresários, no mundo empresarial. Então, eu acho que não é rebaixando o discurso, é tendo um alto nível, vai ser mais difícil de fazer, mas é isso aí, é uma luta (Renato, 2012).

O que se observa, portanto, é uma organização militante que encontra no formato de rádio comunitária uma maneira de disputar a sociedade para seus valores de esquerda. Buscando a construção de uma comunidade ideológica, com uma perspectiva de esquerda, compreendida como aquela alinhada aos movimentos sociais, sindicatos, músicos locais alternativos e que tenta enfatizar pautas como diversidade, cultura, política e participação popular. Cabe a apresentação dos sujeitos envolvidos na produção da RádioCom.

4 - QUEM FAZ A PROGRAMAÇÃO DA RÁDIOCOM

Na grade de programação da rádio, atualmente, existem aproximadamente 40 programas, sendo alguns de produção diária e outros semanais. Esta grade é bastante variada em termos de conteúdo e de sujeitos que os produzem. São programas musicais de diversos gêneros, como nativismo⁴⁷, hip-hop, MPB, jazz entre outros, havendo certo cuidado com o conteúdo das músicas veiculadas, pensando-se em conteúdo e estilo musical, sendo vetados aqueles que costumam tocar nas rádios comerciais, seja o pop, sertanejo (que não o “de raiz”) e demais gêneros da moda. Também há debate, jornalismo, futebol, entre outros. Muitos desses programas são realizados de forma voluntária, focando nos assuntos de interesse dos seus produtores, como *Gente como Gente* produzido por usuários do CAPS – Centro de apoio Psicossocial – e *Ponto de Vista* (Escola Luis Braille) ou *Cantos de Luta e Esperança* (música latinoamericana engajada politicamente).

A rádio conta com profissionais pagos para a operação dos programas, os quais recebem salário e têm carteira de trabalho assinada, assim como um grupo de jornalistas que recebe uma ajuda de custo para produção de programas, sendo os salários isonômicos por princípio estabelecido desde a fundação da estação. O núcleo de jornalismo da *RádioCom* teve início com Cláudio. Enquanto cursava a faculdade de Comunicação Social, trouxe para participar do *Contraponto* (programa de jornalismo matutino da rádio) o estudante Diogo. Faziam parte da produção inicial de notícias também Renato e Airton, que foram até recentemente da coordenação da *RádioCom*. Enquanto cursavam Jornalismo, esses sindicalistas trouxeram para a rádio outros cinco jovens, participantes do movimento estudantil e que eram seus colegas, muitos dos quais permaneceram na rádio por alguns anos.

47 Em oposição ao tradicionalismo, como ressaltado no Jornal Atento, produzido pelos integrantes da rádio. Na matéria sobre o programa *Nativismo sem fronteiras* lê-se: Como levar ao ar a música nativista com crítica social e desprovida dos preconceitos que regem o movimento tradicionalista gaúcho? Fazer ecoar, nas ondas da rádio, músicas que representam a diversidade cultural presente em nosso estado e não a exaltação dos costumes e riquezas de uma elite agrária, responsável pela perda de identidade do povo gaúcho? (Jornal Atento, Novembro de 2007).

O papel do jornalismo comunitário aparece como central na fala dos integrantes da *Rádíocom* e é considerado uma “forma de democratizar a comunicação ao dar voz à população”. Cabe a estes a produção diária das notícias, diferindo de uma compreensão de que o jornalismo comunitário é realizado pela *comunidade* (CILTO, 2006), dado que esta noção do papel de notícias traz implícita a compreensão de localidade geográfica, enquanto que na estação estudada, percebe-se que o enfoque é a busca de agentes com uma representação social comum ao grupo dirigente. Para realizar esse tipo de comunicação são utilizadas estratégias variadas. Para tanto, durante a realização do programa *Contraponto*, procuram fazer entrevistas com moradores da cidade sobre problemas como carência em infraestrutura, saúde ou outras questões, assim como matérias sobre manifestações sindicais.

Além da entrevista com moradores dos diversos bairros, contam com um grupo de comentaristas, sendo um diferente para cada dia da semana, com temas específicos, como meio ambiente, de responsabilidade do CEA, política, com o sindicalista Lauro do sindicato da alimentação, Economia Solidária, com o professor Aroldo, de forma que houvesse um comentarista para cada dia da semana. A todos estes, os produtores do *Contraponto* nominam como radiocompanheiros, utilizando este termo também em substituição a ouvintes, e chamando a atenção para a importância de sua participação. É comum, no programa *Contraponto*, que os ouvintes radiocompanheiros liguem ou enviem mensagens e opinem sobre o conteúdo debatido, sendo engrandecidos por Antônio, que chama a atenção de que: - *Sem a sua participação, não existiria a RádioCom!*

Uma fala do jornalista Fabrício, que já não faz mais parte da rádio, auxilia na concepção dos valores que definem o jornalismo comunitário. Acompanhei a produção do programa *Contraponto* de notícias, do qual ele e Valéria faziam parte durante 2011. Enquanto Valéria ficava no estúdio lendo notícias que eram transmitidas, Fabrício procurava ir à rua fazer entrevistas e acompanhar manifestações, quando ocorriam.

Certo dia, Fabrício recebeu o telefonema do jornalista que produzia o programa sindical na RU sobre uma manifestação que seus vizinhos fariam e pediu que a rádio estivesse presente, pois segundo ele “a mídia tradicional não cobriria o evento”. Fui com Fabrício até o local e, lá chegando, havia moradores trancando a rua em intervalos de tempo. Enquanto tirava as fotos da manifestação dos moradores do loteamento, localizei-

me atrás deles para poder tirar a foto por trás dos manifestantes. Meu interesse era tirar fotos de Fabrício, fazendo com que ele aparecesse, pois estava mais à frente, entrevistando um dos moradores. Ao ver a foto, ele argumentou: – *Bah, isso que é jornalismo comunitário. Uma foto da perspectiva dos moradores, como se estivesse participando da manifestação também.* Não tive tal intenção, mas para esses sujeitos é importante estar envolvido com o que é noticiado.

É comum participarem de manifestações sindicais, e os jornalistas acompanham os sindicalistas durante a manifestação, mas fazem parte delas não como observadores. Procuram se envolver e estar envolvidos com aquilo que noticiam.

Utilizam também a internet para divulgar as matérias e campanhas que realizam na rádio, tendo um perfil no *facebook* e um no *twitter*. Durante o ano de 2012, realizaram uma campanha denominada *Pelotas Abandonada*⁴⁸, na qual veicularam fotos de situações que consideravam críticas na cidade, como lixo acumulado nas vias, cães abandonados, moradores de rua, prédios esquecidos, entre outros. Veiculavam tanto as fotos que os próprios jornalistas tiravam como as que lhes eram enviadas por ouvintes, ou melhor, radiocompanheiros, através das mídias sociais. Essas fotos eram repercutidas na rádio e nesses outros meios, denunciando o descaso do governo local de Antonio Adolfo Fetter Júnior⁴⁹ (Partido Progressista).

Em suma, a busca pela participação e envolvimento nas manifestações e, também, a busca por veicular a opinião dos ouvintes, que são categorizados como produtores da rádio pelo termo empregado por Antônio e demais executores da rádio, alinha-se à perspectiva adotada pela Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (ABRAÇO), na qual a RádioCom é associada. Esta associação realizou cursos de formação para rádio, utilizando um manual de elaboração de rádios comunitárias (GIRARDI e JACOBUS, 2009), o qual contém os valores “intrínsecos” a tal forma de comunicação, sendo um deles a concepção de “democracia”, em que se deixa o microfone aberto à participação

48 Utilizando #pelotasabandonada, forma de apresentação na rede social *twitter*, para a divulgação das matérias que eram produzidas sobre o tema.

49 Foi eleito vice-prefeito em 2004, com Bernardo de Souza (PPS) como candidato a prefeito, o qual renunciou poucos meses após a posse em virtude de uma doença degenerativa. Em 2008, Fetter lançou-se candidato a prefeito e foi eleito, permanecendo no cargo até 2012.

dos ouvintes e também ao se engajar em diversas atividades, sejam “políticas” ou “culturais”, segundo a divisão que fazem sobre os tipos de comunicação e atividades.

A visão de um dos coordenadores da rádio é a de que o papel do jornalismo é muito importante, mas há uma preocupação com o que eles entendem ser uma divisão artificial entre o político e o cultural. De acordo com Renato, os sindicatos veem o jornalismo como estritamente político, e “eles (sindicatos) não entendem o papel da cultura”.

Oriundo do meio sindical, Renato vê com pessimismo o atual papel dos sindicatos. Muitas vezes, relatou-me as tensões que percebia enquanto coordenador da *RádioCom* e propondo um maior envolvimento nas atividades culturais, como exposições de arte e formação de um Cineclubes, o que se propôs para ocorrerem na sede do sindicato dos bancários. Relata que muitas vezes seu envolvimento é como um “trabalho obrigado”, pois não concebe mais a sua participação no espaço do sindicato como militância em razão dos desdobramentos políticos que observou nos últimos anos. Perguntado sobre o que considera ser o papel da rádio, Renato responde:

Acho importante ter as greves (momento da política), isso daí demarca. Mas eu acho que tem que ter... Para tudo isso daí tem a arte, tem a poesia (momento da cultura). Porque se tu perde isso daí, tu perde todo o referencial. Tu vira um, quase um robô. Tu vai bater na parede e voltar. Agora com a arte, tu vai bater e a pessoa que está do outro lado vai se sensibilizar. Eu acho que sensibiliza, porque senão a direita não iria usar esse monte de coisa que ela usa. Se aproveita. Eu acho que a *RádioCom* tem esse papel, na questão do Gramsci, daquele papel de furar os bloqueios, de penetrar na hegemonia. Acho que isso é uma coisa importante que a *RádioCom* faz. Toma esse papel. Eu tinha essa coisa. Achava... Se nós estivéssemos fazendo essa coisa há uns dois ou três anos atrás eu diria que a notícia, que o jornalismo. Eu agora tenho outra opinião mesmo. Acho que a cultura que vai modificar as pessoas, porque as pessoas são 90% cultura. Não me lembro como é que o Marx falava: - Sou o fruto do meio. São, cara! São, o fruto do seu meio! Então pra ti influenciar as pessoas tu vai ter que entrar nesse meio, tu vai ter que modificar o meio.

Para esse coordenador, o envolvimento com a rádio proporcionava-lhe um espaço em que é possível exercer um papel militante, que não encontrava mais dentro do sindicato, pois, conforme o mesmo:

... Os sindicatos não sabem o tamanho da *RádioCom*. Ela é muito maior que os sindicatos. Muito mais presente na vida dos trabalhadores. Mas os sindicatos não conseguem fazer essa avaliação em razão disso aí que aconteceu, essa crise na esquerda, o decréscimo da formação política. Essa série de coisas que aconteceu na esquerda mundial e aí cai aqui no Brasil. E aí a rádio entra nessa coisa de militância pela democratização da comunicação.

A comunicação comunitária, de acordo com Renato, abrange tanto aspectos políticos quanto culturais e é, nesse sentido, que ele tentava coordenar o grupo de jornalistas (por formação acadêmica ou não) que integrava a rádio. No entanto, no decorrer da pesquisa, Renato abandonou a coordenação da rádio, alegando “já ter contribuído”. Envolvido com a rádio desde o princípio e estando invariavelmente no papel de coordenação, tendo de responder judicialmente pela emissora (pois a licença foi emitida em seu nome como um dos responsáveis), o que lhe gerou alguns problemas, dadas questões de outorgas não emitidas até recentemente, além das cobranças que lhe eram feitas pelos participantes da rádio, sindicato e família. Era frequente que sua presença fosse requisitada para as mais diversas situações, desde a obtenção de recursos para operacionalizar algum projeto da rádio, até mesmo para intermediar conflitos entre integrantes da organização.

Os coordenadores, com o passar do tempo, como mencionado anteriormente, tornaram-se menos presentes no cotidiano da rádio, razão pela qual eram apresentados como sustentadores e, de certa forma, um norte moral para os programadores, jornalistas e militantes, e, ao mesmo tempo, razão de queixa pela sua ausência. Ficam cotidianamente envolvidos na rádio os jovens jornalistas, operadores de som e alguns voluntários, geralmente jovens estudantes, que tendem a participar por tempo curto e depois se afastam (caso consigam alguma bolsa, emprego de tempo integral ou quando

mudam de cidade⁵⁰). Tais pessoas são responsáveis pela produção de eventos e pela promoção de parcerias junto a outros *coletivos* – que são grupos sociais com objetivos diversos – variando de acordo com o perfil de seus integrantes.

Outro sujeito que aparece como central para a rádio é Gusmão, que se apresenta como agitador cultural⁵¹. Em diversas situações, ele aparece como o sujeito que apresentou a rádio para artistas de Pelotas e outras cidades ou que formulou algum projeto cultural, como o *Arte Daqui*, evento com apresentação de bandas e músicos locais de diversos gêneros e que contou com a gravação de CD para cada edição (duas).

Gusmão não está inserido em nenhum outro coletivo, ou seja, não entrou na rádio em razão de participação prévia em um sindicato, movimento negro ou estudantil. Não era representante, portanto, de um grupo específico. Seu envolvimento maior e mais direto é com a RádioCom, e todas as vezes que o vi em algum evento, como o Fórum Social Mundial, ele estava envolvido em entrevistas para a rádio ou fazendo contatos com músicos para que conhecessem a emissora. Atualmente, Gusmão produz um programa que vai ao ar aos sábados pela manhã, o *Compartilhando Informações*, em que leva convidados variados para entrevistas.

O grupo de jornalistas, atualmente, conta com quatro pessoas formadas e três estudantes de jornalismo, sendo que dois atuam também como operadores de som. Ao todo são quatro operadores de som, que realizam uma jornada diária de seis horas. A rádio transmite das seis da manhã até a meia noite, durante toda a semana.

50 Situação rotineira, dado que muitos são estudantes universitários e grande parte é oriunda de outras cidades. Ao terminar seus estudos, retornam para seus lares ou vão em busca de emprego em outro lugar, pois, segundo a reclamação de muitos, Pelotas oferece pouquíssimas oportunidades de emprego.

51 Certa vez, em conversa sobre a rádio, pediu que eu fosse em um programa que produzia para falar sobre minha dissertação. Pediu que ligasse para ele e entregou-me um cartão de visitas da RádioCom, com a frase “democratizando a comunicação”, endereço e telefone da rádio. Também tinha seu telefone e, embaixo de seu nome, lia-se “agitador cultural”.

4.1 Agentes sociais: indivíduos e organizações engajados na RádioCom

No capítulo referente às dinâmicas de adesão, engajamento e desengajamento, utilizo situações e falas de sujeitos engajados na rádio que oferecem pelas suas vivências uma maneira de alcançar uma melhor compreensão sobre esta realidade.

Por esta razão, apresento breve descrição de quem são os indivíduos e as organizações que encontrei na rede de militantes pesquisada de forma a orientar os(as) leitores(as). Como comentado anteriormente, procuro apresentar apenas uma parcela dos integrantes desta rede, em especial aqueles que considerarei sujeitos-chave para compreensão do problema proposto em razão de sua centralidade e frequente presença, assim como pela importância que representam para a constituição, a manutenção e a ampliação da *rede social militante*. Outros aparecerão como informantes, com breve descrição, ou como fulanos, ciclanos e beltranos, pois aparecem como pessoas citadas pelos entrevistados.

4.1.2 Sindicalistas

Sujeitos paradoxalmente centrais e, ao mesmo tempo, ausentes na rádio. Centrais por serem responsáveis pela manutenção financeira da rádio e também por terem impulsionado sua criação e, atualmente, com participação ainda fundamental para que continue existindo, sem que estejam presentes no cotidiano da rádio. O número de sindicatos que “banca” a rádio é variável, sendo aproximadamente oito. Os principais responsáveis são: sindicato dos bancários e sindicato da alimentação, ambos atuando na cidade de Pelotas e região, com suas respectivas categorias. São oriundos de um sindicalismo de influência petista e cutista que se desenvolve principalmente a partir dos anos 1990. A seguir, são apresentados os principais sindicalistas que são referências para a rádio e que aparecem ao longo da tese.

Claudio

Cláudio apareceu durante toda a pesquisa como um dos responsáveis, junto com Gusmão, pela criação da RádioCom. É branco, com quarenta e poucos anos. Foi bancário e fazia parte da direção do sindicato. Teve um programa de músicas em uma rádio local, que produzia junto com Juca, o que lhe propiciou conhecer diversas pessoas que tinham gosto por comunicação alternativa. Fez Comunicação Social na UCPel, também é militante do PC do B, tendo sido candidato a vereador em 2002, sem ter sido eleito. Pouco tempo depois, mudou-se para uma cidade da região norte do Estado do RS e fundou uma empresa de comunicação responsável por campanhas políticas para sindicatos e candidatos ligados à sua legenda.

Enquanto esteve em Pelotas, Cláudio desempenhou papel importante na criação e organização da rádio. Produzia os programas de notícias, selecionava, junto com outros integrantes, quem poderia participar da rádio e também controlava o conteúdo do que era veiculado. Foi um dos criadores do programa diário de notícias *Contraponto*, que vai ao ar até hoje. Segundo relatos, estava sempre ouvindo a programação e costumava ligar para aqueles que se encontravam na emissora para dar orientações ou recomendações sobre os conteúdos. Foi coordenador geral da emissora e, até seu afastamento, permaneceu como um dos principais dirigentes.

Renato

Renato tem quarenta e poucos anos. É branco. Faz parte da direção do sindicato dos bancários e é liberado do trabalho no banco para realizar exclusivamente atividades sindicais. Foi integrante de uma corrente interna do PT, denominada Brasil Socialista (BS). Essa corrente teve por grande período, prévio à chegada do PT ao Governo Federal, grande influência interna à sigla na cidade de Pelotas. É graduado em Comunicação Social pela UCPel e também é sócio de uma empresa de comunicação, com outros dois antigos integrantes da RádioCom, onde fazem campanhas de publicidade para sindicatos, organizações e profissionais liberais.

Renato foi um dos fundadores da emissora e também produzia os programas de notícia, tendo ocupado função de coordenação de programação ao longo dos anos. Enquanto realizei o trabalho de campo, ele aparecia como figura de referência para os demais. Auxiliava na produção de alguns programas e também era demandado para resolver os problemas da rádio. Também respondia como responsável legal da emissora. Por estas razões – conforme ele mesmo – pediu afastamento da coordenação no final de 2011 por sentir-se desgastado e por querer fazer outras coisas, pois disse que sentia “...já ter contribuído”.

Airton

Airton tem quarenta e muitos anos. Branco. É da direção do sindicato dos bancários. Graduado em Comunicação Social e coordenador de programação da rádio até o início de 2012. Participou, também, no princípio da rádio da produção de alguns programas.

Enquanto estive na rádio, Airton costumava aparecer quando era necessário resolver algum problema financeiro ou técnico. Quando a rádio tinha que pagar alguma multa, comprar antena nova ou “agilizar” o pagamento de algum funcionário, ele aparecia. De natureza amável e sempre disposto a dar informações, parecia desgostoso com a rádio, pois “só lhe dá incomodações”. Atualmente, não participa de nenhum programa e, tampouco, da coordenação de programação, preferindo se ater às demandas contábeis da emissora.

Lauro

Lauro tem cinquenta e muitos anos. É branco. Participa do sindicato da alimentação de Pelotas. Foi, assim como Renato, militante da corrente BS e ocupou o cargo de vereador pelo PT no período de 2002 a 2005. Foi também um dos fundadores

da RádioCom e, durante vários períodos, ocupou cargos de coordenação da rádio. Participa da programação da rádio como comentarista semanal de política no *Contraponto* (programa diário de notícias) e, aos sábados, de um programa de debates, que vai ao ar pelas manhãs, com a participação de outros dois sindicalistas da mesma faixa etária e também ligados ao PT.

Todas as vezes que tem seu nome citado na rádio aparece como figura política a ser respeitada e ouvida, tendo grande autoridade sobre os demais militantes da rádio, em especial entre os mais jovens. Um desses jovens argumentou sobre o respeito necessário à categoria de trabalhadores, da qual Lauro é oriundo, em especial os que trabalham em frigoríficos e arroseiras, que têm péssimas e intensas condições de trabalho. Talvez daí, interpreto, que seja oriunda sua autoridade por representar o ideal protótipo do *proletário*.

É um dos sindicalistas que estavam desde a fundação da rádio, o mais presente no cotidiano da emissora, seja durante a programação ou em assembleias, reuniões de coordenação ou outras atividades chamadas por seus integrantes.

4.1.3 Estudantes

Categoria significativa em termos de número de participantes e de tempo e intensidade de engajamento, os estudantes são importantes mantenedores da continuidade das atividades da rádio, mesmo considerando que a grande maioria tem uma participação de curta duração, havendo grande rotatividade desse perfil de participantes. O primeiro grupo de estudantes a participar da rádio é oriundo da Faculdade de Comunicação Social da UCPel, recrutados por sindicalistas que também estudaram neste curso. Estes foram os que permaneceram por mais tempo junto à rádio.

Também houve estudantes que vieram a participar da rádio e eram oriundos da UFPel, de diversos cursos, a partir do ano 2000, incluindo-me entre estes, sem que houvesse continuidade prolongada como os da UCPel. Estes últimos aproximaram-se também por um sindicalista, estudante de Ciências Sociais, ou por serem participantes do Movimento Estudantil ou alguma corrente partidária de esquerda.

Atualmente, a rádio continua recebendo estudantes que participam em programas específicos, como projetos de extensão, da História, da Filosofia e de outros cursos e, após a abertura do curso de Comunicação Social na UFPel, alguns estão estagiando por breves períodos. Percebi que é mais provável a continuidade na rádio se estavam anteriormente engajados em algum movimento social e, especialmente, na rede de sociabilidade da qual outros integrantes da rádio fazem parte, tendo alguns estudantes se aproximado após o término da minha pesquisa.

Apresento, a seguir, aqueles que foram mais significativos em termos de participação na rede de militantes e, também, que aparecem com maior regularidade ao longo da pesquisa.

Mari

Mari é uma jovem de vinte e poucos anos. É negra. Graduiu-se em Comunicação Social na UCPel e fez especialização em Sociologia e Política na UFPel. Também é poetisa e apresentava um programa de cultura chamado *Navegando* na rádio. Participou do Diretório Acadêmico e também do Instituto Mário Alves⁵², do qual é atualmente coordenadora. Juntamente com Renato e outro antigo estudante de Comunicação Social, que também teve participação em um programa na RádioCom, fundaram uma cooperativa de comunicação, que depois transformaram em empresa.

Daniel

Daniel tem vinte e poucos anos, é formado em Comunicação Social e tem curso de mestrado na mesma área. É branco. Atualmente, é produtor do programa *Contraponto*, o qual faz com Antônio e Seu João, além de outros colaboradores eventuais. Começou a participar da rádio a convite de Renato, que foi seu colega na faculdade.

⁵² Que será apresentado no subcapítulo 8.5.1

Diogo

Diogo, antigo integrante da rádio, cursou Comunicação Social e foi colega de Renato, e, após sua saída da RádioCom, foi assessor da regional sul da Abraço. Enquanto esteve na rádio era um dos responsáveis pela produção do programa *Contraponto*. Tem trinta anos e é branco. Trabalhou na RádioCom por aproximadamente quatro anos. Depois de trabalhar na coordenação da Abraço (Associação brasileira de rádios comunitárias), seção Rio Grande do Sul, passou a fazer parte do governo do Estado no governo Tarso Genro (RS) em um cargo de confiança (CC).

Paulo

Paulo tem trinta anos. É branco. Graduiu-se em Artes e também estudou Comunicação Social. Fez mestrado em Patrimônio Cultural na UFPel. Paulo foi militante estudantil e também da corrente Democracia Socialista (DS) do Partido dos Trabalhadores (PT), tendo ocupado o cargo de secretário da juventude do partido em Pelotas. Participou da rádio no período em que era estudante, sendo o criador do programa *Navegando na Contra Informação*⁵³, programa diário que vai ao ar à tarde (com duas horas de duração), o qual trata de entrevistas sobre arte, cultura e, também, músicas. Também produziu um programa chamado *Icônico*, projeto de extensão em que falava sobre arte. Saiu da rádio em 2004 e foi trabalhar na Prefeitura de Bagé, como cargo de confiança na Secretaria de Cultura. Atualmente, é professor universitário.

Valéria e Fabrício

Valéria foi colega de faculdade de Mari e começou a trabalhar na rádio no mesmo período. Tem vinte e poucos anos e é branca. Fabrício é branco e tem trinta anos. Já era

⁵³ Quando fiz a pesquisa de campo o programa era produzido por Mari.

formado em Comunicação Social. Valéria e Fabrício produziram o programa *Contraponto* após a saída de Antônio e Daniel. No ano de 2012, ambos saíram da emissora. Valéria teve um filho e disse que queria se dedicar à maternidade. Fabrício também teve um filho e procurou uma atividade que lhe desse melhor remuneração.

4.1.4 Aderentes sem experiência ativista anterior

Considerando a existência de laços sociais⁵⁴ como elemento significativo para entender o engajamento, estes sujeitos chamam a atenção pela inexistência de contatos prévios com os produtores da rádio, indo até ela em razão de uma inclinação com o tema. Estes sujeitos tiveram seu primeiro contato continuado com uma organização política na rádio e tornaram-se significativos militantes atuando na emissora. A partir de seu envolvimento nela, vieram a construir uma visão de mundo militante.

Antônio

Antônio é natural de Jaguarão/RS. Tem cinquenta e oito anos. Branco. Era vendedor e conheceu a rádio através de uma amiga que conhecia Cláudio e outros militantes. Começou a participar das reuniões de construção da rádio e, após o início das transmissões, colaborou regularmente na programação. Produz o programa *Cantos de Luta e Esperança*, sobre música nativista dentro da temática que denomina de *Pátria Grande*, referindo-se ao termo de Simon Bolívar de construção de um continente sul-americano integrado. Faz também o programa *Contraponto*. Não participou de outras formas de ativismo antes do ingresso na rádio. Por seu envolvimento diário com o programa *Contraponto*, recebe remuneração da emissora.

⁵⁴ Tema explorado em detalhe no capítulo teórico, tratando sobre a maior probabilidade de adesão a uma causa ou organização se já existe alguma forma de contato anterior ou engajamento prévio.

Gusmão

Gusmão trabalha na construção civil como autônomo. Tem quarenta e poucos anos. Negro. É um dos fundadores da rádio, sempre trabalhou como voluntário e em cargos de coordenação. Envolveu-se no projeto pelo seu interesse de fomentar a cultura alternativa local, em especial o hip hop. Tal desejo levou-o a participar de seminários sobre cultura alternativa que propunham a construção de rádios comunitárias. Conheceu Cláudio num desses encontros e, então, começou a participar das reuniões de construção da rádio. Gusmão foi o proponente de diversas atividades culturais pela rádio, como a produção de dois CDs com artistas locais e também as festas de aniversário da emissora. Não tem ligações partidárias, sendo avesso a elas. Atualmente, é estudante do curso de Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis na UFPel.

4.1.5 - Operadores de som

Operadores de som são funcionários remunerados da rádio. São quatro, no total, e folguistas esporádicos. Como funcionários, de acordo com o estatuto da emissora, não podem ser votados para compor a coordenação da rádio. A seguir, apresento três operadores que acompanhei enquanto estive na emissora.⁵⁵

*Seu João*⁵⁶

Seu João tem aproximadamente setenta anos. É negro, alto e dono de um vozeirão típico dos antigos locutores de rádio. Trabalhou por muitos anos em uma instituição

⁵⁵ O operador de som da noite, Joca, está desde o princípio da rádio. Em entrevista, disse que foi um dos idealizadores da rádio. Teve um programa em outra emissora juntamente com Cláudio. Como trabalhava à noite e eu realizei o acompanhamento durante o dia, não pude acompanhá-lo cotidianamente, razão pela qual ele não aparece ao longo do trabalho, além de ele não participar de outras atividades militantes, salvo os saraus literários organizados por Mari.

⁵⁶ Assim como os aderentes sem experiência prévia, Seu João não teve contato com outras organizações militantes de forma continuada, indo até a rádio por conhecido de sua esposa. Coloco-o, no entanto, separadamente de Antônio e Gusmão, pois foi contratado como operador de som já no início da rádio.

bancária em Porto Alegre. Após a aposentadoria, veio para Pelotas. É, atualmente, operador de som da rádio, sendo remunerado para tal – com salário aproximado, em 2011, de R\$ 600,00 – com carga horária de cinco horas⁵⁷.

Conheceu a rádio por acaso, através de um conhecido de sua esposa, que lhe disse para ir até a emissora, caso quisesse fazer algum programa, o que fez. Inicialmente, trabalhou de forma voluntária, apresentando programas que já existiam na grade de programação já estabelecida pela coordenação e, após algum tempo, produzindo um programa chamado *Nativismo sem fronteiras*⁵⁸.

Jorge

Jorge tem vinte e poucos anos. É branco. Foi estudante de Comunicação Social e participou do Diretório Acadêmico com Mari, Valéria e Renato. Sua participação restringe-se à operação de som, não participando ou produzindo nenhum programa e, tampouco, envolvendo-se com outras atividades militantes.

Maurício

Maurício tem uns cinquenta anos. É branco. Antes de ingressar na RádioCom era radialista e fazia parte do sindicato dessa categoria. Foi filiado ao PT, tendo depois ingressado no PC do B. Ocupou um cargo de confiança durante o governo Marroni (2001-2004) e, ao fim desta gestão, retornou à rádio.

Maurício é remunerado para realizar a operação de som, mas desempenha atividades como manutenção de equipamentos, pagamentos dos demais funcionários e contas da rádio, além das demais funções administrativas. Também costuma trabalhar para os sindicatos apoiadores da rádio, auxiliando em greves e votações.

⁵⁷ Todos que trabalham na emissora recebem a mesma remuneração.

⁵⁸ O que será abordado no capítulo 5.2.2.

4.1.6 Organizações

As organizações apresentadas contam com número variável de participantes e estão presentes na rede de ativismo da qual a rádio faz parte. É comum que um indivíduo faça parte de mais de uma organização, sendo agente aglutinador e recrutador de novos militantes pela múltipla participação⁵⁹. Como os indivíduos que participam dessas organizações parceiras são variáveis, e estas permaneceram desde a origem da rádio como colaboradoras, optei por apresentá-las como agentes.

Instituto Mário Alves (IMA)

O Instituto Mário Alves realiza estudos políticos, seminários, palestras e demais atividades voltadas para um público universitário e sindical, em uma perspectiva de esquerda. Enfoca principalmente as ditaduras militares latinoamericanas e a formação política. Foi criado no ano de 2001 por militantes da extinta corrente Brasil Socialista (BS) do PT. Mesmo sendo criação de militantes dessa corrente, propôs-se, desde sua fundação, a realizar atividades para todos aqueles indivíduos e organizações de esquerda, independente de partidos e tendências. Tal estratégia busca aglutinar apoiadores para seu espaço e atividades, de forma a não ser percebida como espaço de um agrupamento exclusivo. Um dos fundadores do IMA, o professor Rafael, foi presidente do PT municipal na década de 90 e é estudioso do movimento de resistência à ditadura, sendo regularmente convidado pela rádio como comentarista político.

⁵⁹ Assunto a ser explorado no tema Redes.

Centro de Estudos Ambientais (CEA)

O Centro de Estudos Ambientais (CEA) foi fundado em 1983 na cidade de Rio Grande/RS e estendeu suas atividades para a cidade de Pelotas ainda nos anos 90. Muitos de seus integrantes eram partidários do PT, especialmente da corrente DS, e, após a eleição de Fernando Marroni (PT, 2001-2004), muitos de seus integrantes participaram desta gestão na Secretaria de Qualidade Ambiental (SQA) e também da Secretaria de Urbanismo (SeUrb). Foi após essa gestão e, também, após a chegada do PT ao Governo Federal que alguns integrantes do CEA afastaram-se do PT, pois começaram a surgir diferentes interpretações sobre as ações governamentais, em que alguns eram favoráveis ao governo e outros eram contrários às medidas, especialmente na área ambiental. Muitos que permaneceram no CEA saíram do governo e também da DS. Atualmente, a ONG participa da programação da rádio como comentarista de temas ecológicos.

4.1.7 - Coletivos

Este modelo organizacional apareceu na pesquisa como algo novo, tanto no formato quanto no perfil de seus integrantes. Apareciam participantes de coletivos, que se propunham a auxiliar em atividades específicas e seus integrantes eram, via de regra, jovens, sem ligações partidárias e que se organizavam em um modelo organizacional mais flexível por não apresentar necessariamente uma organização hierárquica ou formalização.

Coletivo Rede

Criado por participantes da rádio, especificamente por Renato, Mari, Valéria e Jorge, tinha como objetivo inicial ser uma cooperativa que prestaria serviço aos sindicatos e movimento sociais, como prestadora de serviços na área de comunicação. Tal ideia surgiu após uma disciplina na UCPel sobre economia solidária. Composto, na sua maioria

por jornalistas, contou com a participação de estudantes de Cinema e, a convite de Renato, eu participei por curto período, pois queriam incluir pesquisa social como um dos objetivos. Tinha uma estrutura física e equipamentos de filmagem para cobrir eventos culturais e sindicais, sem ter, inicialmente, noção dos valores que cobraria ou da forma como dividiria as tarefas entre seus integrantes, teve curta duração, transformando-se, depois, em uma empresa de comunicação que presta serviço para sindicatos, ONGs e profissionais liberais.

Coletivo Negada

Composto por integrantes do movimento negro de Pelotas. A maioria de seus participantes são estudantes da UFPel. Esta foi parceira da rádio na ocasião da comemoração de 200 anos da cidade de Pelotas, com perspectiva crítica acerca da visão apresentada pela gestão municipal e pela mídia tradicional, em que, segundo este coletivo, não aparecia o negro como agente construtor da história. Seus integrantes são comentaristas esporádicos na rádio.

Coletivo Tranca Rua (Casa 171)

Grupo de anarquistas, muitos estudantes da UFPel, que ocupam uma casa no centro da cidade, de número 171. Esta casa foi cedida ao DCE da UFPel há mais de vinte anos, sem ter sido ocupada por esta entidade, pois havia estudantes morando na residência. Há alguns anos vazia, estava em processo de uso capião por um dos antigos moradores, quando foi ocupada pelos anarquistas, no ano de 2010, os quais permanecem no local até hoje.

Alguns desses integrantes têm um programa na rádio, chamado *Subversão*, e alguns trabalharam na rádio voluntariamente como produtores de programas. Também fizeram atividades em parceria com a rádio, como a Feira do Livro Alternativa, além de saraus de poesia.

5 - DINÂMICAS DE ENGAJAMENTO

Apresentam-se aqui algumas trajetórias para a compreensão do processo de entrada, permanência e saída de ativistas em uma organização militante. Como indicado anteriormente, o ingresso não ocorre sempre da mesma maneira, variando de acordo com as particularidades biográficas de cada militante. Essa é a razão pela qual o mapeamento dessas trajetórias, considerando o período prévio à entrada na rádio, mostrou-se tão importante para o trabalho, pois demonstra uma variedade de razões e formas de ingresso que desmentem – como apontado pelos autores de referência deste trabalho – um perfil unitário do militante. Confirma-se que é no processo de adesão às redes especializadas que há uma fixação de *habitus* ativista, verificado na forma de sentimento de pertencimento e também como obrigação diante dos outros integrantes e também da organização.

Da perspectiva da organização, observaram-se “tempos de engajamento” diferenciados, partindo de uma perspectiva estrutural, ao perceber o trânsito de militantes na organização ao longo do tempo e como o encontro de militantes com tempos de investimento emocional diferenciado (AMINZADE & MCADAM, 2001) influenciam na dinâmica da organização. Por exemplo: enquanto alguns se encontram em um estado de euforia pelo recente ingresso, outros estão sufocados pela rotina e pela percepção de poucos resultados atingidos. Tais elementos estão presentes neste estudo, considerando a perspectiva dos ativistas.

Tal ângulo de análise apresenta, em meu entendimento, uma melhor capacidade analítica por possibilitar apreender elementos como a agência (ORTNER, 2006; ELIAS, 1994) diferenciada de cada integrante, além de ser verificável, também, a existência de um *habitus* (BOURDIEU, 2010), que se impõe àqueles desprovidos de capitais militantes (MATONTI & POUPEAU, 2006), o qual se constrói ao longo da participação e apreensão das regras do campo social e dos capitais políticos (BOURDIEU, 2004), oriundos de autoridade advinda da participação e ação nas redes e que possibilitam, dessa forma, que estes sujeitos distribuam responsabilidades para os demais. É uma forma de poder específico, acionada pela legitimidade conquistada por meio do ativismo. Esse poder é

compreendido como a margem de capacidade individual de interferir no campo, oriunda de sua posição social, e que é capaz de influenciar os demais (ELIAS, 1994). É, portanto, uma forma de agência, pois tem a capacidade de interferir e modificar o campo com maior eficácia e é conquistada em razão da aquisição do capital político. Na pesquisa, é demonstrada a partir da possibilidade de acionar capitais de outras esferas da vida no campo militante.

O emprego da história de diversos ativistas para compreender os períodos diferentes de militância considera que mesmo com a verificação de uma lógica comum a todos, há diferenças nos tempos de investimento, participação e distanciamento dos MS. Considera-se, assim, que esses espaços são constituídos de maneira heterogênea se compreendermos a perspectiva desses sujeitos, o que não contradiz a existência de uma estrutura social comum a todos que é a rede de sociabilidade especializada. Há aqueles que permanecem um período distante e retornam ao ativismo, seja na mesma organização ou em outra, traço comum dos sujeitos observados, o que se categoriza como militância em diversas organizações, em razão dos ativistas estarem colocados em uma rede social multiplexa⁶⁰ (BOLTANSKI, CHIAPELATO, 2009; GRANOVETTER, 1973; FONTES e STELZIG, s/a).

Maria da Glória Gohn (1997) observa que muitos dos militantes, já na década de 1990, por envelhecimento ou cansaço, haviam modificado sua participação política e

60 Boltanski e Chiapelato partem de uma perspectiva macrosociológica para localizar os indivíduos em termos de inclusão e exclusão em redes sociais. Os incluídos seriam aqueles positivamente posicionados em termos de classe e rendimentos, relacionado à uma compreensão estrutural, e logo macro, posicionando-os, portanto, positivamente em uma sociedade, em que é possível estabelecer relações com outros incluídos, pois participam economicamente da vida social (emprego), considerando uma escala social. Assim, tem uma rede social de referência, estabelecida com outros incluídos. Os excluídos, para tais autores, são aqueles negativamente posicionados, em termos macro, e conseqüentemente não dispõe de uma rede social de referência. São, conforme seus termos, *desafiliados* sociais.

Estes procurariam consolidar redes sociais com sujeitos negativamente posicionados na sociedade, construindo redes militantes de cooperação. Uma das características principais seria a *multiplexidade* de características dos seus integrantes, bem como a razão que os levou ao engajamento, em contraposição ao modelo partidário e sindical típico do século XX, que enquadra os militantes em um modelo único de classe e toma as reivindicações e protestos nestes termos. No entanto, muitos militantes que hoje agem nos NMS são oriundos destas organizações clássicas. Ou se distanciaram destas ou mantém relações com ambas, modificando as formas de atuação militante.

migrado para uma atuação mais institucionalizada, geralmente via parlamentar, sem terem auxiliado na renovação dos grupos militantes. Noto as mesmas características nos sindicalistas que observei na rádio, que dizem querer se afastar ou não participar tão ativamente da rádio por estarem “cansados”, por já terem “contribuído”, o que leva a refletir sobre a possibilidade de ciclos de militância, não somente em termos históricos, mas biográficos e organizacionais.

Sintomático de tal situação é a postura de Airton. Envolvido na emissora desde seu surgimento e tendo ocupado por vários momentos as coordenações de programação e finanças, diz que hoje se encontra desestimulado a participar. Em dada situação, enquanto estava no sindicato dos bancários para acompanhar uma reunião da coordenação, reclamou que é cobrado de não estar mais presente na rádio pelos demais integrantes, especialmente pelos funcionários que precisam resolver algum problema administrativo ou organizacional; como exemplo: quebra de equipamentos ou no caso de inspeção da ANATEL. A queixa de Airton é que ele tem sempre de resolver problemas, que é muito cobrado, ficando o seu papel exclusivamente de “resolver pepinos”, o que já tem que fazer no sindicato.

Da mesma forma, sobre as características dos novos militantes ainda na década de 1990, os quais teriam traços diversos dos antigos ativistas, sendo comum a estes novos “...interesses um tanto quanto difusos e indeterminados, bem informados [...] sobre os principais assuntos da agenda social e político cultural; com predisposição para o trabalho coletivo com fins determinados (GOHN, 1997, p. 341-342).” Esses elementos, sem querer enquadrar a realidade nas referências, fazem-se presentes, ainda mais se considerarem o aspecto geracional, elemento significativo no estudo de ciclos de mobilização e de formação ideológica, especialmente em Mannheim (1952). Os jovens estudantes que se aproximam da rádio e também dos que se organizam em *coletivos*, demonstram, assim, uma coerência estrutural nestes termos em diversos casos. Sinteticamente, o foco único e exclusivo em **classe** é diluído em uma série de causas, como: feminismo, ambientalismo, etnia; entre outras causas; ou ainda, interesses em promover “culturas alternativas”, como hip hop e artistas locais.

Da definição dos movimentos sociais como aqueles que “...possuem identidade, têm um opositor e articulam ou se fundamentam num projeto de vida (GOHN, 2010,

p.16)”, busco localizar as dinâmicas que possibilitam essa compreensão. Quem são os opositores e quais são os projetos de vida dos ativistas da rádio. Localizados historicamente e em determinado espaço social, inseridos em um movimento social no setor de comunicação (GOHN, 2010), e que trazem novos temas à rádio e envolvem uma gama maior de movimentos sociais e sujeitos através do contato de redes sociais diversas, os agentes da rádio possibilitam, ao focar a biografia dos militantes, pensar em como estas definições macrosociológicas operam nas suas atividades através da adoção do *habitus* do grupo e sua adaptação contextual de acordo com suas trajetórias.

Por tais razões, apresento, a seguir, as lógicas militantes de maneira estrutural, compreendendo a adesão, a continuidade e o desengajamento. E dentro de cada um destes elementos estão contidos casos de ativistas sobre esses trajetos, que são representativos dessas etapas na biografia dos militantes, mas que ocorrem de maneiras diferenciadas, considerando a sua biografia que, de acordo com os pressupostos do trabalho, dá-se pela participação diferencial em redes sociais, relevância de redes e conexão que faz entre as suas *esferas de vida* (TARROW, 2009) e a relevância que dá a estas.

As categorias internas a cada uma das etapas de participação foram pensadas de acordo com aquilo que apareceu durante a pesquisa, como elementos significativos para os militantes e apresentados de maneira sequencial de acordo com a fase de participação em que se encontravam. O primeiro elemento a ser considerado é a adesão ao MS.

5.1 Adesão

Etapa inicial do ativismo, a adesão pode ocorrer de maneiras variadas considerando a trajetória individual, mas estas diferentes formas de ingresso seguem, invariavelmente, um percurso que as torna coerentes em termos estruturais e geracionais e que considera que os elementos de atração são comuns aos aderentes. Aqui, abordo o ingresso dos indivíduos numa rádio comunitária, sendo relevante apreender o caminho que os levou até esta organização. Assim, com base nos elementos destacados no capítulo 1, para a adesão interessam as *oportunidades estruturais, laços sociais (ou redes), recepção e ausência de constrangimentos biográficos*.

5.1.1 - Oportunidade estrutural: “Gostava de rádio desde guri!”

A oportunidade estrutural é a porta de entrada para a adesão em movimentos sociais. Considera-se a possibilidade de ingresso num movimento social por alguma inclinação pessoal pela causa, por contatos, ou outra razão - que será adiante comentada. Em suma, é um espaço oferecido àqueles que podem ter alguma disposição ao ativismo, mas que não tinham como dar vazão a tal desejo.

Como apresentado no capítulo 1, a teoria sobre o engajamento até a década de 1960 de viés psicologizante, atribuía a adesão a desvios comportamentais, sendo substituída posteriormente por uma compreensão processual do envolvimento dos sujeitos. Os casos apresentados servem para ilustrar que as mais diversas apetências são um substrato para a adesão e que o comprometimento surge durante a prática. A oportunidade estrutural significa a possibilidade de participar de alguma organização que dê suporte e sustentação para a participação.

O caso de Seu João ilustra a possibilidade de acionar uma disposição adquirida em outra esfera de vida e que pode ser relacionada à participação na estação como maneira de realização de um desejo sublimado por alguma razão. Para compreender o ingresso

na RádioCom pergunto-lhe por que quis participar da organização; ao que ele me responde:

Eu, desde guri, era apaixonado por rádio em função até da própria copa do mundo de '58. O Brasil ganhou a copa naquele ano, eu saí gritando, guri do campo, imitando os narradores daquela época. E toda hora meu pai ficava: - Mas que coisa esse guri não tem o que fazer (Seu João, 2012)!

Na rádio, me conta, teve a oportunidade de fazer algo da “época de guri”, e assim acionar uma disposição prévia de sua juventude. Quando era adolescente teve oportunidade de trabalhar em uma rádio em sua cidade natal.

A gente morava longe da sede, e estudava na cidade, eu morava com uma tia e meu irmão morava com a avó. A minha tia era bem relacionada na cidade, católica, e eu com vontade de ter minha independência. E queria trabalhar no rádio. Os padres na época estavam adquirindo rádio no interior, na época da ditadura. Até por questão de segurança e informação os padres eram os que tinham... pelo lado da questão política não havia perseguição da rádio católica que era conhecida por todos. Eles compraram uma antiga difusora. O cara que estava lá não queria mais fazer rádio, e eles compraram. A ideia deles era ter uma emissora de maior potência, a difusora era de menor potência, meio quilowatt. Dava as notícias da cidade e tinha programa de esportes nessa rádio. Eu sabia tudo de futebol então os caras faziam um programa pra dar prêmios e não tinha quem me batesse, eu ganhava todas. Aí os caras me convidaram pra fazer o programa. Eu tinha uns 15, 16 anos e fazia o programa de esportes(Seu João, 2012).

Trabalhou nesta rádio até o início dos anos setenta, quando decidiu ir para Porto Alegre para prestar vestibular - vivia em um período político que percebia como conturbado.

Eu fui morar meio clandestino na casa do estudante por que eu não era universitário, estava só me preparando pro vestibular. Aí surgiu um fato que

preocupou bastante a nossa família em relação a ele, fazia um curso que já era perseguido (Ciências Sociais). E eu queria fazer Jornalismo, alguma coisa nessa área pra atuar no rádio inicialmente (Seu João, 2012).

Seu João tinha um irmão que já era estudante na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), razão pela qual foi morar nesta casa dos estudantes. Ficou pouco tempo aí, dado a conjuntura política, em que havia grande perseguição política por parte da ditadura militar, mesmo que à época, como me diz, ele próprio não fosse muito ligado à questão política.

Uma das nossas tias, que morava com um militar em Porto Alegre, alertou meus pais que poderia ocorrer uma situação bem mais grave com ele. Aí meu pai disse: - *Quem sabe tu não faz vestibular e vai trabalhar?* Eu já estava trabalhando na Caixa de estagiário e depois eu fiz concurso. Eu tinha medo da repressão política e preferi deixar pra depois, deixar as coisas acalmarem. Meu irmão foi embora pra Curitiba, ficou 2 anos lá. Até pra não ter problema nenhum. O pessoal invadiu a casa, tinha nome de pessoas. Eu caí fora e fui trabalhar. Aí então eu abdiquei da faculdade pra trabalhar. Dois anos depois eu já casei. Mas o sonho era trabalhar em jornalismo, rádio, continuar na comunicação. Até por que não tinha aquela questão política dentro de mim. Claro, mais tarde isso começou (Seu João, 2012).

Após tais episódios, Seu João passou a relacionar a comunicação com a questão política, tanto pela questão do curso universitário quanto pela participação que teve, mesmo que brevemente, com o sindicato de radialistas, no qual foi filiado e no qual conheceu um militante do PC do B. Considera-se ainda, a perseguição a seu irmão, que também teve de deixar por algum período seu curso e, ao retornar dois anos mais tarde, - passado o período de perseguições - começou a militar no movimento negro, o qual Seu João disse não ter podido participar por estar envolvido com seu trabalho e família.

Assim, naquele momento, participar do curso de comunicação e ser radialista, significava um risco. Seu João faz, portanto, o que McAdam (1986) denomina como análise de riscos do ativismo, o qual se refere a considerar perigos de forma antecipada. Permanece implícita, em determinadas situações, a escolha racional. Dada a situação

encontrada durante a ditadura militar, em que qualquer organização política que discordasse do regime seria perseguida, a disposição de Seu João foi sublimada.

Morando em Pelotas desde 1983, permaneceu durante muitos anos como trabalhador autônomo. Comentou ter visitado diversas rádios na cidade ao chegar, mas não havia espaço, pois eram “muito fechados”, não dando oportunidade para aqueles vindos de fora. Passados muitos anos, já em 2002, sua esposa fez um curso em que conheceu um operador de som que participava da RádioCom e lhe convidou a também participar.

Seu João foi até a rádio, aonde conheceu Cláudio, Renato e Airton. Após conversa com a coordenação lhe foi dado um espaço para participação. Foi-lhe explicado o objetivo da rádio e que dispunham de poucos recursos e, portanto não poderia ser pago. Como queria, segundo contou, apenas produzir seu programa, inicialmente trabalhou como voluntário. Começou a fazer programas no turno da manhã, como operador de som e locutor. Inicialmente produziu programas que já existiam na grade de programação, nos quais eram apresentadas músicas alternativas, de estilo MPB, e após algum tempo começou a produzir um programa próprio, chamado *Nativismo sem fronteiras*.

Após a saída de um dos operadores de som da rádio (funcionário remunerado), Seu João começou a receber o valor do piso de radialista pelo trabalho e permanece na rádio desde então. Assim, depois de muitos anos sem participar de maneira regular de uma rádio, foi-lhe oferecida a oportunidade de voltar a trabalhar como comunicador, pode novamente acionar esta disposição.

“O gosto pela rádio”, como havia dito, foi o motivador inicial à sua participação. A emissora é a oportunidade estrutural que se abre a Seu João, em um contexto macrossocial em que uma emissora com cunho político esquerdista é relativamente aceita, não sofrendo o risco de perseguição pelo Estado da mesma forma que ocorreria no período ditatorial⁶¹, sendo uma estrutura que permite re-acionar esta disposição, ou gosto, que tinha pela comunicação e política.

61 No capítulo 5.1.4 se desenvolverá em maior detalhe os riscos aos quais os programadores e participantes da rádio estiveram expostos há alguns anos.

Da mesma forma que Seu João, Antônio vai à rádio para dar vazão a um antigo desejo de ser comunicador. Viveu até seus 18 anos na cidade de Jaguarão e próximo a prestar serviço militar, decidiu, convencido por um amigo, a mudar-se para Porto Alegre, pois seria “mais tranquilo” o serviço na capital do que em sua cidade.

Nunca mais eu esqueço a cena assim... No verão, janeiro, e eu percebia que muitos deles estavam descascando a pele da cabeça, por que em função de que o pessoal cortava o cabelo, todo mundo com o cabelo praticamente zero, à maneira de recruta, e no sol do verão os caras muitos não aguentavam e descascavam mesmo. E eu olhava para aquilo... e eu com cabelo na época pelos ombros, aquela fase que não queria pensar noutra coisa a não ser ir no colégio, estudar e fazer festa. Aí um amigo, 6 meses antes, foi pra Canoas, tentar servir na base aérea em Canoas e de lá ele começou a me pilhar: *“vem pra cá, aqui é bom, aqui é uma folga, os caras andam cabeludos, é outro estilo”*. E eu comecei a me pilhar com aquilo. Chegou na hora de eu fazer o exame e eu fui a Porto Alegre fazer, fui a Canoas (Antônio, 2012).

Antônio mudou-se para Porto Alegre e permaneceu por aproximadamente três anos na Aeronáutica, aproveitando um período que percebe como uma “colônia de férias”. Trabalhava das oito da manhã até as duas da tarde. Nesta época, me conta, começou a estabelecer novas redes de relacionamento que fizeram com que ele percebesse o período político em que vivia. Longe de casa e de seus antigos amigos, começou a se aproximar de conhecidos de sua cidade natal, os quais reencontrou na capital e que lhe apresentaram estudantes, professores da UFRGS, com quem participou de discussões políticas.

E justamente as pessoas com quem eu me envolvi foram pessoas que tinham algum envolvimento com política. Ou por serem estudantes na UFRGS ou com alguns professores tal, mais pessoas ligadas ao teatro. Então tinham algum envolvimento. E eu, a partir dali foi que eu comecei a tomar consciência política. Eu sempre costumo dizer que... que em relação a muitos foi um pouco mais tarde. Eu comecei a tomar consciência inclusive da época, né Ricardo. Que era uma época efervescente, assim... aquilo era 75, 76, 77. Comecei a tomar consciência da questão política, da questão cultural do que acontecia na época, questão musical. Ali mudou totalmente a minha cabeça (Antônio, 2012).

A partir desta “tomada de consciência”, decidiu deixar o exército e começou a trabalhar como vendedor. Mudou-se para Pelotas, pois seus pais estavam estabelecidos na cidade, e permaneceu durante anos afastado de qualquer participação em debates políticos. Trabalhou por algum tempo em um cursinho pré-vestibular, pois queria também cursar Jornalismo, pois; conforme contou em entrevista; quando era jovem gostava muito de ler jornais e falar das notícias. Como o curso de Jornalismo em Pelotas era somente em instituição privada de ensino, não conseguiu realizar este desejo por faltarem-lhe os recursos.

Depois trabalhou como representante comercial, viajando por todo o Rio Grande do Sul. Contou que nestas viagens gostava muito de ouvir as rádios locais e, quando estava próximo à fronteira, ouvia principalmente as uruguaias, tendo desenvolvido neste período um gosto especial pelo estilo de música nativista que considera mais abrangente do que aquele restrito ao Rio Grande do Sul.

Em 1998, uma amiga sua, estudante de Ciências Sociais na UFPel e militante do Partido dos Trabalhadores, lhe informou que pessoas dos sindicatos da cidade queriam montar uma rádio. Ela lhe apresentou o grupo que vinha se reunindo para discutir o perfil da rádio e se integrou a eles nos debates.

Começou, desde o princípio da rádio, como comunicador do programa de notícias, o que sempre quis e também em um programa chamado *Cantos de Luta e Esperança*, neste último, junto com outro colega - um advogado trabalhista, que também é compositor de músicas nativistas. Na emissora desde o início das transmissões no ano de 2000, tendo saído por um breve período, sente-se à vontade para tratar de temas políticos como condutor do programa *Contraponto* e também no programa musical traz temas latino-americanos, seja em música ou poesia.

Gusmão, diferentemente de Antônio e Seu João, queria um espaço que proporcionasse o que chamava de “cena alternativa”, em especial o Hip Hop, pudesse se manifestar. Trazia consigo uma série de contatos que participavam da “cena” alternativa e

era para eles que pensava desenvolver este espaço.

Gusmão conta-me que seus pais não eram envolvidos com política, tampouco ele o era. Teve alguma participação na pastoral da juventude há muitos anos, após sofrer um acidente de moto. Nesta época recebeu auxílio de pessoas ligadas a esta pastoral, local em que conheceu alguns militantes do Partido dos Trabalhadores. Também nesse período começa a se envolver com política e, enquanto estudante, passa a participar do movimento estudantil.

Disse que sempre gostou de música alternativa, em especial o rap, buscando envolver-se em atividades que promovessem grupos da cidade ligados a este estilo.

Eu trabalhava de pedreiro, de profissão, mas eu já me envolvia com a cultura, gostava de música, já estava naquela fase de vinil, naquela época não tinha mp3 e internet, depois é que veio o cd. E estava naquela fase de escolher a música, no começo dos anos 90 eu já tinha essa coisa de sair do comercial. E essa curiosidade de buscar som diferente essa coisa foi que me puxou pra fazer alguma outra coisa. Nessa época eu já gostava de rap. E foi aí que me envolvi (Gusmão, 2012).

Contou que costumava juntar pessoas ligadas ao rap para gravar músicas em sua casa, buscando incentivar artistas locais. Deste desejo de fazer algo “alternativo”, surgiu a ideia de montar uma rádio comunitária, pois disse ter percebido que não teriam espaço nas mídias tradicionais, sendo necessário um meio de comunicação que apoiasse artistas alternativos da cidade.

Uma amiga sua, jornalista ligada ao PT, lhe conta que existiam sindicalistas na cidade de Rio Grande que haviam montado uma rádio comunitária e que seria interessante que conhecessem este pessoal para saber como poderiam trazer esta experiência para Pelotas. Gusmão foi até Rio Grande e conheceu esta rádio sindical, e também Silas, que lhe deu orientações sobre o funcionamento da emissora e assim decidiu envolver-se com o tema. Começou a participar de debates sobre rádios comunitárias e foi até Santa Maria, onde havia um encontro sobre o assunto. Essas

atividades e viagens foram feitas às custas do próprio Gusmão, dada a importância que ele via em participar dessas experiências e conhecer pessoas que tivessem condições de orientá-lo.

Aí eu fui num encontro em Santa Maria (Encontro Estadual de Rádios Comunitárias), e nesse encontro eu encontrei o Cláudio. Eu não sabia que o Cláudio era do sindicato dos bancários. E nós conversamos, eu falei pra ele que tinha conversado com o Silas. Aí fomos eu, ele e o Joca conversar com o cara. Isso foi pra tu ter uma ideia como é que rolou a rádio. Depois começamos a fazer reuniões, falar com um pessoal que já tinha trabalhado em rádio, pra ver quem é que puxava. Então foi aí que reunimos os sindicatos todos (Gusmão, 2012).

Depois deste encontro entre Gusmão e Cláudio, começam as reuniões entre sindicatos e militantes de diversos movimentos para construir a RádioCom. Ambos já se conheciam, mas Gusmão não sabia que Cláudio estava envolvido com o tema. Cláudio, na época participante da direção do sindicato dos bancários de Pelotas, começou a realizar reuniões com outros sindicalistas e também integrantes de diversos movimentos sociais, estando Gusmão já envolvido nestas reuniões e com o suporte financeiro oferecido por estes sindicatos, construíram a rádio.

Tais exemplos, além das características dos demais participantes, permitem afirmar que não há um padrão de chegada à rádio, estabelecendo de antemão que é necessário ser militante para que se participe da organização, salvo a aceitação daqueles militantes já colocados na organização que devem aceitar os aderentes. Dos exemplos apresentados, cada um chega à RádioCom por razões diferentes. Seu João gostava de rádio “desde guri”, Antônio interessava-se por notícias e Gusmão de rap e música alternativa. Estes já tinham em suas experiências pessoais alguma forma de participação ou conhecidos na política, sem ser estas, no entanto, a razão principal de sua aproximação com o projeto que então estava sendo montado.

A rádio é, portanto, compreendida como uma estrutura social, ou melhor, um campo social em que se encontram indivíduos com um perfil psicossocial relativamente homogêneo e que, portanto, está aberta a aceitar novos membros, desde que se

adequem aos seus padrões ou não sejam contrários a estes. Razão pela qual encontram-se diversos programas que não tratam de política; mas que pela interpretação dos coordenadores e militantes; não encontram espaço no que denominam mídia tradicional e comercial, razão pela qual enquadram-nos como participantes de seu grupo.

Serve para a análise a formulação de Flingstein e McAdam (2011) de *strategic action field* (SAF), que são as unidades fundamentais de ação coletiva na sociedade. A SAF é uma ordem de mesonível social em que os atores (indivíduos ou coletividades) interagem com o conhecimento dos demais com um conjunto de entendimentos comuns sobre os propósitos do campo, os relacionamentos (incluindo quem tem poder e por que) e as regras do campo.

Da mesma forma que Seu João foi recebido na emissora, outros indivíduos e atores coletivos também têm espaço na programação da rádio, o que não ocorreria em outras rádios. Caso de usuários do Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS)⁶², que têm um programa semanal chamado *Gente como a Gente*, no qual abordam questões atinentes aos usuários dos CAPS, realizam entrevistas e tocam músicas, algumas produzidas por eles próprios. Também há um professor universitário aposentado, do Conservatório de Música (UFPel), que apresenta dois programas semanais, um com marchinhas das décadas de 1920, 30, 40 e 50 e outro de boleros e tangos.

Há presente, por parte dos construtores da rádio, a preocupação de conter em si a maior variedade possível de estilos e sujeitos - desde que não sejam comerciais - uma característica notada por Pierucci (1999) sobre a virada da esquerda para a questão da *diversidade*, termo lembrado a todo o momento por muitos programadores, e que se expressa na grade de programação da rádio. Mari comenta sobre a diversidade da programação:

O objetivo maior da RádioCom é fazer com que ela seja um núcleo e várias representações possam estarem próximas. Por exemplo, agora nós vamos ter no máximo em um mês, um programa do movimento gay na RádioCom. Então tem o

62 Com a mudança da política de tratamento de usuários de drogas e pessoas portadoras de distúrbios mentais, quando havia tratamento em um modelo manicomial, apartando estas pessoas do convívio com a sociedade, como demonstrou o filme *Bicho de Sete Cabeças*, hoje em dia os CAPS fazem um acompanhamento destas pessoas, que permanecem junto a seus familiares e vão aos centros para realizar tratamento continuado.

movimento gay, o movimento negro, o movimento cultural, o movimento da música mais nativista – não sei se pode dizer movimento, mas pessoas que são envolvidas mais nessa linha, o movimento estudantil, o movimento anarquista, essas coisas, o movimento sindical, entende... Eu acho que a RádioCom é um coletivo que representa essas coisas. E quando tu fala em coletivo, e aí, por exemplo o coletivo de uma pessoa só... eu não concordo que seja o coletivo de uma pessoa só, realmente me incomoda um coletivo de uma pessoa só. Mas eu ainda acho que seja uma representação, entende... eu vejo um coletivo como uma representação de algo. [...] Então tu tem, é representação de algo. Por exemplo, quando a gente falava em coletivo, por que a gente fazia reunião de coletivos na RádioCom? Por que a gente tinha uma representação de um coletivo – e aí eu falo IMA, que vem mais essa questão política, memória, ditadura militar. [...] Tem o coletivo negada. O coletivo negada é feito por 3 negros. Não sei... mas lá eles discutem questões relacionadas ao negro e a questão da diversidade (Mari, 2012).

A rádio oferece, assim, espaço de participação em uma forma de imersão total, o que se vê nos militantes da comunicação, que adotam uma visão de mundo em que o ativismo faz parte de seu cotidiano. Estão na rádio no dia a dia, assim como em outros espaços de militância. Também oportuniza a participação daqueles que se prestam a uma participação esporádica, tratando de um assunto próprio ao seu grupo ou de seu interesse. Para que tal participação ocorra é preciso que sejam aceitos pela rede de sociabilidade e a permanência será facilitada pela constituição de laços sociais.

5.1.2 Redes e laços sociais: “Ele viu que eu militava no Diretório Acadêmico e me chamou.”

Ao longo da pesquisa, as redes sociais⁶³ construídas por indivíduos e organizações foram mostrando-se como elemento fundamental para compreender o ingresso e permanência dos indivíduos no ativismo. Tais redes, conforme McAdam (1982, 2001), constituem o elemento interno de suporte para um ciclo de protestos e consolidação dos movimentos sociais, sendo um dos três elementos pertinentes para a compreensão da formação de grupos de militantes, elemento próprio da TPP.

Estas redes são espaços de sociabilidade em que indivíduos passam a se relacionar por razões de afinidade, confiança, amizade, entre outros, estabelecendo laços sociais perenes e que podem ser transferidos para outras esferas sociais pela relação de confiança estabelecida com o indivíduo de referência que participa do campo militante. Um dos espaços originais da produção da rádio foram os sindicatos, partidos políticos de esquerda e organizações categorizadas pelos integrantes da rede militante como movimentos sociais, razão pela qual inicialmente na rádio a maioria dos integrantes era de sindicalistas e militantes partidários. Com o passar do tempo, estes sindicalistas passam a freqüentar o espaço universitário, o que abre o leque de possibilidades de recrutamento de novos militantes.

Um dos primeiros jovens universitários que começou a participar da rádio foi Paulo, que começou a se interessar por política no seu curso pré-vestibular, durante as aulas de História. Disse que seu professor tinha uma “orientação de esquerda” e os instigava à crítica e a pensar como o atual estado das coisas tinha se originado. Nessa época, pelo ano 2000, aproximou-se do PT, como “uma grande parte da juventude da época”.

No PT passa a conviver com outros jovens militantes e participar do movimento estudantil após ingressar na UFPel. A convite de outro militante do partido, também estudante universitário, conhece a RádioCom. Como me relatou:

⁶³ Com base em Barnes (1987) compreende-se que redes sociais são um instrumento de análise que permite a reconstrução dos processos interativos dos indivíduos e suas afiliações a grupos, a partir das conexões interpessoais construídas cotidianamente (FONTES E STELZIG, p. 1).

Ele disse que estava acontecendo um movimento para a criação de uma rádio, e que nós aparecêssemos por lá. Eu conversei com outras pessoas que estavam a fim de não só fazer a sua graduação, mas participar da universidade como um todo. Ele estava participando das primeiras reuniões e aí a gente foi até a RádioCom por ocasião da divulgação de uma nota de um trabalho que a gente fez em uma disciplina. Aí eu e o meu colega de aula, o Fulano, que é meu amigo, fomos até a rádio e conversamos a respeito da possibilidade de participar e pediram que a gente fizesse um projeto. Nós fizemos um projeto...(Paulo, 2012).

Paulo faz um projeto para apresentar um programa sobre arte, pois era estudante deste curso na UFPel, e passa a produzir o programa chamado *Icônico*. Além da participação na rádio, Paulo também participou de outros espaços ativistas, relacionando sua atividade partidária com organizações não-governamentais e cooperativa não distinguindo atividades remuneradas de voluntárias:

Tinha outras formas de militância. Eu militei partidariamente, no Partido dos Trabalhadores, fui assessor do vereador Beltrano (PT) durante um período de quase 2 anos, participei em organizações não governamentais. Mas a minha atuação mais pesada sempre foi na rádio, por que me seduzia mais, pela diversidade e talvez pelo foco mais da cultura que é o que eu gosto e atuo hoje como professor [...]. Eu investi um pouco mais de tempo na rádio, mas tive outros tipos de militância. Agora, além disso, tive também na direção da (cooperativa de alimentação), depois eu fui trabalhar em Bagé na prefeitura, por conta da minha trajetória militante (Paulo, 2012).

Perguntado sobre sua atuação no movimento estudantil, respondeu:

Fui do movimento estudantil, participei do DCE no período de 2002 a 2003. Em 2001 eu participava do DA, Diretório Acadêmico das Artes; lá nós estivemos 2 anos, sempre chapa única, sempre fazendo boas articulações. Aí no DCE a coisa era diferente, tinha disputa e tal. Eu nunca ocupei no DCE um cargo ou um posto de primeiro escalão, eu nunca estava nas principais decisões. Eu participei no DA, sim, eu participava das reuniões de centro. A minha participação na política, foi

uma participação mais intensa, eu sempre ocupei cargos de direção, tanto na corrente quanto no partido, fui secretário de juventude durante um ano no PT aqui em Pelotas. Tem gestão de 4 anos o secretário de juventude, mas trocava todos os anos, fazendo uma escala de rodízio. Eu fui secretário de juventude em 2003. Em 2002 e 2003 foi o período que eu mais atuei na militância partidária e não partidária e que foi o período em que eu estive também prestando meu curso, fazendo Artes Visuais e Design Gráfico (Paulo, 2012).

Permanece por um longo período na rádio produzindo o programa *Icônico* e depois cria o programa *Navegando na Contra-informação*, que após sua saída da rádio passou a ser produzido por Mari. A maior parte do tempo participou como voluntário, tendo recebido uma bolsa de extensão no final do projeto *Icônico*. Atuou também na realização da parceria da Prefeitura Municipal de Pelotas na gestão 2001-2004 (PT) para a construção da Agenda 21 Local, em que ONGs faziam trabalhos em bairros para consulta popular e implementação de um programa socioambiental local. Assim como Paulo, Mari também começou sua participação na rádio quando era estudante universitária.

Em casa Mari não teve contato com a política. Seu pai, falecido recentemente, foi servidor público estadual. Ela conta que ele nunca teve interesse em se aproximar do sindicato, porém se manteve informado em relação a sua categoria. Sua mãe é dona de casa e cozinha 'pra fora'. Ambos, em sua opinião, eram "muito inocentes" em relação à política. Ela ressalta que eles não são de 'direita' e que não vêem diferença nesse tipo de categorização. Esse distanciamento dos seus pais com a política permitiu a Mari que se tornasse independente para determinar suas escolhas políticas e profissionais. "*Sempre fui muito livre*", me diz; pois não houve impedimentos para seu futuro engajamento, o que não impediu certo estranhamento por parte de seus pais.

Cursou a faculdade de Comunicação Social na Universidade Católica de Pelotas (UCPel), no período de 2002 a 2006. É nesta época que começou a envolver-se com a militância, participando do Diretório Acadêmico e depois no Diretório Central dos Estudantes. Nesse período conheceu Paulo, estudante de Artes na UFPel e de Comunicação Social na UCPel; Daniel, estudante de Comunicação na UCPel, os quais já participavam da RádioCom, e Renato. Pergunto-lhe como conheceu a rádio e de que forma começou a participar dela:

Eu conheci a rádio através da internet. Foi em 2000 e...não sei qual ano, mas foi bem naquela época que tinha um site que eu achava maravilhoso que era um site de um índio, um site todo preto e branco. Era bem diferente, era uma rádio... naquela época eu achava uma rádio bem mais forte. E eu conheci a rádio assim, no meu primeiro ano de faculdade, ouvindo e paralelamente a isso eu conheci pessoas que já eram da rádio; como o Paulo, o Daniel e o Renato. O Daniel fazia parte do DA comigo. Então foi natural. O convite pra entrar na rádio foi muito natural. Eu já era ouvinte, já sabia que aquilo tinha a ver comigo. Na época eu fazia estágios em outros lugares, mas não achava que tinha muito a ver com o que eu queria. E aí fui pra rádio no meu primeiro ano de faculdade já (Mari, 2012).

Iniciou seu ativismo no DA e, concomitantemente, da RádioCom, a qual veio a conhecer, como relata, pela internet, sem uma relação direta com seus participantes. “Foi natural”, como ela diz. O conhecimento da emissora se deu pela procura de conteúdo que lhe interessavam, pela internet, sem intermediação para a chegada neste espaço de nenhum agente recrutador, o que se denomina como *laços fracos*, os meios midiáticos; e *laços fortes* são as amizades, sujeitos que já estão inseridos nas redes militantes e que apresentam tais espaços para o ingressante (FLINGSTEIN E MCADAM, 2011; FONTES e STEZLIG, s/a). Tais laços passam a ser formados a partir do momento em que decide participar de atividades junto ao diretório acadêmico, IMA e passa a interagir de maneira continuada com outros agentes da rede militante.

Há, no caso de Mari, uma continuidade, ou melhor, uma coincidência temporal, no que diz respeito à rádio, considerando quais laços foram preponderantes para que tivesse conhecimento desta. No entanto, para se inserir em uma rede mais ampla de militantes foi fundamental, ao que parece, a participação pretérita em uma organização e também a relação com sujeitos conhecidos por outros militantes e reconhecidos como tais, caso de sua iniciação no Instituto Mário Alves (IMA). Mari foi convidada pelo professor Rafael para participar das atividades do IMA. Ela acredita que o convite tenha vindo em função de estar envolvida com o movimento estudantil e pela sua postura em sala de aula.

O convite surgiu após uma aula de Ciência Política, proferida pelo professor Rafael. Isto ocorre, me diz, em razão da postura dos alunos em sua aula e também quando

percebe que há envolvimento destes em DA's e DCE. No IMA, Mari atua como jornalista e aprofunda o envolvimento com a militância, participando da coordenação, ajudando na organização de eventos e outras atividades: - *O IMA é muito louco, por que é tudo na verdade. Desde descascar cebola até discutir política com o Rafael. É muito bom, uma das maiores escolas sem dúvida é o IMA.*

É neste cenário que Mari inicia-se na militância. Tem no professor Rafael uma referência política e comenta como foi importante a transição do espaço acadêmico para o IMA, podendo falar “de igual para igual”. Além disso, tem o estabelecimento de uma relação de confiança para com os integrantes desta organização, lhe sendo relevante, em especial, um sentimento de autonomia, desempenhado no desenvolvimento das atividades neste instituto, como participar de reuniões “nos domingos de noite”, buscar associados, organizar eventos, entre outros.

Compreende ter sido “natural” o convite a participar da RádioCom por já ter iniciado sua militância em outros espaços. Também diz que este envolvimento se deu por uma *“...sintonia com a proposta que já tinha e que deu lógica na minha vida que a RádioCom se enquadrava muito mais para aquilo que eu queria relacionado à comunicação”*. Assim, parecia fazer sentido a participação nestes espaços sociais em forma conjunta e começa sua participação na rádio.

Iniciou, também na época da faculdade, uma discussão sobre cooperativismo, em razão de sua participação em uma incubadora de cooperativas da UCPel, e na qual era presente o debate sobre economia solidária por parte do professor Aroldo. Mari diz que nesta época era “tudo cooperativa e economia solidária”, a ponto de parecer uma “lavagem cerebral”. Em razão destes debates, Mari e outros colegas de faculdade; entre eles Renato e Valéria, elaboraram um projeto de cooperativa, denominado *Rede*.

A decisão de formar a cooperativa com estes colegas, se deu por um sentimento de “sintonia”. Todos são colegas de faculdade, de movimento estudantil e também participam da rádio. Valéria foi participar posteriormente da RádioCom juntamente com Mari. Foi Renato quem as convidou para entrar na rádio e também lhes apresentou uma série de contatos de organizações militantes, em especial outros sindicatos e também profissionais liberais, como advogados que atendiam a estes sindicatos.

Foi neste período de faculdade que Mari estabeleceu a maioria dos contatos militantes que mantém até hoje. Sendo o processo de iniciação no que vem a denominar militância como uma forma de atividade relacionada a grupos políticos e sindicais e que se caracteriza pela inserção simultânea em diversas organizações, dando maior importância para algumas por determinadas questões que inicialmente se apresentam como sentimentais ou ideais.

Trajetória semelhante à de Mari é a de Daniel. Seus pais também não tinham envolvimento com política formal ou informal. Foi estudante de Comunicação Social e colega de aula de Renato - com quem disse ter percebido uma afinidade logo “de cara”, pois assim como ele, tendia a ser mais crítico do que os demais colegas, em seu entendimento, em razão de sua origem socioeconômica. Começou a fazer os trabalhos de faculdade com Renato e contestar um padrão que via na faculdade de estudante que quer se formar para trabalhar na Rede Globo.

Participou do Diretório Acadêmico e também do Diretório Central dos Estudantes, assim como de atividades de formação política do IMA. Estes espaços de militância permitiram a ampliação de contatos dentro da rede militante, tornando-o conhecido com os demais ativistas que passam a reconhecê-lo como um participante da rede.

Neste ambiente, participando de debates no movimento estudantil e IMA que começa a se interessar pela militância e, como me disse, começa a se dar conta das coisas.

DANIEL:...quando eu entrei na faculdade, no primeiro ano eu me interessei em assumir o diretório acadêmico. Aí eu conheci o Fulano, conheci outras pessoas, e agente foi conversando, conversando e eu organizei um grupo e...

EU: Isso foi antes de entrar na rádio?

DANIEL: Foi ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo que eu entrei na rádio eu comecei com o negócio do diretório acadêmico.

É nesta época que é convidado por Renato para participar da RádioCom:

Aí a entrada na rádio foi por uma aproximação e por ter conhecido o Renato. E o Renato naquele momento ele era a rádio. Não conseguia pensar, falar em rádio sem falar no Renato era uma coisa que não tinha... não se desvinculava por que tudo passava pelo Renato. Tanto é que ele não dizia: “*eu tenho uma rádio*”, “*a tua rádio*”. E ele dizia: “*não, não é minha é de todo mundo*”. (Daniel, 2012)

Tanto Daniel quanto Mari são levados à rádio por convite de Renato, sujeito recrutador e que tem o papel de conexão das redes sociais criadas na Universidade e rádio.

Mari e Daniel ilustram uma das possibilidades de chegada à rádio, não sendo, necessariamente, a única forma. Gusmão, atual coordenador geral da RádioCom, era frequentemente citado como o sujeito que havia apresentado alguém à rádio, representando o agente recrutador anteriormente citado.

Gusmão é um formador de redes. Envolvido com a rádio desde o início, produziu alguns programas na emissora, mas seu papel principal é chamar pessoas para a rádio. Frequentemente, enquanto eu estava na rádio - ao ouvir algumas entrevistas de Mari no Programa *Navegando* com algum artista local ou de fora da cidade - ouvia da pessoa que havia conhecido a RádioCom através de Gusmão, o qual apresenta-se como agitador cultural. Preocupado com a promoção de músicos locais, busca incentivar a participação destes na emissora, tendo produzido já dois cds e festivais de música com artistas. Costuma cobrar que as músicas sejam tocadas durante a programação e assim atrai mais artistas para a rádio.

É, pelo que percebo, um formador e mantenedor de redes de músicos e produtores culturais. Entre estes, ele seleciona os que acredita enquadrarem-se como alternativos, e exclui aqueles que fogem deste perfil, que seriam os que tocam músicas com estilo de rádios comerciais. Da mesma forma, exclui aqueles que acredita quererem se aproveitar do espaço da rádio para promoção própria. Preocupado com a realização de atividades culturais, como shows e demais eventos, procura fazer parcerias com produtores culturais da cidade. Por ocasião da festa de aniversário dos 10 anos da rádio, Gusmão começou a receber o apoio de um produtor local que se prontificou a ajudá-lo e começou a participar

das reuniões de organização da festa. Ao saber que este produtor seria candidato a vereador, deixou de convidá-lo por acreditar que este estava participando do evento para promover sua candidatura.

Também os produtores do programa *In Rua*, programa de hip hop, costumavam se reunir em frente ao Teatro Sete de Abril e faziam apresentações e desafios de rima com seus amigos, reunindo uma série de pessoas, quando Gusmão se aproxima e os convida a conhecer a rádio. Por diversas ocasiões Gusmão aparece como agente aglutinador, apresentando e incluindo pessoas à rede da rádio e aumentando esta rede de sociabilidade. Mas a chegada à rádio não ocorre necessariamente por conhecer algum indivíduo já inserido na rede. Alguns conheceram a rádio por ouvi-la e solicitaram participar da programação.

Este tipo de relação é compreendida como laços fracos e não se transformam necessariamente em laços fortes. Outro programa de hip hop, o *Ritmo e Poesia*, que é produzido na rádio, é um exemplo. Seus produtores tiveram conhecimento da emissora ouvindo ao acaso e procurando no *dial* por músicas de rap, quando ouviram a programação e souberam que poderiam apresentar proposta. Ficam restritos ao espaço de seu programa, sem participar de outras atividades, como as assembleias, ou outras atividades das quais a rádio é parceira. Este é o caso da maioria dos programas na rádio, não contribuindo para o aumento da rede de apoiadores, ou ainda não a deixando mais densa.

Percebe-se, ainda, que a mera participação nos diversos espaços da rádio, como assembleias, manifestações e demais atividades, não significa, por si, o estabelecimento de laços fortes, sendo necessária a percepção de interação em espaços para além daqueles institucionalmente e pontualmente colocados como relevantes para os objetivos da rádio. A participação cotidiana e a presença nestes diversos espaços de militância são fundamentais para a sustentação desta rede, o que é facilitado pelo sentimento de acolhimento. Há de se observar e sentir a recepção, o que se discute adiante.

5.1.3 Recepção: “Cheguei no estúdio para conhecer, sentei e já saí falando no microfone!”

A recepção é pertinente para novos aderentes que vão se tornar ativistas numa organização em contraposição àqueles que terão participação muito esporádica nos espaços militantes, pois não terão envolvimento freqüente e continuado com os demais integrantes daquele espaço. Apresentada a oportunidade para o engajamento, conta para a adesão do indivíduo a maneira como os outros integrantes irão recebê-lo na organização o que resultará no estabelecimento de laços sociais perenes com os integrantes do MS em questão.

Para os que mantêm participação esporádica, não se envolvendo com o projeto e tampouco com os demais integrantes da emissora, este elemento não é significativo, pois não se tornará uma esfera significativa de sua vida, o que pode ser mensurado pela intensidade da presença na rádio. Estes, via de regra, guiam-se por cálculos de retorno na participação e não são relevantes os aspectos emocionais para a participação.

No caso dos indivíduos categorizados aqui como militantes não se compreende que exista um cálculo sobre como agir, de maneira previamente à entrada na rádio, em busca de benefícios, sendo mais significativo o papel do envolvimento emocional com os demais membros da rádio.

Um exemplo de envolvimento pleno que se deu em razão da construção do pertencimento é o caso de Daniel. É sua característica uma firmeza nas posições políticas que busca demonstrar a todo o momento, tornando inclusive o futebol tema político. Seu time, o Brasil de Pelotas, vulgo Xavante, procura apresentar como o *time do povo*, de trabalhadores. Defensor incondicional de uma “comunicação popular e dos movimentos sociais, além de posicionada à esquerda”, é crítico ferrenho das mídias tradicionais e de partidos de direita, assim como o governo petista quando observa alguma medida que considera “de direita”. Ao conversar com ele, vêm à mente a imagem clássica de um militante de esquerda: casmurro e sempre disposto a envolver política e classe em qualquer assunto. Um soldado da causa social. Tais características, em especial a

preocupação com a política, como me conta, vieram após o ingresso na rádio com seu envolvimento continuado.

A convite de Renato, como já foi dito, ele foi conhecer a rádio, sem saber muito bem do que se tratava. Foi na rádio numa manhã, durante o programa *Contraponto*, que à época era produzido por Antônio, Renato e Diogo. Ao entrar no estúdio, foi bem recebido por todos e convidado a sentar-se à mesa de transmissão, tendo sido apresentado quais eram as pautas tratadas e o que faziam. Quando foram ao ar, Antônio comentou que estavam recebendo a visita de um estudante de Comunicação, e lhe passa uma notícia para que leia. Daniel me relata este primeiro contato:

Aí o Antônio disse assim pra mim: “Tu fica aí que eu vou te dar uma notícia pra tu ler. Aí eu disse: “Não, tu é louco?”. E ele me disse: “Louco não, eu sou locutor”. Aí ele me fez dar uma relaxada. E eu estava com a notícia na frente aí eu li a notícia; eu me lembro que a notícia foi a morte da mulher do sítio do pica pau amarelo, uma bobagem. E aí o Diogo dizia pra mim: “Ah, muito bom que tu gosta de rádio tu falou bem”. E aí já veio o convite da rádio, dentro do estúdio ali já e aí eu comecei a me envolver. Só que nisso de me envolver foi algo espontâneo e essa é a primeira fase do meu trabalho. Algo que eu tinha compromisso de estar na rádio, conviver com a rádio (Daniel, 2012).

Este primeiro contato, diz Daniel, lhe dá uma ótima impressão do ambiente, o que faz com que venha a engajar-se na rádio logo depois. Passa a participar da produção do *Contraponto*, buscando se inteirar das pautas políticas, “estudando as falas na TV Senado” e, como me diz, em churrascos nos finais de semana com os integrantes do programa para discutir e produzir a pauta. Porém, mesmo que a recepção seja significativa para a participação, pó si só não é garante a adesão, o que percebi ser o caso de alguns estudantes que se aproximaram da rádio enquanto realizava a pesquisa de campo.

Durante o ano de 2011, a RádioCom recebeu a visita de sete estudantes do primeiro semestre do curso de Comunicação Social da UFPel. Eles foram convidados por sua colega Eva, que já produzia (há mais de um ano) um programa diário chamado

Manhã cultural - com músicas e informativos sobre eventos artísticos na cidade. Eva produzia o programa voluntariamente, e como não tinha fonte de rendimentos teve que deixar a rádio para procurar atividade remunerada. Eva os levou à rádio, pois disseram querer experiências em comunicação neste modelo. Sete estudantes foram até a emissora e lá tiveram contato com Mari e Valéria, tendo sido apresentados à rádio e seus objetivos.

Logo ao chegarem fizeram uma reunião com todos os estudantes, na qual Mari falava o perfil da rádio - apresentada como “alternativa e pertencente aos movimentos sociais, além de fugir do padrão das rádios comerciais.” Dos sete estagiários, que não tinham contato prévio com outros militantes que integravam a rádio; e tampouco participavam da rede militante; cinco decidiram permanecer como voluntários na rádio. Três destes acompanhariam o programa *Contraponto* e dois ficariam no programa *Navegando*, junto a Mari. Estes últimos eu também acompanhei, pois era o período em que permaneci na estação pela tarde, observando os programas, em especial o de Mari. Ambos estudantes eram paulistas, com dezenove anos, uma menina e um rapaz. Mari lhes passou a atribuição de separar matérias do jornal local que trouxessem apresentações de artistas e demais eventos culturais, assim como passar às mídias sociais (*facebook* e *twitter*) o conteúdo do programa transmitido.

Mari era muito cortês com ambos estudantes, deixando-lhes livres para dar sugestões, trazer músicas e caso quisessem, fazer também perguntas em caso de entrevistas. Ela os convidava para diversas atividades e eventos. Nesta época, para acompanhar os programas, eu fazia a operação de som e procurava colocar algumas músicas que diziam ser de seus gostos. Suas participações restringiam-se ao programa. Mesmo sendo convidados não compareciam em outros espaços ou eventos da rádio nem aqueles produzidos por Mari, tais como: saraus literários, atividade que tem predileção.

No decorrer do período que permaneceram no programa, se limitavam a realizar tarefas solicitadas, sem dar quaisquer sugestões, quase de maneira mecânica. Ficaram aproximadamente dois meses na rádio. O rapaz voltou para São Paulo, pois disse que não se adaptou à cidade, que considerava muito pequena e sem nada para fazer. A menina escreveu um *e-mail* para Mari, depois de algum tempo sem aparecer ao programa, em que escrevia que não participaria mais por não compreender o que se

falava nas entrevistas e tampouco gostar das músicas, que não eram de seu estilo. Queria trabalhar com jornalismo esportivo, não sentindo nenhuma afinidade com o que era feito no *Navegando*.

Dos três estudantes que acompanhavam o *Contraponto*, dois permaneceram por mais tempo, aproximadamente seis meses, tendo lhes sido oferecido uma bolsa para realizarem o programa. Enquanto estavam acompanhando o programa, Valéria pediu seu desligamento da rádio, pois estava grávida e entrou em licença maternidade. Não quis voltar para a estação depois da licença, pois disse que queria se concentrar na maternidade.

Assim, estes estudantes permaneceram no programa com o recebimento de auxílio financeiro. Além desta remuneração, o rapaz tinha um irmão que fazia um programa na rádio e também era do movimento estudantil e ele já havia trabalhado como locutor em sua cidade natal. A menina participava de atividades do Diretório Central dos Estudantes da UFPel. Receberam a bolsa até o retorno de Daniel e Antônio que haviam se afastado por um período de aproximadamente dois anos. Depois da volta de ambos, os estudantes deixaram de receber a bolsa, pois a estação não tinha como arcar com o pagamento de todos, recebendo Antônio e Daniel o piso salarial de radialista (aproximadamente um salário mínimo), razão pela qual logo depois os dois estudantes deixaram também a estação.

A recepção, relacionada ao envolvimento na rede, é uma das formas de diferenciar os ativistas, simpatizantes ou caroneiros. Para estes últimos este elemento não é pertinente para mensurar o nível de participação nestes moldes. Assim, outro elemento a se considerar é o risco, elemento significativo para compreender os perfis dos ativistas. Atualmente a rádio é um ambiente “estável”, pois não há a ocorrência do que chamavam de “batidas” da Polícia Federal e, portanto, sem esse risco para os envolvidos. No entanto, no passado recente, tais situações eram freqüentes e serviam, indiretamente, para selecionar os participantes da rádio de acordo com o nível de envolvimento, tema que será tratado a seguir.

5.1.4 Riscos: “Antes era mais ideológica.”

O envolvimento em uma organização militante pode trazer consigo a possibilidade de conflito, variável de acordo com os objetivos e características do grupo. No caso da rádio o conflito se dava cotidianamente na forma como se tratava a “mídia tradicional e políticos de direita”, sendo, no entanto, um confronto de ordem ideológica, e que demarcava a posição do integrante como “de esquerda” para os ouvintes e público em geral que conhecia a rádio e seus militantes sem resultar em perigos para seus participantes fora os profissionais.

Ao mesmo tempo em que restringia, de acordo com alguns integrantes da rádio, a possibilidade de trabalho em outros meios de comunicação, abria a possibilidade de aceitação pela rede social estabelecida pelos militantes da rádio. Neste aspecto a restrição à participação se dava pelo cálculo de riscos daqueles que não gostariam de ser taxados de “esquerdistas” e verem, assim, suas chances profissionais restringidas, sendo uma forma de selecionar o público participante de acordo com um recorte ideológico.

Porém, os riscos na RádioCom não se restringiam à possível redução de oportunidades profissionais dos aderentes, considerando também que até a obtenção da concessão para a transmissão existiam outros elementos a serem considerados e que poderiam intervir em suas atuações no espaço da rádio.

No caso da rádio comunitária sem licença de operação, havia o risco constante, e que ocorreu algumas vezes, de “batida policial” por agentes da Polícia Federal e ANATEL, que eram, conforme relatado, brutos no exercício de sua atividade. Recolhiam materiais da rádio e periciavam o local. As pessoas presentes nestas batidas eram constrangidas pela força policial e também tinham de prestar depoimento.

Nesta fase da rádio, dos anos 2000 a 2008, os produtores que não eram sindicalistas acabavam sendo “marcados” como indivíduos que trabalhavam “naquela rádio pirata”, o que poderia gerar dificuldades no exercício de atividade profissional em algum outro meio de comunicação, como mencionado anteriormente. Numa destas

batidas, um dos operadores de som, que era remunerado e já estava na rádio há mais de um ano, decidiu deixar a estação por não sentir-se confortável com tal situação. No entanto o risco pode ser, ao contrário do que aponta McAdam⁶⁴ (1986), um incentivo ao engajamento, variando de acordo com o tipo de ativismo.

Muitos jovens que começaram a trabalhar voluntariamente na rádio neste período decidiram integrar-se por definitivo em razão destas batidas policiais. Realizou-se uma ampla campanha na época para mobilizar os apoiadores a protegerem e apoiarem a rádio, de forma a trabalharem em turnos e buscar junto a parlamentares a legalização da rádio. As atitudes da ANATEL e PF geraram um sentimento coletivo de injustiça (STEKELENBURG, 2013), destinado contra este poder policial e que acabou por mobilizar uma maior quantidade de pessoas na defesa da estação.

Mari foi uma destas pessoas, e comenta sentir falta da época de embates, considerando que era um período “mais ideológico”. É neste período também que aqueles que iam somente esporadicamente à rádio deixam de ir, distinguindo o tipo de participação de acordo com o cálculo dos riscos. Um dos operadores de som, interessado em participar na rádio para aprimorar-se profissionalmente, como outros me comentaram, desistiu de participar da emissora neste período.

À época do conflito com a ANATEL, também percebia-se maior presença dos sindicalistas, responsáveis legais pela rádio, e também na produção diária da programação. Mari relatou que diariamente faziam críticas à gestão municipal, sendo freqüente receberem algum secretário municipal para entrevista e que faziam duro embate com estes, cobrando posições e resolução de problemas que tanto produtores quanto ouvintes reclamavam. Era, em suas palavras, um momento de intensa militância, relacionada ao risco da atividade:

Na época que eu era aluna eu parei de fazer uns sete programas que eu me lembro assim. De estar fazendo, acontecer um stress, chegar polícia, chegar o cara, mostrar carteirinha, eu pegar as minhas coisas, descer e ir embora, de ficar

⁶⁴ Não se trata de negar as observações do autor, mas considerar uma variação de grau do risco. McAdam pesquisou os riscos em escala física, pois analisou o engajamento de ativistas que se alistavam para registrar eleitores negros nos Estados sulistas dos EUA na década de 1960. Considero que é preciso levar em conta até que ponto os riscos são fator de afastamento e em que situações se mostram como fonte de recrutamento ao gerar sentimentos de injustiça.

aquela tensão: Tu volta, tu não volta. Do teu pai te dizer: -“É melhor tu ir pra outro veículo que é mais calmo do que esse”. Sabe... coisas assim. De tu falar que trabalha na RádioCom e teus colegas te verem de forma diferente: - Essa guria é diferente por que trabalha na RádioCom. Hoje não tem mais isso. Hoje não tem mais isso. [...] Mas eu acho que no período que ela era perseguida, e a RádioCom foi, aí existia mais militância (Mari, 2012).

Mari reforça a percepção que a existência de riscos, desde a taxação de esquerda até o confronto com a PF é um demarcador de militância e que pode gerar maior envolvimento ao constituir os elementos de percepção de antagonista e, portanto, a consolidação da identidade coletiva dos participantes, enquanto aqueles que têm pouca participação, nestes momentos, acabam por afastar-se da organização. Tais riscos, como se percebeu na pesquisa, podem ser enfrentados mais provavelmente por determinados perfis de ativistas, o que se verá adiante.

5.1.5 Ausência de constrangimentos biográficos: “gurizada” e sindicalistas

O engajamento existirá mais facilmente, se o indivíduo contar com o apoio familiar e/ou não for um impeditivo para seu sustento. No entanto, se concorre com a atenção, dificultará em sua participação. Caso de Mari, que comentou a não interferência de seus pais na sua participação na rádio, mas que em alguns momentos em que se reúne com outros familiares, lhe perguntam: “- *E aí, quando vamos te ver na RBS?*”, ilustra esse caso e também de que sua mãe, mesmo não falando diretamente, não compreende por que ela trabalha em uma rádio comunitária.

Daniel também passou por momentos de indisposição com sua família por trabalhar na RádioCom enquanto ainda estudante, tendo recebido apoio de sua namorada para continuar na estação.

Nesse momento todo que eu te falei é tranquilo. Ela (namorada) me incentivava, ela foi muito... uma questão dela, ela trabalha com a questão de políticas públicas.

Ela é bem crítica. Na época ela não era muito ligada nessas questões aí. Mas daí veio tudo na carona. E ela me apoiou e achava isso tudo aí muito bom. É que aí tem a segunda fase da Rádio com, que é assim: aonde que eu rompo com a Rádio com nessa primeira fase. Começaram a surgir algumas coisas. A rádio ela não remunerava bem. Isso é uma coisa da rádio. Mas ela te abre portas, e isso é fato. Eu te ouço falando alguma coisa na rádio e daí alguém se interessa. Aconteceu com a própria Mari. Então, eu não estava sendo remunerado. O Paulo vendo isso e por iniciativa dele disse: Olha, A Fulana (sindicalista servidora da UFPel) na Rádio Federal tá precisando de alguém para trabalhar com ela. Posso dar teu nome? Disse que sim, claro. Aí eu conheci a Fulana, gostou de mim, me chamou e eu fui para lá. Eu fiquei um pouco mais de seis meses na Rádio Federal. Daí eu não tinha como ficar na Rádio com como ficava antes. No início eu ia de vez em quando, mas daí com o tempo fui indo todos os dias e fiquei responsável por aquele programa de notícias que tinha de tarde e todo dia eu ia fazer o programa. Até aí eu não ganhava nada. Tinha pressão da minha mãe porque eu não tava ganhando nada, mas a (namorada) me apoiando.

“Ah, essa rádio não tá te dando nada...” Dizia minha mãe. Conseguiu inclusive uma entrevista com um cara que era secretário de comunicação da prefeitura e foi muito amigo do meu pai. Daí eu fui falar com o cara e ele me ofereceu tranquilamente uma vaga de cargo de confiança (cc), e eu, já naquele momento, já tinha um envolvimento mais ideológico com a rádio. Falei para minha mãe: - *“Mãe, não vou por que não vou conseguir. Não tenho estômago. Não vou lá falar bem da prefeitura. Não vou.”* Daí teve um racha dentro de casa porque não tinha como pagar a faculdade. Mas ela continuou pagando um pouco, minhas irmãs também e eu também dei um jeito. Dois meses depois dessa entrevista na prefeitura que consegui o trabalho na Rádio Federal, o que deu para ajudar em alguma coisa (Daniel, 2012).

Contou-me depois que também recebeu apoio de seus companheiros da rádio e logo depois uma das sindicalistas que realiza um programa de debates na rádio lhe ofereceu um estágio remunerado na UFPel, o que vem a auxiliá-lo e minimiza o desgaste em casa.

No seu relato é possível perceber a importância do estabelecimento das redes sociais e da associação das esferas da vida que tem maior relevância com o espaço de militância. A possibilidade de trabalhar com o que queria, juntamente com o apoio de sua namorada - que também começa a se preocupar com temas políticos - demonstra a

aproximação destas esferas e a maior relevância do ativismo para Daniel neste período de sua vida.

Da mesma forma Paulo, à época da Universidade, estava envolvido com o movimento estudantil, partidário, ambiental e com comunicação. Envolveu-se intensamente com a rádio dos anos 2001 até aproximadamente 2003, período em que produziu programas de cultura e política, de forma voluntária inicialmente. A continuidade da participação neste espaço e nos demais, lhe abriu oportunidades de trabalho, como um estágio no sindicato dos bancários, produzindo e diagramando o jornal desta categoria e depois em um projeto que a rádio participou em parceria com a prefeitura municipal - quando ainda era gestão do PT (2001-2004) - na mobilização de agentes comunitários para construção de pautas ambientais por bairro.

Paulo continuou na rádio até quase o final de sua graduação, o que foi possível por ter conseguido que lhe pagassem uma bolsa para que produzisse as notícias e um programa diário de cultura. Em 2004 foi demitido por Renato e substituído por Mari. A partir desse momento Paulo começou a trabalhar em uma organização não governamental e fazer demais trabalhos que envolviam atividades relacionadas à rede de militantes da qual fazia parte.

Assim como estes jovens que iniciam seus ciclos de ativismo por não existirem, em princípio, contrariedades à sua participação, os sindicalistas se encontram na rádio por ser a militância parte de suas atividades cotidianas, ou ainda, “seu trabalho”.

Mesmo não sendo presença cotidiana na sede da estação, os sindicalistas, em especial do sindicato da alimentação - representado por Lauro - e o sindicato dos bancários - representado por Airton e Renato - além de outros participantes eventuais, estão envolvidos com a manutenção e coordenação da organização.

5.2– Engajamento

O processo de engajamento efetivo se dá quando o indivíduo se insere plenamente na rede militante, sendo reconhecido pelos demais integrantes como “companheiro(a), e torna tais espaços esferas sociais relevantes de sua biografia. Assim, passa a ter envolvimento continuado em organizações, aplicando maior tempo e intensidade na participação. Para que esta participação seja continuada, alguns elementos se mostraram significativos para determinar o envolvimento pleno, entre eles o sentimento de pertencimento, a possibilidade de ver capitais valorizados no espaço de militância, o reconhecimento de seus pares, o compromisso e exemplos de lideranças que apresentam-se como modelos. A seguir, tais temas serão explorados.

5.2.1 Pertencimento: “Estava em casa, tocou o telefone, e atendi: *Rádicom!*”

Abandonada a disjunção conceitual entre racional e emocional, como abordado anteriormente, percebe-se que os sentimentos podem acionar formas de racionalização para a participação, os quais ocorrem por meio de socialização continuada com os demais integrantes do grupo social militante que com o passar do tempo torna-se mais relevante na biografia do indivíduo.

Nesta fase do engajamento, quando se dá de forma continuada, um forte elemento de continuidade do ativismo é o sentimento de pertencimento, que pode significar que se introjetou na personalidade do indivíduo a identidade coletiva de referência do grupo e/ou que esta esfera da vida passa a ter maior relevância em sua biografia, relacionando-a como conectada com outras que são indispensáveis para alguns, como a família, por exemplo.

Durante a pesquisa, enquanto realizava a observação, muitos dos integrantes encontravam-se cotidianamente na rádio. Além da participação neste espaço, como no caso de Mari, Renato e outros integrantes, realizavam atividades militantes ou profissionais em conjunto, como na constituição da cooperativa de comunicação,

cobertura de eventos para sindicatos, palestras e demais atividades em que era percebida a presença constante dos mesmos agentes, demonstrando a consolidação de uma rede social densa, em que a participação, interação e contato social é continuado para além de um único espaço social.

Na entrevista que me concedeu, Daniel narrou como estava sempre “junto com o pessoal do Contraponto”, montando a pauta do programa em churrascos na casa de algum dos integrantes. Quando estava em casa, procurava estudar política para poder produzir e participar do programa de forma mais qualificada, levando o programa para casa. Disse que certa vez, quando estava em casa, foi atender ao telefone e automaticamente falou: “- RádioCom!” Diariamente na rádio, durante todas as manhãs, diz que isso era comum e que ao comentar com os demais integrantes o que havia feito, disseram-lhe que já haviam dito isto também. Daniel fala sobre as razões de se sentir à vontade na rádio.

Primeiro pelas pessoas, pelas características das pessoas que estavam na rádio. Estavam na rádio na época que eu entrei, que era o Antônio, o Paulo. O Diogo já não colocaria tanto nesse bolo, depois eu fiz amizade com ele e tudo, mas eu lembro que eu não tinha essa coisa com o Diogo. Ele já é mais reservado, é na dele. Mas esse ambiente se criava pelas pessoas. Na verdade as pessoas me deixavam muito à vontade, eu me sentia em casa. Tanto que... Depois eu conheci o Gusmão. Tanto que a partir daí, teve uma época que eu fiz até mesa nos finais de semana, um bom tempo eu fiz mesa lá. Fui no programa do Joca uma época de noite e eu comecei a conhecer a rádio para além do Contra Ponto, comecei a conhecer um monte de gente, um pessoal que circulava pela rádio, e aquilo vai apaixonando o cara mesmo, é uma coisa bonita o projeto, a rádio, o envolvimento das pessoas, tu vai conhecendo as pessoas, cada pessoa é um estilo, o Joca, o Gusmão, são umas figuras que não tem em lugar nenhum, tu não encontra. E aí eu acabei me sensibilizando assim, e o que me deixava à vontade era isso: todas as pessoas eram muito agradáveis, era como se tu conhecesse elas há 500 anos, te deixavam..., coisa que em outros ambientes de comunicação, a própria faculdade não existia. Dentro da Universidade, o espaço reservado pros estudantes não era..., então aquilo ali me atraiu pra rádio (Daniel, 2012).

Antônio também me relata do prazer de estar na rádio. Que no início ia pela manhã e

ajudava nas transmissões e como havia poucas pessoas, muitas vezes ficava até à noite. Sobre o início de sua participação, me conta:

Eu lembro dos colegas ali, do próprio Cláudio... Então eu lembro que nos primeiros anos da rádio tinha gente que achava que eu era o dono da rádio, inclusive comentavam isso. Às vezes comentavam com o Ciclano (colega de produção do programa Nativismo sem Fronteiras), meu amigo. Por que como eu era a pessoa que tinha mais facilidade, tirando fora o Cláudio que não podia estar presente ali e eu tinha muito tempo, eu tinha tempo disponível pra me dedicar. Ai aquilo...se tu é um dependente do álcool e te jogam pra cuidar de um alambique o que tu faz? E eu era um dependente do rádio, vamos dizer assim, era como se fosse pra mim um vício e eu tinha tempo disponível aí eu acabei ocupando realmente. [...] E o Cláudio me chamava, porque entre as pessoas no momento envolvidas na rádio era talvez a que tivesse a voz mais clara, enfim, e questão de leitura, muita coisa. Então me chamava. [...] E eu me joguei de corpo e alma, ou seja, eu praticamente abdiquei... eu fazia... de fazer outras coisas pra poder me dedicar à rádio. Eu me lembro que eu pegava alguns serviços, alguns trabalhos sempre ligados na área de vendas, mas que me possibilitavam estar na rádio com bastante frequência. Então eu... na verdade eu acabava trabalhando o mínimo pra me sustentar pra que eu pudesse estar na rádio (Antônio, 2012).

O desejo de continuar no espaço da rádio, participando das atividades, aparece em diversas falas, realçando o prazer de permanecer neste ambiente, de sentir-se acolhido. Infiro que dada a participação continuada surge a consolidação de laços sociais que, por sua vez, constituem a identidade do grupo, que o entendimento de destino comum e que cria laços de solidariedade e de prazer na participação. Tais elementos são mais facilmente constituídos quando há uma possibilidade do indivíduo levar experiências pertinentes de outra esfera da vida para a rádio, considerado como conversão de capitais.

5.2.2 Conversão de capitais: Nativismo para militantes e a lãbia do comerciante

O termo capital é utilizado de acordo com a formulação de Bourdieu (2010) sobre recursos que são utilizados num determinado campo social e são reconhecidos pelos demais integrantes daquele espaço como forma legítima de diferenciação e localização, denotando formas de hierarquia. Trabalhando com espaços militantes os principais capitais são: político, expresso como autoridade dentro do campo e oriundo do reconhecimento dos demais como representante ou liderança (BOURDIEU, 2004) e também, o capital militante (MATONTI E POUPEAU, 2006), que é construído pelo exercício do ativismo dentro da rede especializada de militância. Deve, pelo que foi possível observar na pesquisa, demonstrar ser um ato desinteressado (BOURDIEU, 2010), sem segundas intenções, como trabalhar de forma voluntária, por exemplo, etapa necessária para ser aceito, especialmente para os mais jovens.

Na rádio, o exercício dessa militância e a aquisição de capital são realizados pela adoção das normas já estabelecidas, e se dá pela adoção dos valores comunicados, como “comunicação alternativa”, “valorização de músicos locais”, “apoio aos movimentos sociais”, e também na participação e produção de programas. Estes aspectos tratam daquilo que podemos compreender como estruturas estruturadas, aspectos encontrados pelos aderentes e que devem ser seguidos, consolidando o *habitus*.

No entanto a participação dos ativistas requer, além da observação deste *habitus*, a contribuição que podem trazer na sugestão de pautas, programas ou temas, desde que não venha a interferir nos valores mestres, que pode se compreender como ideologia, e que criam frames interpretativos, adequando suas sugestões com os elementos orientadores. Este aspecto é considerado como estrutura estruturante, ou a agência dos indivíduos.

Estas contribuições e sugestões são resultado de conhecimentos, experiências e saberes que trazem de outras esferas da vida e que são aproveitados no novo espaço de participação, no caso, a rádio e que significam a possibilidade de converter capitais tidos como legítimos em outros espaços como dignos de serem aproveitados na nova esfera

social e, assim, servindo como capital militante singular, forma específica de contribuição de um indivíduo em especial.

Antônio fala que uma das contribuições que trouxe para a rádio é oriunda de sua experiência profissional prévia:

E eu percebi que as atividades de representante comercial e comunicador tinham muita coisa em comum, e eu acabei vendo isso com o tempo. E ela tem, eu posso até sustentar que tenha. O representante não deixa de ser um comunicador também, ele não deixa de levar e trazer informações, mas é a questão principalmente da comunicação. E eu percebi que isso me ajudou muito na profissão de representante, a questão de me comunicar. Eu percebia que eu acabava tendo uma certa ascendência, um poder de persuasão com muitos clientes, é uma riqueza muito grande, a clientela e formada por pessoas muito diferentes. E eu percebi que a minha forma de ser e de me comunicar e tal, me facilitou muito nessa questão, então eu já fazia um paralelo com a comunicação (Antônio, 2012).

Como afirma, acredita que a antiga profissão de representante comercial lhe deu confiança para poder convencer as pessoas e falar em público, característica que foi valorizada na rádio sem, porém, colocar nestes termos para seus colegas e para o público. O que foi empregado como um saber específico foi seu conhecimento sobre música nativista, saber que desenvolveu também no período em que trabalhava como representante comercial e tinha de viajar por todo o Estado do RS.

Com essa história de eu viajar, viajava e ouvia muito rádio. Eu descobri desse período dos anos 80 a música nativista, vou chamar assim, como era na época e se usava muito. Hoje eu prefiro não usar esse termo. Mas era a música nativista do Rio Grande do Sul. Mas por várias razões, primeiro por que eu andava viajando e ouvia muito rádio e segundo por que foi o ano da explosão da música nativista, nativista no Rio Grande do Sul, foi nesse ano, anos 80. Houve um movimento muito forte, começou com as Califórnicas e começou a mexer. Por que antes disso, lá quando eu era guri a música do Rio Grande do Sul era Teixeira e Gildo de Freitas. Então houve uma mudança de rumo muito grande aí. Então

nos anos 80 foi o boom da música nativista e eu comecei a descobrir ouvindo as rádios pelo interior e comecei a descobrir ali um viés de um tipo de música que me agradava. Começou a me impressionar muito a música missioneira, comecei a descobrir os. E tinha coisas diferentes, dentro da música nativista tinham coisas diferentes. Bom, e ali eu alimentei todo esse tempo viajando, conhecendo e ouvindo e fiz o meu gosto musical. Ao mesmo tempo eu percebi a similitude; não sei se dá pra ser similitude; mas da relação que existia, por que eu viajava muito pra fronteira, da música do Rio Grande do Sul, com a do Uruguai e da Argentina. [...] E me agradava muito, eu me tocava muito com o canto popular uruguaio. Aquilo me fazia... eu sempre gostei muito de música. E eu comecei a gostar muito da música popular da Argentina, o canto popular uruguaio, com a nossa e aquilo eu alimentei durante muito tempo. E eu passei a não entender muito, que eu ouvia os programas de música gaúcha aqui em Pelotas quando vinha passar o final de semana, ou mesmo viajando, eu pegava os programas no final de tarde, passava por Bagé tinha, em Dom Pedrito tinha, chegava em Livramento tinha. E eu percebia que eles não... como vou explicar... eles não... era música do RGS só. E eles não rodavam mesmo no programa. E eu percebia que existia uma relação entre música uruguaia e argentina. E aquilo eu fiquei pensando no meu imaginário que se um dia eu fosse fazer uma rádio, um programa de rádio, obviamente que eu pensava que isso não iria acontecer, de colocar as músicas juntas no mesmo programa. Por que não? (Antônio, 2012).

Antônio leva à RádioCom a proposta do programa *Cantos de Luta e de Esperança*, na qual eram apresentadas músicas de cantores latinoamericanos, em especial brasileiros, uruguayos e argentinos, com um viés, como me diz, “popular”, preocupando-se em ressaltar a necessidade de integração destes povos, fazendo analogia ao projeto de Simon Bolivar de “Nação Grande”. Diferenciava-se do estilo nativista exclusivamente estadual, visto de forma negativa pelos participantes da rádio e pelo próprio Antônio - que busca não empregar o termo. Há afinidade do tema com a ideologia proposta pela rádio, daí a receptividade do projeto. Difere da experiência inicial de Seu João.

Seu João começa na rádio de maneira voluntária, apenas como operador de som, sem produzir programas de seu gosto. Com o passar do tempo ganha a confiança dos demais integrantes da rádio, em especial a de Cláudio, pois era pontual e fazia a operação de som por praticamente toda a manhã. Inicialmente faz os programas editoriais, que eram definidos pela coordenação e que, como me disse, não tinha

identificação, pois não conhecia os temas e músicas.

...eu não me identificava com aquele modelo de programa de música; não tinha condições de usar a nossa linguagem da música gaúcha, não aquela linguagem da música xucra. Eu não tinha conhecimento daquela outra música, a pernambucana, nordestina. Quando o pessoal me trazia o programa pronto eu fazia. Mas às vezes eles não levavam e deixavam por mim. Aí eu comecei a ficar meio chateado e disse: “-Quer saber de uma coisa? Não me serve.” Aí eu disse pro Cláudio que não queria mais fazer, que não me achava no programa, não queria ouvir críticas. Aí eu disse que não queria e que não era obrigado a fazer (Seu João, 2012).

À época Cláudio era o coordenador geral da rádio e um dos principais responsáveis pela programação. Seu João ganhou a confiança de Claudio, e por estar insatisfeito por não poder produzir o que gostava foi conversar sobre a possibilidade de fazer um programa de seu gosto.

Aí o Cláudio perguntou: “- *O que tu queres fazer?*” Eu disse que queria tal programa. E ele disse que eu poderia fazer. Ele perguntou o nome do programa que eu queria fazer. Eu respondi: “*Nativismo Sem Fronteiras.*” Ele disse: “-*Então pode fazer.*” E está até hoje no ar. Tem alguns problemas, claro, que existiram no início (Seu João, 2012).

Houve, segundo me relata, uma resistência inicial por identificar este estilo musical, tocado no Rio Grande do Sul, como algo próprio de latifundiários, o que foi contestado por Seu João.

A gritaria foi grande. Havia uma ideia dentro da rádio sobre o nativismo, que os cantores cantam músicas que pertencem ao latifúndio. E eu achava ridículo esse pensamento e batia de frente com muitos deles. Estive até pra sair da rádio por essas questões, por que eu achava ridículo. A música é daqui do Rio Grande do Sul, tem que saber separar o joio do trigo, tem que saber quem é o autor. Tem

aquele que defende o latifúndio, mas quantas tem que defendem o lado social!? Quantas músicas tem? Vários autores. Aí eu comecei a mostrar pra eles. Comecei a mostrar o tipo de trabalho, o tipo de autor e o tipo de música. Eu comecei a ser criterioso também. Mas eles não ouviam, o problema é o seguinte: É fácil falar sem ouvir. Ai eu disse: “–Tem cara aí que vocês gostam que cantam cada porcária, que pelo amor de deus! Tem que saber que tipo de música tu vai botar, não importa a voz do cara.” Essa rinha ficou uns 2 ou 3 anos dentro da rádio. Aí depois quando a rádio começou a crescer mais, começaram a mudar. A rádio começou a transmitir festival lá de Santana do Livramento, começou a transmitir festival lá de São Lourenço e outros festivais. Mas eu fazia uma programação mais criteriosa, mais selecionada. Eu tinha um critério de não colocar música gaúcha só por gostar. Eu criei essa cultura pro próprio ouvinte. Se aquela música eu não gosto, se deprecia a mulher, o negro, sei lá quem, eu digo: olha essa música não dá. A rádio não toca, aqui não tem censura, mas tem um caminha, a rádio tem uma linha de conduta. Se não pode tocar música gaúcha, então não pode tocar outras coisas, rap, e um monte de bobagem que vai pro ar. Eu sempre briguei assim: é uma mistura de comunitário, de diversidade cultural. Como uma rádio tem diversidade cultural e não pode ter música gaúcha?!(Seu João, 2012).

Seu João tem de fazer um trabalho de convencimento junto àqueles que têm autoridade na rádio para poder iniciar o programa e de forma continuada junto a outros integrantes que não aceitavam este estilo musical por taxá-lo como preconceituoso, machista ou “coisa de latifundiário”. Passa a fazer um exercício de ressignificação do estilo com base nos critérios ideológicos da rádio, sendo “criterioso” na escolha das músicas que toca e sendo enfático em separar o “nativismo” do “tradicionalismo”, termo que adota para expressar o que as pessoas da rádio de fato criticam quando falam mal da música que costuma selecionar. Com o tempo passa a ser aceito pela sua participação na rádio e pela aceitação que tem junto aos ouvintes e por este recorte e ressignificação do estilo, passando a ser valorizado por muitos dentro da rádio pela sua contribuição.

Esta conversão de capitais se mostrou mais significativa naqueles indivíduos de mais idade, caso de seu João, Antônio e dois operadores de som que trouxeram sua experiência pretérita para a rádio. Para os mais jovens, em idade universitária, parece ser mais significativo o processo de reconhecimento pelo esforço e entrega à rádio.

5.2.3 Reconhecimento: “Fica! Tu me representa!”

O capital militante é conquistado através da prática dentro do campo especializado. Na rádio ele é conquistado pela entrega ao projeto, adequação ao *habitus* dos participantes mais antigos e contribuição na rede social militante, participando de atividades que não se restringem à presença na sede da estação, integrando outras organizações, contribuindo com atividades políticas e demais atividades rede de sociabilidade militante, incluindo os momentos de lazer.

O reconhecimento para os mais experientes se dá pela legitimidade política e aceitação da liderança, no caso dos sindicalistas, o que lhes gera cobranças por parte dos demais integrantes da rádio. Para aqueles que não são sindicalistas, o reconhecimento ocorre pela aceitação da validade dos capitais oriundos de outras esferas da vida, que estão relacionadas a experiências diversas, como exposto anteriormente.

Há uma prevalência moral dos sindicalistas, o que pareceu ser algo imposto a eles e é expresso na cobrança de sua presença constante para arbitrar disputas internas ou resolver problemas operacionais, legais e demais situações, incluindo o que é politicamente legítimo. O reconhecimento de sua autoridade é oriundo, portanto, da gestão da rádio em todos estes aspectos – do operacional ao moral.

Os indivíduos que aderiram à rádio sem participar do meio sindical tem de adotar os valores da rádio e, como já dito, apresentar alguma contribuição diferencial, como nos casos de Seu João e Antônio. É pela atuação e entrega ao projeto que tem de se mostrar como participantes e receber o reconhecimento. Gusmão, presente na rádio desde o início, teve de mostrar sua contribuição para além da presença diária e ocupação da coordenação da rádio.

Perguntei-lhe sobre um projeto na rádio que foi responsável - *Arte Daqui* – no qual diversos músicos locais foram convidados para realização de shows e também gravação de CDs. Gusmão faz uma introdução para justificar a necessidade da produção deste projeto e me narra que foi resultado de um processo conflituoso pelo qual passou na rádio:

O Arte Daqui foi uma história bem traumática, foi bem numa fase que aconteceu um lance da rádio. Foi numa época em que teve uma grande enchente, na época era o Marroni (prefeito 2001-2004). Nessa época eu ficava na rádio, tinha que ter alguém na rádio porque as pessoas ligavam pedindo coisas e também informando o que estava acontecendo. Teve um dia, que na época o nosso coordenador geral... tinha uma atividade da prefeitura que começava pela manhã; e ainda não tinha a cheia, a cheia começou à tarde. E tinha uma atividade acontecendo que era ligada à bicicleta e a rádio estava transmitindo. De manhã aconteceu normal lá, o pessoal transmitiu. Aí de tarde a coisa começou a ficar feia... 5 horas já estava tudo cheio. Eu e o Renato tentamos olhar como estava, mas não dava por que estava tudo cheio. Nós ouvíamos pelas outras rádios notícias da enchente, e a RádioCom fazendo essa transmissão. E lá pelas 6 horas eu fui com o Airton lá pros lados do final da rua Santa Cruz. Nesse lugar estava tudo cheio e nós fomos fazer entrevista com quem morava no local. E também vimos onde estava o prefeito e fomos atrás dele. Quando chegamos lá ele veio falar conosco, ele estava trabalhando e organizando o pessoal. Quando nós conseguimos a entrevista com o prefeito não quiseram nos colocar no ar. Estavam transmitindo uma palestra da outra atividade da prefeitura. Isso me irritou, de uma maneira... e aí perdemos a entrevista com ele(Gusmão, 2012).

Gusmão, à época coordenador de programação, não pode noticiar a enchente porque outro coordenador, sindicalista, não o permitiu. Ao narrar os acontecimentos buscou expressar o esforço que fez para conseguir transmitir a informação e também contou o conflito.

Aí começou a anoitecer e eu fiquei no centro, fui pra rádio, o pessoal foi embora porque de noite nesse dia a rádio não funcionou. E eu fiquei na rádio, atendendo telefone pra quem quisesse perguntar ou dizer alguma coisa que estivesse acontecendo e aí eu falava no ar. E meia noite quando, fechou a radio, eu saí, fui no (Colégio) Pelotense, fui ver o que estava acontecendo lá, por que estava todo mundo lá⁶⁵. Aí eu saí de madrugada e fui pra casa, na época eu morava no (bairro) Fragata. No único lugar que dava pra passar era atrás da Escola (atual

⁶⁵ Gusmão refere-se ao Colégio Pelotense, que fica próximo a uma vila que costumeiramente sofre com as enchentes, razão pela qual os funcionários da prefeitura se dirigiram à escola para fazer um centro de acolhimento de desabrigados.

IFSul) e foi por onde eu passei e fui pra casa dormir. [...] Quando eu saí foi difícil chegar no centro, mesmo pelos lugares mais altos. Aí eu cheguei de manhã na rádio furioso e perguntei pro Beltrano⁶⁶ por que ele não me deixou entrar no ar com a entrevista do Marroni. Aí quase brigamos. Aí isso foi o começo de uma situação assim: “Tira o Gusmão da rádio”. Queriam me tirar. Nessa época eu estava de coordenador de programação e me colocaram de coordenador de eventos. Isso serviu de pressão pra me trocarem de coordenação. Por que na verdade queriam me tirar da rádio, como não conseguiram me colocaram nos eventos que aí eu não poderia fazer muita coisa. Só que foi justamente o contrário que aconteceu, eu resolvi que tinha que fazer algum projeto, por que realmente eu fiquei meio limitado (Gusmão, 2012).

Tal episódio demonstrou a posição dos sujeitos no que diz respeito à distribuição de poder e autoridade e também a necessidade que Gusmão sentiu de se fazer necessário para que tivesse o reconhecimento, utilizando para tal, o projeto *Arte Daqui*⁶⁷, produzido com a ajuda de seus contatos e amigos da música, do design e também dos sindicalistas que ficaram ao seu lado.

Foi a partir disso, foi dessa necessidade, eu não queria me sentir inútil. Quando eu era da programação eu estava na frente, depois eu fui escanteado, isso me doeu muito, da maneira que as coisas aconteceram. Mas isso me deu mais pulso pra melhorar e não me deixar abater. E surgiu a oportunidade de fazer alguma coisa com a coordenação de eventos. Não foi só uma coisa minha, mas um grupo foi conversando e quando vimos já tinha um grupo legal pra fazer a coisa funcionar. Tivemos apoio dos sindicatos, do sindicato dos bancários apoiou bastante o cd. Na verdade todo o projeto é com a ajuda do sindicato, pelo menos nos dois primeiros (Gusmão, 2012).

Gusmão, a partir desta experiência conflituosa, passa a desenvolver projetos com músicos locais e é destes que recebe o reconhecimento de sua atividade na rádio, além do apoio de alguns sindicalistas que “bancam” sua permanência na rádio.

⁶⁶ Sindicalista à época coordenador geral da rádio. Não participa há alguns anos da rádio e do sindicato da alimentação, pois foi trabalhar em outra ocupação como autônomo.

⁶⁷ O projeto *Arte Daqui* produziu três CDs com músicos locais, sendo o primeiro produzido em 2005.

Para os mais jovens é a necessidade de reconhecimento público interno à rádio por parte dos sindicalistas, que representam as lideranças e militantes ideais e externamente, ou melhor, na rádio, por meio do entendimento e expressão de que fazem parte e são militantes e, mais importante, necessários no sentido que sua atuação é necessária para a produção do espaço político no qual estão inseridos, o que vem a ocorrer pela reprodução dos valores transmitidos pelos militantes mais experientes e assim consolidando o *habitus* do espaço.

Quando estava na faculdade, Mari fala como era importante participar dos debates do IMA e conversar com o professor Renato “de igual para igual”. Narra um momento em que pensava sair da rádio⁶⁸, e conversava com uma amiga sua sobre isto.

...e aí eu falo dessa pessoa que quando eu falei isso ela: “*Não, tu não pode sair da rádio*”. Aí eu perguntei: “*Por que não?*”. E ela disse: “*por que tu é uma últimas salvaçãoes da rádio, tu tens que ficar*”. É uma pessoa assim, dos movimentos. Ela falou isso: “*Tu precisa ficar, se tu sair vai ser uma perda*” (Mari, 2012).

O entendimento de importância para a rede e/ou organização deve ser expresso por alguém que faz parte do grupo e que compartilha os códigos sociais sobre a compreensão do que é significativo ou daqueles que são categorizados como antagonistas. A própria Mari se lembra do passado da rádio, quando ela “incomodava” o pessoal da prefeitura e do Diário Popular, e que era reconhecida por estas pessoas como sendo “daquela rádio que fala mal da gente”.

A retribuição pode se dar também pela ocupação de espaços representativos na rede de militância, consolidando um currículo para o indivíduo em que a experiência pode ser transferida para outras esferas, pela conversão do capital militante em capital profissional.

Assim, entre os novos aderentes é a possibilidade de ser reconhecido como um

⁶⁸ Tema a ser abordado nos processos de desengajamento.

integrante do grupo, ter seu trabalho aceito e valorizado, além da ocupação de cargos que se percebe o incentivo necessário à manutenção da militância.

5.2.4 Retribuição: de voluntários para assalariados

O reconhecimento público pelo papel desempenhado na rádio é importante, mas não é o suficiente para a manutenção dos militantes após algum tempo de adesão. Isto é verdadeiro no caso dos mais novos e mais velhos, com exceção dos sindicalistas que têm sua remuneração oriunda de sua atividade sindical. É regra que todos, exceção feita aos operadores de som Joca e Maurício, tenham realizado trabalho voluntário na emissora inicialmente. Antônio falou longamente sobre como foi voluntário no princípio da rádio, assim como Seu João. Os mais jovens também passaram por um período de voluntariado inicial. Tal etapa apareceu como regra para a maioria absoluta dos militantes presentes na emissora como uma forma de demonstrar que não está de antemão interessado na remuneração, mas sim na causa da rádio, o que vem a configurar aquilo que Bourdieu denomina como *ato desinteressado*. Daniel expressa o sentido deste ato.

E quando eu começo a me envolver com a rádio cada vez mais, e a conhecer as pessoas e a criar um carinho pelas pessoas... eu penso: "*Bah tche... isso aqui... imagina eu poder aliar isso aqui com uma remuneração*". Comecei a achar aquilo ali o máximo. E aí me envolvi intrinsecamente com o 'troço'. Acho que é por aí essa questão de como é que eu me enquadrei (Daniel, 2012).

Com o passar do tempo para que seja possível a manutenção destes militantes é necessária a remuneração, principalmente entre os mais jovens que começam a preocupar-se com seu sustento. O voluntariado persiste, via de regra, até o momento em que o militante comenta necessitar da remuneração para ter que se sustentar de alguma maneira. Também ocorreu o convite nos casos em que existiam vagas remuneradas na estação, seja como estagiário ou assalariado. Airton, à época coordenador de finanças, me disse que a rádio contava com quatro funcionários, que recebiam o piso de radialista e dois estagiários. Ainda, é possível que se mantenham esses militantes através de

trabalho remunerado em alguma outra organização na qual algum integrante da rede social trabalhe.

Diversos desses jovens foram mantidos pela rede de ativistas. Alguns que não tinham remuneração na rádio passaram a produzir o jornal de um sindicato ou foram realizar alguma tarefa no IMA, além de outras organizações que fazem parte desta rede.

Já há sete anos na rádio, Mari compreende que permanece principalmente por necessidade financeira, mas que não é a única razão, havendo também o sentimento de obrigação moral. Tal obrigação também lhe restringe, ou ainda, restringe as possíveis alternativas que compreende ser legítimas como fonte de trabalho e renda.

No início do ano de 2012 recebeu um convite de militantes profissionais do partido PC do B para ser assessora do possível candidato à Prefeitura Municipal de Pelotas por esta sigla. Seria responsável pela edição de matérias escritas pelo candidato, além de ser sua porta-voz junto à mídia local, entre outras atribuições que requeriam que se tornasse pública a sua participação. Houve um envolvimento inicial, mas lhe foi informado que teria de ter envolvimento total com a campanha, tendo de “mostrar a cara” como figura atrelada a tal sigla. Receberia um valor financeiro seis vezes superior ao que recebe atualmente na rádio, me disse.

É comum que os colaboradores desta sigla sejam também filiados, coisa que Mari teria que fazer também. Ela recusou a oferta em função de ter de priorizar este trabalho e ter de tornar pública sua participação na campanha de tal candidato. Mari disse que se sentiria constrangida de trabalhar na rádio, que tem um perfil plural e ao mesmo tempo representar uma sigla em específico, mesmo que vinculada a um partido considerado de esquerda, dentro, portanto, do espectro de colaboradores da rádio. Disse lembrar de uma cantora local que era frequentadora dos círculos sociais militantes e que costumava ir à rádio. Quando essa cantora decidiu participar da campanha de um ‘prefeiturável’ ficou, desde então, estigmatizada por tal participação, ainda mais por ser este candidato do partido DEM.

Esse caso ilustra que receber maior remuneração para os envolvidos no ativismo não os levará para outra ocupação que percebam ir contra seus princípios e valores do

grupo. Paulo ao comentar sua passagem na rádio comenta:

...era mal remunerado – diga-se de passagem. Mas a gente sabia que era mais do que salário, a gente estava ali aprendendo e contribuindo de fato. A relação do trabalho, a visão produção, trabalho e renda é diferente quando a gente é seduzido por aquilo ali a gente faz de coração (Paulo, 2012).

Como dito anteriormente sobre a necessidade de Daniel de pagar os estudos, logo depois com a indicação de seus companheiros de programa, Daniel conseguiu um estágio na Rádio Federal FM, com a indicação de uma sindicalista que é apoiadora da RádioCom.

Percebe-se então que a garantia de condições mínimas em termos financeiros para a manutenção destes militantes é uma estratégia fundamental para a continuidade da organização quando há a etapa inicial de voluntariado e quando estes indivíduos ainda estão ligados de maneira orgânica à rede ativista e também quando há o sentimento de cumprimento de ideais, o que vai se expressar num sentimento de compromisso para com os demais integrantes da rede e para com a organização.

5.2.5 Compromisso: “A rádio é como um irmão ou um filho!”

Já integrando a rede e participando de maneira continuada da rádio, a visão de mundo e relevância da participação nos espaços militantes se faz um aspecto importante na biografia dos sujeitos envolvidos. O reconhecimento, a manutenção de laços de amizade e a possibilidade de retribuição pelo trabalho se mostraram fundamentais para as fases iniciais e de participação em momentos de ascensão do movimento, principalmente para os mais jovens. Já a noção de compromisso geralmente é mencionada quando os indivíduos sentem-se, por diversas razões, já desestimulados para a participação.

Uma das características da rádio é a rotatividade de pessoas e a concentração das

responsabilidades em pessoas chaves, que se tornaram referência dentro do grupo. A participação na rádio, para estes, passa a ser encarada como um trabalho, uma tarefa a ser cumprida e que é mantida pelo sentimento de compromisso para com os demais integrantes da rede e também para com a rádio, o que pode ser verificado pela participação nos cargos de coordenação que via de regra acabam sobrecarregando com responsabilidades estes sujeitos.

Os coordenadores da rádio são eleitos em assembleias, realizadas bianualmente, para a qual são convidados todos os produtores dos programas e também ouvintes. A participação nas duas últimas assembleias que acompanhei (2011 e 2012) ficou restrita a alguns sindicalistas, poucos produtores e o pessoal que trabalha na rádio. Esses poucos que vão às assembleias, como diversos integrantes me relataram, são sempre os mesmos, havendo pouca renovação nos últimos anos.

Airton, já há algum tempo em cargos de coordenação, em diversas situações me relatou que não gostaria de permanecer com esta tarefa, como ele denomina. Disse que seu envolvimento geralmente traz inúmeras responsabilidades, tendo de resolver as questões legais da rádio, conseguir dinheiro para pagar eventuais multas e “dar jeito de pagar o pessoal”.

Na assembleia são indicados os nomes para ocupar os cargos de coordenação, sendo Airton um deles. Não havendo mais ninguém disposto a ocupar esta posição, aceita-a novamente. “Se eu não pegar, ninguém mais faz.” Mesmo não estando cotidianamente na rádio procura ir eventualmente e também resolver os problemas de pagamento e demais “complicações” que a rádio possa trazer. Em entrevista Airton comenta estar cansado da função, como segue:

Ricardo: Tu comentavas há um tempo atrás que andava meio cansado dessa função. Tu continuas assim?

Airton: Continuo. Eu continuo cansado por que na verdade tu me perguntou no início se foi adiante aquelas nossas discussões que tu participou ⁶⁹. Aquilo não evoluiu. Por quê? As pessoas foram cuidar da sua vida. Como eu sou diretor eu não ia tocar sozinho aquilo, se tivesse outras pessoas junto comigo eu tocava. Tem que administrar a rádio. Na verdade tem uma direção de sete pessoas, mas na verdade talvez a gente ainda não tenha encontrado a forma ideal de trabalhar coletivamente as coisas. Porque acaba um ou outro ficando, porque tem uma identificação maior com a rádio, tem a consciência da importância da rádio e de alguma forma vão se mantendo. O que eu posso dizer é o seguinte: Eu dentro das minhas possibilidades eu vou seguir, na medida do possível. Não tem por que eu chegar agora e dizer: Não vou fazer mais nada agora. Se de alguma forma eu ficar impossibilitado de seguir na rádio eu vou sentir muito, mas eu vou tocar a minha vida. Mas enquanto eu tenho uma certa disponibilidade e eu considero o sindicato como parte da minha atividade profissional eu vou levando. Não vou dizer: Não vou mais por que simplesmente não quero mais. Se daqui a pouco eu não conseguir fazer as coisas eu não vou ficar chorando. Se na rádio por acaso as pessoas começarem a não haver pessoas dispostas a trabalhar... eu não tenho nenhum problema. Eu vou sentir muito, mas fazer o que? Se a rádio acabar... eu vou levando do jeito que dá. Tem muita gente envolvida. Vou levando até onde dá.

Mesma situação é a de Gusmão. Em entrevista, me disse que está estudando e com dificuldades de horário para conciliar a faculdade e o trabalho. Nesta mesma assembleia é indicado para ocupar o cargo de coordenação geral. Argumenta que não gostaria de fazê-lo pelas razões indicadas acima e pede que alguém mais ocupe tal cargo. Pede a outros sindicalistas presentes, mas nenhum aceita. Alguns lhe dizem que já ocuparam este cargo antes e que não o fariam novamente, razão pela qual aceita ser coordenador geral.

Diferentemente de Airton, Gusmão é presença diária na rádio. Procura acompanhar alguns programas e também faz reuniões com produtores e também com outros colaboradores da rede para conseguir recursos para a estação, para organização de

⁶⁹ Airton refere-se a reuniões que chamou e convidou-me para sugerir soluções a problemas legais e técnicos que a rádio enfrenta.

atividades, como a festa de aniversário ou a realização de algum festival com músicos locais. Mesmo alegando as dificuldades de conciliar horários, diz que não consegue se afastar por “sentir uma obrigação, como se fosse com um filho”. Há um reconhecimento dos demais participantes da emissora sobre a atuação destes indivíduos. Paulo, sobre a época em que atuou na rádio, observa:

São poucas pessoas, no final era o Airton que tocava a parte de finanças, o Ciclano que participava da parte de coordenação técnica e por último o Renato que tocava toda a programação. Uma pessoa pra cada tema desses é pouquíssimo; sem investimento e essas pessoas tendo que atuar nas suas bases militantes [...]. Poucas pessoas, que não estavam com tempo só pra tocar aquilo ali (Paulo, 2012).

5.2.6 Lideranças exemplares: o militante ideal

Reconhecidos pelos demais como exemplos, especialmente pelo seu capital político e militante, os militantes, em especial os sindicalistas, serviram como um espelho exemplar sobre condutas e formas de agir dentro da rádio. Há, sobre eles, uma cobrança sobre a atuação que é exigida na estação e também é transferida para as demais esferas de vida.

Diferentemente dos demais integrantes, estes permaneceram maior tempo vinculados à rádio, se não dentro dela, acompanhando-a e auxiliando em algum momento. Esta participação mais longa faz com que seu ativismo se dê na forma de uma obrigação ou compromisso, sendo desgastante pelas cobranças de presença constante na rádio e como encarnação de autoridade que “dê a linha” e ofereça segurança aos participantes. Mari me fala sobre a presença dos “fundadores” na rádio quando começou a participar.

...eu acho que é um fator muito importante é o seguinte: os fundadores da RádioCom, no período que eu acho que ela era melhor, eles eram sujeitos que eram protagonistas na programação da rádio. Tinha o Cláudio, que é um dos fundadores, que era o cara que estava de manhã e mesmo que não estivesse de tarde, ele estava ouvindo de tarde, e as vezes de noite e nos finais de semana. E todos que faziam programa sabiam que existia o Cláudio, isso faz com que se tenha uma militância maior. Por que um dos fundadores está ali te influenciando o tempo inteiro, tu acaba pegando aquele espírito bem ou mal, de militância. Tu tinha... o Paulo pra mim é uma referência também de cara que é militante, entende... Ele não fazia aquilo por ser um bom comunicador como ele é, ele também tem um jogo político no que ele fala, no que ele escolhe, no que ele reproduz, na maneira como ele está falando e aquilo era uma espécie de militância, entende... Tu tinha um Gusmão muito mais ativo na programação [...]. Tu tinha o Renato lá atrás que tinha uma força maior do que tem hoje, no sentido de tesão pra fazer as coisas. Então... isso que eu sigo assim... tu tinha pessoas que sofreram questões da rádio junto com a rádio, pensaram a rádio, projetaram a rádio fazendo programa contigo, produzindo, te dizendo que tu tem que ir na rua (Mari, 2012).

Mari oferece elementos para pensar o que são estas representações. Quando comenta de Renato, fala após ele ter decidido afastar-se da coordenação de programação, alegando problemas pessoais. Antes dessa decisão, enquanto o acompanhei na rádio era, a todo momento, demandado como sujeito que representava a emissora. Tal tarefa há alguns anos era de Cláudio, mencionado por diversas pessoas como o sujeito que dava orientações políticas, entendia de comunicação e acompanhava e produzia a programação diariamente. Paulo também fala sobre o papel de Cláudio na rádio:

Eu acho que uma pessoa que faz muita falta na rádio é o Cláudio; por que o Cláudio tinha um entendimento de comunicação mais aprofundado e ele sabia onde queria chegar. Ao passo que a maioria das pessoas está ali por que gostam de rádio e não tem objetivo específico. O Cláudio tinha um entendimento maior de política e sabia que aquilo ali iria dar um resultado determinado pra política, pra macro política (Paulo, 2012).

Comenta que com ele e com Renato passou a compreender melhor a política e comunicação, e com eles começou, de certa forma a desempenhar o mesmo papel de auxiliar no controle da programação:

Na rádio era um laboratório. Se a gente quisesse fazer um programa só de música a gente fazia. O Renato não iria ligar pra dizer: “Estás fazendo um programa só de música hoje”. Não. Ou fazer um programa só temático sobre um artista. Nunca iria ligar e criticar se a gente fizesse uma coisa dessas. Mas se a gente falasse de uma pessoa que tivesse uma aparição política, um peso político da cidade que não fosse muito de acordo com a rádio ele iria entrar em contato; o papel dele era esse. Inclusive eu fiz esse papel com ele inúmeras vezes com pessoas da rádio. Por exemplo, o Bernardo de Souza (PPS - prefeito eleito em 2004), que foi ovacionado uma vez na rádio por uma pessoa que eu não lembro o nome. A gente entrou em contato e disse, a gente não faz as vezes do PT e do Marroni aqui, mas trazer o Bernardo pra ser ovacionado na rádio não faz parte da matriz que fundou a rádio. Eu inclusive fiz esse papel. Eu fui também um pouco dessa mão da rádio que determinou um pouco da linha dela. Claro que em menor grau, era tudo de acordo com o que o Renato pensava na época, eu estive ao lado dele. Por que ele era o cara do sindicato, então essa relação de poder sempre se deu assim: Os sindicatos sempre determinaram o conteúdo da rádio, a linha da rádio. Como eles não tinham condições de pessoas e de tempo pra tocar com a vida diária de 24 horas, eles convidaram pessoas do meio cultural e foram essas pessoas que deram outros sabores à programação a rádio (Paulo, 2012).

A autoridade dos sindicalistas aparece na fala de Paulo e de outros integrantes que são colaboradores ou que trabalham na estação, tanto pelo seu papel na manutenção financeira quanto da produção da programação e como fonte de inspiração para a militância. No entanto esse protagonismo positivo é realçado sempre como uma virtude passada, não mais existente. Servem, ao que parece, como um mito fundador ao realçar o papel como “fundadores” da RádioCom numa conjuntura de mobilização ascendente e parece ter sido substituído por uma percepção negativa do presente momento, o que leva à situações de desengajamento por alguns ativistas.

5.3 – Desengajamento

O processo de desengajamento - assim como aqueles de adesão e engajamento - tem sua fonte nos aspectos externos à organização, considerando-se a conjuntura do cenário político e cultural e processos de mobilização em nível macrosocial e relacionam-se, necessariamente, com os elementos internos à organização e que dizem respeito, na fase de desengajamento, à redução da atração dos estímulos emocionais e financeiros, assim como na percepção da falta de efetividade da organização para atender à pauta inicial. São processos necessariamente relacionais e mutuamente determinantes para a história da organização.

São, portanto, imbricados os elementos macro, meso e microsociais, pois a trajetória individual está inserida na conjuntura, que por si orienta as ações dos demais indivíduos na rede militante e, conseqüentemente, afetam a percepção do indivíduo acerca daqueles à sua volta. Sendo o ambiente de confronto com um antagonista sublimado ou substituído por um processo de institucionalização das pautas de forma a torná-las negociáveis e havendo a troca de atores políticos no cenário político, há uma reconfiguração de estratégias que levam a uma mudança nos sujeitos que participam dos movimentos sociais e também dos discursos políticos.

Assim, a percepção que o combate à injustiça que o levou à organização não traz resultados; a noção de que não recebe retribuição suficiente pelos seus esforços; a quebra da visão ideal dos objetivos e dos sujeitos à sua volta são alguns dos elementos que compõem este processo.

Dada tal situação, persiste a militância por alguns em razão da manutenção do habitus adquirido no ativismo continuado⁷⁰, tornando-se parte dos aspectos relevantes da biografia do indivíduo. O processo de desengajamento na rádio se dá levando tais aspectos em consideração. Alguns sentem-se compelidos à participação, mas o fazem de maneira esporádica. Outros afastam-se definitivamente e procuram outros espaços em

⁷⁰ Ou ainda pela necessidade de tirar deste espaço seu sustento.

que podem aplicar elementos apreendidos na sua participação na rede militante. Também há casos em que há um afastamento e retorno, que muitas vezes é de curta duração. A seguir apresento alguns aspectos observados que levam ao desengajamento, a começar pelo sentimento de rotina.

5.3.1 Rotina: “...a relação está muito fria...”

Renato, antes de avisar seu desligamento aos demais integrantes da rádio, comentava comigo: “Cara, é só incomodação...”. Ia todas as manhãs para ajudar na produção do *Contraponto* e também era demandado a resolver problemas que diziam ser comuns, como: arbitrar conflitos entre Valéria e Fabrício, que produziam o programa; receber pedidos de verba para alguma atividade e problemas jurídicos da rádio, o que o levou a afastar-se dizendo já ter contribuído. Também Airton, ao declarar que “vai levando enquanto pode”, alega serem sempre os mesmos problemas, “coisas para resolver”. Ambos, em diversas situações, explicaram-me que a participação na rádio deixou de ser um prazer de passou a ser um “trabalho”.

Gusmão, que já havia dito que permaneceu na coordenação da estação por sentir-se comprometido com o projeto, fala que busca trazer os antigos militantes para dar novo ânimo à programação e compara a participação na rádio a um relacionamento afetivo.

Estou trazendo algumas pessoas lá do começo da rádio, quando tinha aquela coisa de militância, de tesão mesmo, sabe? Por que a rádio no começo era tesão né cara. Pô a rádio, era uma coisa nova. Depois parece uma coisa que nem casamento. [...] ...aquele tesão passa, a coisa fica meio comum, fica meio... rotina. E parece que a rádio se tornou isso aí com o passar do tempo (Gusmão, 2012).

Gusmão expressa o desejo de trazer as pessoas do início da rádio e, por extensão, reviver a conjuntura daquele momento, encarnando nessas pessoas a possibilidade de mobilização que caracterizava o período inicial.

É possível verificar em Gusmão e em outros militantes que o engajamento continuado leva a uma percepção de desgaste pessoal na continuidade da participação ao celebrar o passado, no período inicial da adesão, como o melhor momento de participação e um desejo de retorno a esta fase.

Em entrevista, Mari, assim como Gusmão, fez esta relação com o passado, comentando que sua relação e a dos demais era melhor na fase inicial do engajamento. Envolvida com o IMA e com a RádioCom como militante, voluntária inicialmente, passa a trabalhar para ambas. Na RádioCom é assalariada e no IMA é responsável pela comunicação de um Ponto de Cultura sobre militantes estudantis no final da ditadura militar, sendo remunerada por isso também. Vê a diferença no seu envolvimento percebendo que hoje há uma relação que compreende ser mais “burocrática”, pois tem de realizar tarefas, cumprir prazos, dando um sentido de obrigação.

...eu sou meio saudosista de um tempo que não é tão distante. Eu acho que o IMA e a RádioCom antes eram mais militantes do que hoje. Não sei por que, talvez por que hoje eu seja funcionária da RádioCom e hoje eu seja contratada do IMA, diferente de antes (Mari, 2012).

Soma-se a esta percepção de mudança de militante empolgada para militante remunerada, cumprindo tarefas, a compreensão de que o alcance da rádio e a capacidade de mobilização já não são mais os mesmos do passado, pois não “incomodam” mais como antigamente, assim como o entendimento de que não conseguirá alcançar as pessoas, constatação que fez na participação continuada.

A RádioCom batia de frente, chamava os caras, temiam a rádio. Se os caras não temerem, se não tiver nada, não vale a pena fazer uma rádio só de música lado b em que três ou quatro de esquerda concordam. Eu acho que não faz sentido. Eu acho que vai continuar a hegemonia do Diário Popular, eu acho que a Globo vai continuar sendo poderosíssima, coisa de primeiro mundo mesmo, comandando todos; [...] Essa fala desse velhinho me marcou muito. Foi num dos primeiros

seminários de formação e ele falou: - “você são uma radiozinha, você não vão democratizar nunca. A Globo sempre vai comandar por que ela é poderosa, ela é estratégica, se você só falarem pra você mesmo vai ser um grupo de universidade que vai ficar debatendo Marx dentro de uma sala de aula. Não vai mudar nada”. E eu concordo com ele, infelizmente. Eu falo que a RádioCom democratiza, e democratiza mesmo. Democratiza o meio, o movimento cultural, traz as coisas, muitas bandas tomaram uma proporção legal por causa da rádio, [...]. Mas é muito pouco, é muito pouco, é muito pouco. Tem uma RBS em Pelotas, tem outras coisas muito maiores. Se quer disputar como ela diz que vai disputar a hegemonia tem que ser maior do que isso. Tá muito pequena. Acho que já foi melhor. No passado ela causava.

Ricardo: Por que tu acha que era melhor no passado?

Por que tinha referência militante. Tinha um cara lá que estava... eu não estou dizendo nem o Cláudio, eu estou dizendo inclusive o Renato. O Cláudio principalmente. Mas é isso, outras pessoas. Se nós tivéssemos atualmente um Lauro, pra mim muita coisa já estava diferente, por que o Lauro tem uma trajetória política muito interessante, entende... Só que não, a gente não tem o Lauro lá dentro. Mas seu tivesse um Lauro provavelmente seria mais interessante. “Didi é importante falar isso e isso”. Quando eu for entrevistar o secretário tal vai o Lauro, talvez fosse mais interessante do que eu. É isso que eu acho que perdeu, e por isso eu acho que a rádio se enfraqueceu, por que as gerações não estão sendo formadas, não estão sendo formadas. E aí eu falo do Daniel. Por que o Daniel teve uma formação excelente por que ele teve lá no berço. (Mari, 2012).

Além da rotina, processo que se desenvolve com a continuidade da organização para além dos momentos de mobilização, há uma percepção de que as relações estabelecidas dentro da rádio, especialmente considerando as demandas feitas pelos que detém autoridade neste espaço, são injustas, pois não atendem às necessidades dos engajados, tema a ser apresentado agora.

5.3.2 Mais-valia militante: “...é como se fosse uma empresa.”

A remuneração dos envolvidos com a rádio, em 2012, era o piso de radialista, correspondendo a R\$ 600,00 para uma jornada de cinco horas de trabalho. Esta proposta de remuneração é a mesma da fundação da RádioCom e traz a idéia de isonomia de ganhos entre todos os participantes na perspectiva da aplicação de igualdade de direitos. Também, como afirmou Airton, é o possível pagar dadas as condições financeiras da estação e dos sindicatos envolvidos, principais financiadores dos custos da estação.

Por parte dos operadores de som nunca ouvi qualquer reclamação sobre os ganhos, situação diferente dos estudantes universitários que, com o passar do tempo e próximo ou após finalizarem seus estudos, viam a remuneração como insuficiente. Os estudantes que acompanhei eram oriundos da Comunicação Social, como exceção de Paulo que começou o curso, mas não o finalizou, e demandavam o piso da categoria de Jornalista.

Diogo, um dos primeiros estudantes, permaneceu na RádioCom ainda por algum tempo após formar-se, mas considerando o salário insuficiente para suas necessidades, foi à procura de emprego como jornalista. Antes, pediu que lhe aumentassem o tempo de trabalho para que recebesse o piso de sua categoria, de aproximadamente R\$ 1.200,00 à época, o que a estação não poderia arcar naquele momento. Foi trabalhar por um período numa rádio comercial conhecida ⁷¹ como jornalista de rua, acompanhando pautas políticas, na qual ficou pouco tempo. Depois desta experiência, que lhe desagradou, foi trabalhar na seção Estadual da Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (ABRAÇO) onde recebia uma remuneração que lhe possibilitava arcar com seus custos e trabalhar com o que desejava.

Paulo, que participou durante aproximadamente cinco anos como voluntário na

⁷¹ A razão de sua saída se deu pela sua posição a respeito de uma pauta. Numa dessas entrevistas, foi acompanhar uma ação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) que foram ocupar uma secretaria do Estado e ao comentar a ação do movimento, anunciou que estavam ocupando o espaço. Depois da entrevista, seu editor o chamou e disse-lhe que não falavam ocupação por ser jargão do MST, devendo-se falar invasão, o que Diogo se negou a fazer.

rádio, afastou-se por um período para realizar atividades remuneradas. Nesse período fazia a arte gráfica do jornal do Sindicato Bancários e recebia para tal tarefa. Por estar presente constantemente no sindicato, Renato lhe convidou a participar novamente da rádio.

Então o Renato me convidou e eu disse:” -Olha Renato, eu não tenho condições mais de trabalhar como voluntário num período de tempo. Se tu quiser que eu trabalhe num horário que eu possa, eu posso ser voluntário... Do contrário eu preciso sobreviver”. Eu não lembro quanto era o salário, mais ou menos R\$ 400,00; Acho. E ali eu voltei pra fazer o jornalismo da rádio. Eu fazia toda a produção de jornalismo das notícias, diariamente, e trabalhava de segunda a sábado (Paulo, 2010).

A sua segunda saída da rádio não ocorre por achar que recebia pouco, mas em razão de diferenças políticas com Renato, que o demitiu. Hoje, distante, diz compreender as razões para tal, mas reconhece que o pagamento era insuficiente para suas atividades.

Paulo traz a compreensão da impossibilidade de receber maior remuneração naquele espaço e que estava lá por ser algo prazeroso, pela militância, sendo impossível permanecer pela necessidade de maior rendimento. “Claro que depois a vida cobra da gente, que a gente priorize mais a questão financeira e a gente acaba indo por um outro caminho”. Visão mais crítica sobre as exigências têm Daniel e Mari.

Daniel separa sua participação na rádio em três períodos diferentes. O primeiro em que estava aprendendo com os demais sobre comunicação e iniciava os estudos na faculdade; o segundo, já envolvido com a rede e com a política procura permanecer envolvido, mas tendo de se preocupar com sua subsistência, e o terceiro, após ter concluído o curso de Mestrado em Comunicação e volta à Pelotas e começa a participar novamente da RádioCom.

No primeiro momento disse que trabalhava na rádio de forma voluntária e que não via, naquele momento, problema nisso. Fala que se dedicava a aprender os temas debatidos para poder contribuir nas pautas do programa *Contraponto*, sendo ele mesmo o

que mais se cobrava a respeito de seu engajamento em termos de conteúdos a estudar e tempo dedicado.

No segundo momento, quando tem de procurar ganhar algum dinheiro para pagar a faculdade, como exposto antes, ocupa-se de atividades remuneradas oferecidas pela rede de militantes. No entanto começa a perceber uma cobrança dos demais sobre a sua postura a respeito da rádio em razão de estar afastado.

Aí, depois da (Rádio) Federal, surgiu mais uma coisa. Daí começou a surgir mais coisas. O Pescador, jornal comunitário da Universidade (Católica de Pelotas), e o Beltrano (coordenador do curso de Comunicação Social da UCPEL) é ligado ao sindicato, e também é amigo do Renato, e daí acabei me envolvendo no jornal e ele gostou da minha participação e me ofereceu uma bolsa de editor adjunto, que me pagava um salário para coordenar o jornal e os estudantes que trabalhavam com sua edição. Eu aceitei, tinha uma bolsa, um estágio remunerado. Daí juntando as duas coisas eu estava com uma renda até que legal, só que eu não tinha mais tempo de ficar na rádio. Então comecei a ir duas vezes por semana, fazer o notícias ponto com. Daí teve uma situação com o Diogo que até foi engraçada. Comecei a participar de outras coisas, projeto de extensão na faculdade e estes outros trabalhos e o Diogo meio que começou a me cobrar algumas coisas, e a gente ate meio se desentendeu. Ele dizia: - Bah, tu não tá na radio, tu precisava estar na rádio. A gente precisava de ti aqui. Começou a me questionar quais eram minhas prioridades, me pressionar. Todo esse período a (namorada) me apoiando, no que eu estava fazendo. Daí essa foi a segunda fase na rádiocom, que eu tinha outras coisas que me remuneravam e acabei me afastando. Mas ainda tinha um envolvimento com a radio. Mas fui me afastando, me afastando. Então teve uma fase que me afastei mesmo da rádio (Daniel, 2012).

Nesse período sentia a obrigação de participar das atividades da rádio, espaço em que originalmente inseriu-se no grupo, mas inviável pelas suas necessidades imediatas. Fica afastado pelo período do mestrado e quando retorna pede para participar novamente do *Contraponto*, solicitando que Antônio fosse reintegrado - pois havia sido demitido nesse meio tempo, uma das razões de ter ficado sem participar das atividades da rádio por esse período.

Consegue convencer alguns coordenadores da contratação de Antônio e começa a participar novamente da rádio, recebendo metade do piso de sua categoria para produzir o programa de notícias. Já mais crítico em relação ao trabalho na rádio, fala deste período de participação e em especial sobre seu comprometimento.

Eu faço uma coisa que eu não gostaria de fazer e estou lutando para não fazer. Eu queria que meu compromisso fosse o que o Antônio está estabelecendo, de ter todo o comprometimento naquele período que a gente tem que disponibilizar pra rádio, que é um comprometimento da prática, da pauta, do esforço para conseguir pauta, do discurso, ele é militante, mas na hora também de tu olhar para tuas necessidades pessoais, tu conseguir separar as coisas para não acabar sendo um cordeirinho e acabar fazendo as coisas de graça quando na verdade tu não ta nem sendo valorizado pelo que tu ta fazendo e tu não tem um retorno... Às vezes não é nem financeiro. Tu não tem um retorno nem de um deles dizer: - Bah cara, isso aí! Vamos lá, vamos conseguir. Tu ta fazendo uma coisa que vai mudar a conjuntura. Então eu acho que acabo fazendo mais do que eu deveria e me envolvendo para além do que eu gostaria. Não consigo sair da rádio ao meio-dia. Saio quase à uma hora. Fico, agora melhorou um pouco. Fico duas, três horas envolvido com a rádio. Então eu queria ter uma relação profissional com a rádio. Mas o meu comprometimento hoje é muito semelhante de quando eu entrei, só que com alguns cuidados até de quem se aproxima da rádio. De ser muito sincero com as coisas. De dizer para a pessoa: -Olha, a situação é essa. Se quiser ajuda, se não quiser não ajuda.[...] Então eu tento ser sincero para com quem chega até para saber com quem a gente pode contar na hora que eu sair fora.[...] O comprometimento que eu tenho com a rádio é militante porque eu to fazendo além do que me remuneram. Eu não vou ali e cumpro o horário. Daí ligou a Fulana lá e disse: - Ah Daniel eu to saindo daqui agora e to precisando imprimir umas coisas. Tu pode me esperar? Eu digo claro que espero. Daí chegam lá e dizem: - Bah Daniel estamos precisando fazer lá tal coisa. Que não é a função do jornalismo. O cara vai lá e fica. E eu não acho isso bom mais. Não acho: -Ah que bonito o que estou fazendo. Acho isso uma merda (Daniel, 2012).

Diferentemente de Daniel, Mari não se afastou da rádio, aonde trabalhou até o final de 2013. Comentado sobre o início de sua participação, Mari diz que participou da rádio por três anos como voluntária, pois, em suas palavras, “*é o tipo de coisa que eu acho que*

tem mais a ver com o que eu quero para mim como jornalista.” Para ela é uma questão de colocar-se à disposição sem a expectativa de um retorno monetário imediato, pois a causa é maior. Foi assim na rádio, no IMA, DCE e DA, considerado como ciclo inicial de sua carreira militante.

Além da rádio, também no IMA inicia suas atividades de forma voluntária, como “reuniões aos domingos de noite”. Sente fortemente a questão do compromisso, de uma obrigação quando uma pessoa de alguma organização lhe pede algo.

Mesmo que eu não receba me sinto na obrigação de fazer questões da minha linha por que eu faço parte do IMA, a relação que eu estabeleci com eles é maior, independente de ser contratada ou não. Eu estou lá, eu sou a única jornalista.[...] É como o Ciclano.. o Ciclano⁷² está lá e ele é sociólogo ele organiza questões relacionadas a linha dele recebendo ou não, ele sempre vai fazer isso; ele faz parte do IMA. Antes de ser pago pra ser o coordenador do (projeto) Memória e Movimento⁷³ como hoje ele é assalariado, entende... A minha questão é a mesma coisa[...] recebendo ou não do IMA. A minha relação com eles é mais ou menos essa. Tanto que o pagamento deles vai até outubro e termina, não é pra sempre (Mari, 2012).

Isso já gerou conflitos profissionais, em especial quando executavam tarefas pela cooperativa Rede que teve seguimento após a faculdade. Inicialmente serve como forma de acumular experiência profissional relacionada à atividade militante, compreendida como “entrega”, atividade desinteressada que se expressa em voluntariado. “Tinha muita coisa voluntária. Na verdade tratando-se de militância a Rede foi um bom espaço.”

Com o passar do tempo passam a desenvolver atividades remuneradas e uma delas era a realização de filmagens para o Sindicato da Alimentação de Pelotas - para a produção de um programa semanal, de duração de meia hora - a ser transmitido na televisão comunitária da cidade e na *web*. O contato para a realização deste trabalho foi Lauro.

⁷² Integrante do Instituto Mário Alves. Atualmente professor de sociologia da rede Estadual de ensino.

⁷³ Projeto de Ponto de Cultura sobre integrantes do movimento estudantil da época da ditadura militar coordenado pelo professor Rafael e que conta com recursos do Governo Federal para sua execução.

A produção deste programa semanal possibilitou que houvesse um fluxo constante de caixa para a cooperativa, juntamente com outros projetos. Mari narra seu trabalho e dos demais cooperativados junto a esta organização que coloca em questão novamente uma fronteira entre a entrega e compromisso com grupos com estas características, ou como se coloca, **pela causa**, e quando é o trabalho com obrigações pré-definidas.

O programa conta com entrevistas e matérias externas, em que acompanham atividades diversas do sindicato e muitas vezes exige-se que o jornalista designado para a produção do programa tenha que se envolver durante um dia inteiro, pois trata de uma mobilização do sindicato, algum embate político ou até mesmo viagem em que precisam estar envolvidos. Mari coloca que é difícil que seu contratante – no caso de fazer parte das relações militantes de outros espaços, como a rádio ou o IMA - perceba a diferença entre quando se estabelece uma relação profissional e quando se é uma parceria política. Não se percebem como clientes, mas como parceiros em um sentido ideológico, e neste sentido se veem no direito de cobrar a entrega total do jornalista a alguma demanda que tenham, desconsiderando o contrato profissional estabelecido em termos de horário.

Por que não tem como, como... parceiro, né. Não tem parceria política. Não é uma questão profissional, tu é, para eles, uma parceria política. Tanto que a gente tem conflitos absurdos com os nossos clientes, não pode nem falar essa palavra por causa disso. Por que tu tem uma confiança política (Mari, 2012).

O mesmo ocorre, por exemplo, quando foram contratados por outro sindicato para a produção de um jornal impresso. Ficaram responsáveis pela edição de uma quantidade determinada de notícias e os contratantes lhes exigiam o dobro. Assim, Mari reclama que percebe a contradição da causa destes sindicatos, que lutam por melhores condições de trabalho, mas não percebem que acabam, muitas vezes e sem se dar conta, reproduzindo o que lhes aflige.

Então azar que eu esteja em uma campanha salarial, seja meia noite fazendo protesto. Por que é minha parceira política, é de esquerda também, ideologia, entende... eu vou ligar pra ela e ela vai vir. Só que quando tu começa... [...] aí

quando tu começa a colocar antes da tua profissão, né... Pô...mas antes de ser ideológica... a gente fez uma campanha salarial interessante, numa greve é importante, antes eu estudei pra isso, antes eu sou jornalista. Então confunde um pouco. E a gente hoje não está querendo muito, eu pelo menos, falo como Maria Bonita e não tenho nenhum problema em dizer isso... em fazer trabalhos pra o que vier. No sentido de tu me contratar. Tu é uma pessoa e me contrata como assessora, ou tu é uma empresa e me contrata... não tem essa...(Mari, 2012).

A forma que encontrou para resolver “mistura” de papeis foi a extinção da cooperativa e sua transformação em empresa, de maneira a deixar precisa a distinção dos compromissos. Hoje, mais cética em relação às obrigações militantes, não vê problema em prestar serviços para quem quer que seja, desde que fique claro que presta o trabalho não como militante, mas como jornalista.

Estas constatações são feitas geralmente contra os sindicalistas a quem exige-se uma postura exemplar por serem considerados como lideranças e exemplos, característica a ser abordada a seguir.

5.3.3 Lideranças não tão exemplares: do ideal ao real

A convivência duradoura e continuada na rádio com as lideranças, em especial a dos sindicalistas que são cobrados enquanto tais, reduz o impacto positivo de motivadores para o ativismo e que eram consideradas como modelo ideal a ser seguido por uma expectativa que era, na maioria das vezes, criada pelos ativistas à sua volta.

Há para tais lideranças, uma cobrança na conduta que deveria ser exemplar e leva a uma situação paradoxal. Observei que quando presentes são criticados por alguns como tendo uma postura autoritária e, quando não estão na rádio, são criticados pela ausência e portanto falta de orientação para os demais, sendo cobrada a sua maior participação no dia-a-dia da organização. Tais cobranças para este grupo desgastam sua participação, que de “prazerosa” passa a ser percebida como “trabalhosa”. Para os demais ativistas, a quebra da imagem ideal deixa de ser um atrativo ou modelo ideal, o que com o tempo passa a ser razão para buscarem afastarem-se.

Mari, que comentou a necessidade da presença destes militantes, cita principalmente Cláudio, mas disse que falou com ele pouquíssimas vezes, pois quando aproximou-se da rádio ele já não estava mais presente. Já afastado há anos, é constantemente lembrado como exemplo a ser seguido, pois à época que estava presente a rádio “tinha uma linha” e era uma pessoa que se podia confiar. No entanto, enquanto esteve presente, até aproximadamente 2005, era constantemente criticado por ser muito “estalinista”, categoria utilizada para denominá-lo como autoritário, pois estava sempre acompanhando a rádio e dando orientações aos presentes – conforme pude perceber em minhas observações. Dizia-se que quando ligava para a rádio, era o “telefone vermelho” que chamava para dar orientações sobre o que dizer ou não.

Lauro, citado por Mari, é outro sindicalista fundador e remanescente, participando eventualmente de cargos da coordenação. Sua participação é pontual num programa aos sábados e também como comentarista de política no Contraponto nas terças-feiras e nas assembleias. Mesmo assim é cobrado por não estar frequentemente na rádio.

Airton, responsável pelos pagamentos, é criticado por intervir demais na contratação e demissão do pessoal da rádio, ou melhor, por não esclarecer as razões para tais decisões que não são, como percebi, somente dele. Não está cotidianamente no ambiente, pois Mauricio que vai diariamente à estação lhe passa as demandas que deve atender. Antônio, demitido por decisão de sindicalistas, comentou sua saída.

Eles deveriam ter, obviamente no entendimento deles, acredito que alguma maneira de eu me conduzir ali no programa não deveria agradar, só que eu nunca fui chamado, esse é o grande... eu nunca fui chamado. Nunca, nunca. Pelo contrário, tudo muito bem, tudo... e depois eu vi que o negócio é muito isso. Por que as pessoas encontravam na rua e me perguntavam: “por que o Antônio saiu?”. Um deles, um dava a resposta. Passava um tempo e eu ficava sabendo. Passava um tempo e outra pessoa perguntava e dava outra resposta. E tudo vago, assim. Uma vez o (professor e ouvinte do Contraponto) manifestou a estranheza da minha saída e disseram que o Antônio estava pegando muito pesado. Aí disseram que eu estava pegando muito pesado, que eu estaria reverberando muito. Eu não entendi muito o ‘pesado’ por que na verdade a pauta, até pelo conhecimento político dos caras... a pauta... como vou te explicar... a

pauta era ditada muito pela questão do local... eu não sei. O que eu vi disso tudo, Ricardo... É que tinha uma questão pessoal ali, não sei por que, motivada porque, mas também acho que a minha forma de conduzir não estava agradando, mas o fato de eu nunca ter recebido uma orientação, isso é uma coisa complicada, não dá pra entender. Acho contraditório, são pessoas que são sindicalistas, são pessoas que a princípio são defensores de trabalhadores, bem contraditório achei. São pessoas que se colocam no campo da esquerda, que em princípio tem uma outra forma de agir. E alguns que na época se omitiram dessa questão toda, e se omitiram mesmo que eu sei (Antônio, 2012).

A reclamação de Antônio traz a cobrança sobre a postura ideal que considera a franqueza e cobra uma posição “de esquerda” dos sindicalistas. Mais, compreende que sua demissão foi injustificada por se dar em razão de diferenças pessoais e não políticas, além de perceber que se deu por não ser formado, elemento que acredita não deveria ser aceito neste espaço.

E eu percebi que ele meio que ficava incomodado com o fato de eu estar conduzindo o programa. Mas isso era uma percepção e eu sentia no ar alguma coisa, um incômodo por ele estar do meu lado. Eu fiquei sabendo que aqueles programas especiais que a RádioCom faz em anos de eleição, no dia da eleição, fechava as urnas e o pessoal se reúne na rádio pra fazer um especial sobre eleições. E ele era convidado pra ir. E eu fiquei sabendo que ele dizia: “eu só vou se for eu o condutor do programa”. Então juntando... então teria que ser ele o condutor. Então juntando isso que eu ouvi com mais isso que eu sentia eu percebi uma certa animosidade, eu não sei o que passava na cabeça dele, se era isso mesmo. Eu sou jornalista, sou formado e esse cara aqui feito a facção. Um programa que aparentemente pra nós era um programa bem sucedido, acho que tínhamos a ideia que era, sempre tivemos, pelo retorno que se tinha na rádio. Então eu acho que aí era coisa pessoal, e essa pessoa foi ativa, ele foi participante ativo no meu afastamento (Antônio, 2012).

Assim como Airton, Renato esteve presente até 2011 rotineiramente. Disponibilizou-se a ser o responsável legal pela rádio, o que lhe gerou problemas em diversas situações. Também foi produtor dos programas de notícias e auxiliava no

restante da programação, sempre dando ênfase ao papel da cultura para politização. Decidiu-se pelo seu afastamento, pois ia à rádio somente para resolver “problemas”, como me disse à época. Tinha de arbitrar as brigas entre integrantes do Contraponto e também produzi-lo, construindo a pauta diariamente. Também era comum que fossem até ele solicitar recursos para algum evento cultural, pois fazia parte da direção do sindicato dos bancários. Em diversas situações iam até ele fazer pedidos, e alguns se dirigiam ao “dono da rádio”, o que negava de forma peremptória.

Também era um dos mais criticados. Ao anunciar sua saída, diversos integrantes da rádio foram reclamar com ele que não poderia fazer isso, que “os estava abandonando”, considerando-o egoísta. Também ouvi que Renato costumava “fazer a cabeça das pessoas” e de favorecer alguns em demérito de outros, tanto por razões partidárias quanto por amizade.

Gusmão, mesmo presente desde o princípio e sendo constantemente citado como o sujeito que apresentou a rádio e convidou algum programador a participar, parece não ser reconhecido como liderança no mesmo grau dos sindicalistas. Eleito para coordenação geral, passa a ser o principal representante da rádio e responsável pelas decisões. Mesmo com a atribuição deste *status* presenciei mais de uma situação em que alguém, seja participante da rádio ou algum integrante da rede próxima, pedia para falar com Renato, que era visto como “o cara da rádio”. Avisados de que agora era Gusmão o coordenador, insistiam que queriam falar com Renato. Este, incomodado, saía em defesa de Gusmão, dizendo que era a ele quem deveriam procurar a partir de então.

Mesmo não sendo reconhecido como liderança no mesmo sentido dos demais, recaí sobre Gusmão uma série de críticas. A principal é a de ser muito autoritário, essa crítica vem, inclusive por parte de Renato. À época do aniversário da rádio organizou-se uma programação com shows e bazar de trocas. Gusmão ficou como principal responsável e solicitava a todos em sua volta medidas para garantir o evento. Solicitava que Mari entrasse em contato com as bandas, aos sindicalistas algum dinheiro para pagar o equipamento de som. Quando me encontrava na rádio, perguntava-me se eu poderia levá-lo a algum lugar para tratar com o proprietário do local aonde se realizaria o evento. Sempre preocupado com a concretização das propostas da rádio, como este evento ou a busca de recursos para dar continuidade à rádio, busca colocar a todos “no

compromisso”, e passa a ser visto como “centralizador” ou “estalinista”.

Mesmo assim, não é considerado como um dos responsáveis pela rádio por não ser sindicalista, categoria que, para muitos, centraliza o poder de decisão de fato por “bancarem” a estação. Paulo, ao falar sobre a continuidade da rádio ao longo dos anos, me diz:

Eu acho que uma das questões é por ela ser bancada até hoje pelos sindicatos, por um grupo de sindicatos, isso foi o trunfo e a tragédia dela. Porque ao mesmo tempo que impulsionou um projeto maravilhoso, sim sem dúvida nenhuma, que vai ficar pra história de Pelotas; também ajudou a atrofiar. Por que chegou a um ponto em que foram chegando pessoas, que foram se formando pessoas que foram atuando os sindicatos não deixavam que essas pessoas determinassem mudanças (Paulo, 2012).

Aos ausentes cabe a responsabilidade de não estarem na rádio para auxiliar na “formação” e em “dar a linha” e aos presentes recai a pecha de autoritários, centralizadores ou como fonte de decepção, e independentemente da condição é reconhecido pelos demais o poder que esta categoria tem para a (re)produção do espaço. O envolvimento gera cobranças para os que se colocam como figuras relevantes ao campo. Essa distinção entre categorias, em que se atribuem a cada grupo determinadas características e representações sobre si e sobre os demais, constitui o campo militante ou estrutura, elemento a ser abordado a seguir.

5.3.4 Limites estruturais: observando o *habitus*

A rádio está imersa numa rede de sociabilidade que denominei como militante, tendo essa organização, assim como algumas outras, como o IMA, originado-se no ano de 2000 e contando em si com a participação de indivíduos que compreendem-se como de “esquerda”, participantes de sindicatos, organizações não governamentais, partidos de esquerda (PT, PSB, PC do B, PCB), autonomistas e anarquistas, compondo um bloco que surge em contraposição ao período neoliberal e que resulta, em 2002, com a eleição de Lula. Este é o aspecto macroestrutural e temporal na qual a RádioCom está inserida.

Dentro da organização existem duas formas de participação: os ativistas, que adotam uma visão de mundo compartilhada pelos demais integrantes da rede militante (não sendo necessariamente homogênea dada as características diversas das organizações que compõem a rede) e que dão maior importância aos aspectos militantes nas demais esferas da vida, e aqueles que categorizei como caroneiros, sujeitos que não participam da rede, mas utilizam o espaço para divulgar tema de seu interesse mas que não destoam do propósito da rádio.

Detive-me na primeira categoria para a análise do espaço dado que sua imersão é mais intensa e são os que produzem de fato a estação e “alimentam” a organização com novos militantes e caroneiros ao produzirem novas interações e contatos para a rede ao recrutarem pessoas em outras esferas da vida.

Considerando a forma militante de participação como a que detém o privilégio da produção do espaço, as distinções internas à categoria militante auxiliam na compreensão do posicionamento dentro do campo e considera a posse de capitais diferentes para suas localizações e diferenciações, em especial os capitais militantes, políticos, econômicos e culturais. Tais características vão determinar a localização, participação e compreensão sobre os demais integrantes do espaço.

O capital político é percebido na rádio como próprio aos sindicalistas que trazem uma autoridade de seus sindicatos e também como coordenadores da estação, resultado de voto em assembleia. A esses também cabe o papel de liderança e de sustentação da rádio, pois é deles a responsabilidade do pagamento da estrutura e do pessoal. Tais responsabilidades passam a ser vistas como obrigação por parte dos demais integrantes da rádio e acaba sendo encarada como tal por tais agentes. Dois deles, que tive a oportunidade de acompanhar por maior tempo, relatavam constantemente um cansaço, como expus anteriormente, pelas cobranças que recebiam e que acabavam encarando sua participação como “obrigação”.⁷⁴ Além das obrigações da estação chegavam a eles

⁷⁴ Relato de um afastamento: Março de 2011, quando Renato avisa que irá se distanciar:

No final do *Contraponto*, Renato disse que faria uma reunião com o pessoal do jornalismo – Fabrício, Valéria e Seu João – porque o ambiente andava meio tenso. A reunião foi feita na entrada da rádio

demandas de outras organizações da rede militante em razão de sua representação dupla (rádio e sindicato). Tal percepção do espaço faz com que passem a participar de forma distante, o que causou em alguns um sentimento de abandono, em especial por parte dos mais jovens que reclamavam da necessidade de “formação”, resultado de suas práticas nos sindicatos e vida partidária.

Também alguns destes sindicalistas cursaram Comunicação Social, o que lhes permitiu intervir com um capital cultural na produção da rádio. Deste último, oriundo do espaço acadêmico, foi possível recrutar novos participantes para a rádio.

Os jovens estudantes ingressam na rádio e começam a adotar a visão de mundo

e eu fiquei na sala dos computadores, mas o Renato disse q eu passasse p sala com eles. Na reunião disse que passaria a área de jornalismo para o pessoal, pois ele estava sobrecarregado com isso e queria dar maior atenção para outros projetos – na área cultural do sindicato e da cooperativa de comunicação. Disse que queria que resolvessem a tensão que andava entre eles, e que eles se responsabilizariam sobre fazer as matérias, procurar pauta e que ele ficaria mais na coordenação, pois já estava há muito tempo na atual função de buscar notícias e que era hora de eles começarem a fazer isso.

Ressaltou que eram socialistas, o que notei ser um atributo necessário para a confiança em montar as entrevistas externas, o que não acontecia com as informações internas, buscadas em uma lista de fontes confiáveis. Renato ressaltou a importância de dar mais de si, que era preciso se organizar, se mais comunista (colocando certa ressalva no termo) no sentido de organizar-se e como era importante evoluir, procurando sempre pesquisar. Falou que ficaria mais na coordenação para que pudesse desenvolver estes outros trabalhos no sindicato, o que não conseguia fazer, pois tinha que trabalhar à noite procurando notícias. Falou para eles que o que acredita ser a comunitária esta próximo da concepção de Gramsci em relação à cultura.

Após a reunião me contou que está cansado, pois está há seis anos direto na rádio e que acha que deve se renovar e que é um grande projeto. Fala que já ajudou bastante e que outras pessoas deveriam colocar o nome.

Mais tarde, no mesmo dia, numa reunião para organização de um seminário, disse que este deveria ter um caráter organizativo, para as pessoas se conhecerem e também o projeto da RádioCom, em especial aqueles que vão somente uma vez por semana para produção de seus programas. Seria um momento para as pessoas se conhecerem e reforçar a identidade da rádio. Renato fez a observação de que era chamado de stalinista a questão de quem não participava de reuniões (3 consecutivas) da rádio teria seu programa cancelado.

Nesta reunião novamente puxou o assunto da radio, de estar cansado de estar na coordenação, que quer fazer outras coisas porque está muito preso. Quer dar maior atenção a cooperativa e fazer um mestrado, e que fica tudo em cima do nome dele.

Depois, em outra reunião, desta vez na cooperativa, Renato falou que teve uma discussão com o Gusmão e que “teve que dar umas reais para ele”. Gusmão reclamava que ele havia abandonado a radio, no que retrucou que não era bem assim, pois seguiu a bronca por anos, inclusive quando não era coordenador geral, mas de programação, e que estava diariamente lá e que tem vários processos sobre ele. Comentou que alguns falam que ele trocou a radio pela cooperativa e estariam reclamando disso. Sobre isso ele disse que estes que reclamam não pensam em ter várias fontes de oposição à direita, que a radio seria uma, mas poderia haver várias outras.

dos demais integrantes da rede militante e pela participação passam a (re)produzir capital militante, resultante da adoção e prática destes valores, além daquele capital em construção na academia. Daniel comenta a participação na rádio como um processo de aprendizado, em que se “... *entra meio cru ali e aos poucos vai sendo cozido e aprendendo as coisas aos poucos ali. Só que aí vai te abrindo os horizontes*”.

O processo de aprendizagem da militância é concomitante com o cultural e findada a formação acadêmica muitos passam a perceber os limites de ocupação dentro da rádio em termos de possibilidade de atuação e posicionamento dados os limites de remuneração na rádio sem o comprometimento deste espaço, o que os faz considerá-lo como um momento de transição em sua biografia individual. Também percebem que o ativismo concorre em termos de ocupação do tempo para a formação profissional. Paulo faz uma auto-reflexão sobre sua trajetória.

Depois, um período depois; não sei se isso importa para tua pesquisa; depois eu tive que correr atrás em termos de conhecimento e leituras, por que eu investi uma boa parte do meu tempo e das minhas leituras nas questões políticas e militantes. Depois eu vi que isso no mercado da docência na minha área me cobrou muito isso. Claro que muita coisa eu aprendi, não é exorcizar a política, mas eu sei que ela me cobrou um tempo e me deu também muitos ensinamentos que eu uso pra fazer a regência de uma sala de aula, por exemplo, e que isso é muito importante. Tem sempre que balizar, o tempo que tu investe na política e na militância no tempo que tu investe na tua carreira profissional. Muitas pessoas eu percebo isso, saem da política ou da militância colocando a culpa no tempo que investiu. Tem que correr atrás. Talvez se as pessoas, de um modo geral, participassem da política e sempre reservassem o seu lugar, tempo pra sua vida pessoal, talvez nunca deixassem da política (Paulo, 2012).

Já tendo adotado a visão de mundo oriunda da participação na rede militante e tornando-se esfera significativa de sua biografia, buscam aplicar os conhecimentos adquiridos na rádio e na rede em atividades profissionais futuras, convertendo o capital militante em profissional, caso de Paulo que disse aplicar o aprendizado em sala de aula, Mari que vai trabalhar numa empresa de comunicação prestando serviços para sindicatos e profissionais ligados à rede militante ou Daniel, que vai fazer seu mestrado sobre

comunicação para trabalhadores.

Já formados e com a percepção de transição de sua participação na rádio, e de posse dos capitais culturais e militantes, adotam uma percepção diferenciada dos demais integrantes da rádio, em especial daqueles que detêm somente o capital militante e passam a perceber que a rádio é um local privilegiado para a atuação destes agentes e dos sindicalistas. Daniel, que volta à rádio após concluir o mestrado, convence a coordenação da RádioCom que Antônio deveria voltar ao *Contraponto*, o que é aceito.

Este novo momento de Daniel na rádio é compreendido por ele como um período de transição, para “arrumar” o programa que estava somente leitura de notícias, tentando reviver um período de militância ativa. Percebendo haver críticas de Airton e Renato à volta de Antônio, que fora demitido por ambos, Daniel diz que este espaço é próprio para Antônio, que teria um “perfil” para estar na rádio. Diz isso ao comentar que este espaço não é mais para ele, pois quer fazer o doutorado, ser professor e “alçar novos vôos”. Também comenta a postura de Seu João, que em sua opinião “tem limitações” na comunicação, pois tem dificuldade em falar algumas palavras e se utiliza de jargões que são impróprios, como dizer a todo o momento que “é uma questão de cidadania”.

A formação acadêmica, que em outras rádios comunitárias não é colocada em questão, na RádioCom fez-se presente especialmente depois da repercussão de que o diploma em Comunicação Social não seria mais necessário para exercer a profissão de jornalista ou comunicador. Muitos militantes da rádio engajaram-se para que houvesse a obrigatoriedade da formação acadêmica, denotando a importância deste capital para estes sujeitos.

Seu João, que havia ido à Porto Alegre para estudar em sua juventude, não pode fazê-lo por receio de seus pais de ser perseguido pela ditadura militar e, após este período, já tendo constituído família, deixou este desejo de lado. Antônio comenta perceber uma diferenciação no tratamento “por ser formado a facão”, mas vê importância nesta formação.

... eu não tenho a formação, não consegui ter, aconteceram algumas coisas curiosas na minha vida que eu ainda não consegui ter a formação que os meus colegas estão tendo, eu continuo não sendo jornalista. Embora já vários me dissessem, o Renato já me disse uma vez. [...] Disseram: - Para com essa bobagem, tu já nasceu jornalista. Embora eu saiba, e sei no rádio aí, no rádio em Porto Alegre, sei conheço, pessoas que estão na volta dos seus 70 anos e que têm 40 ou 50 anos de rádio, que são jornalistas, chamados de jornalista e que não cursaram a universidade. Pessoas altamente capacitadas, eu os conheço, escolhas politicamente deles, mas sei da capacidade dos caras, são uns monstros; sei disso. Mas eu continuo dizendo que eu pretendo fazer uma formação por que por mais que alguém me fale mal da formação e desqualificam os nossos cursos eu não me convenço disso e não quero me convencer, por que acho que uma formação teórica ajuda. Depois tu pode desenvolver o teu trabalho da tua forma. Dar vida, no dia-a-dia, e eu sei disso e todo mundo fala que a prática é uma coisa e a teoria é outra, mas eu quero fazer. Eu cheguei próximo a fazer de novo. Quando começou o contraponto, efetivamente, que essa gurizada que está formada hoje, Mari, Daniel, o Renato, o Airton. Eu pensei: - Agora vou junto também. Fui fazer o Enem, fiz o Enem depois de 30 anos sem tocar em livros, fiz o Enem, até não me saí tão ma[...]. E no fim a (esposa) ficou grávida [...]. E ela cursava Química na época, aí me 'quebrou as pernas'. Deixei prá lá. Deixei pra lá, a gurizada entrou, foi fazendo o curso e eu sempre junto com eles (Antônio, 2012).

Busca minimizar esta carência pelo reconhecimento de colegas ao seu trabalho, incluindo Daniel, seu maior defensor, e exemplos de outros comunicadores que também não tem a titulação, mas que desempenham a profissão, além de uma expertise que foi forjada na prática.

Eu participei de muitas atividades na rádio, atividades de transmissões externas, eventos protagonizados pelos sindicatos, transmissões de marchas de Porto Alegre eu era escalado pra ir. E o período que a RádioCom participou da Feira do Livro foi muito rico, durante 2 ou 3 anos; ativamente lá na Feira do Livro. Eu uma vez me vi numa mesa, mediando um debate com três jornalistas renomados aqui da cidade, conhecidos, com capacidade, com conhecimento, muito mais conhecimento que eu. Aquela situação se apresentou pra mim, ela se apresentou, não fui eu que busquei ela, e eu tive que pensar rapidinho e tive que encarar (Antônio, 2012).

Mesmo não declaradamente, os capitais simbólicos têm um papel fundamental para o posicionamento dos militantes dentro da organização, sendo o cultural uma forma de recorte que possibilita a transição para outros espaços. Tal mudança ocorre também em razão do envelhecimento dos jovens universitários que passam a ter outras responsabilidades, como se verá a seguir.

5.3.5 Constrangimentos biográficos: “ela não gostou muito que eu voltei para a rádio.”

O processo de afastamento em razão dos constrangimentos biográficos é mais facilmente perceptível nos mais jovens por estarem em um processo de transição de tipos de compromisso familiar. Tal suporte ou inexistência de crítica para o envolvimento militante aparece como fonte importante para o ingresso no ativismo nesta fase da vida. Da mesma forma a saída do ativismo pode se dar também por tais razões. No entanto, entre os mais jovens, apareceram outras razões.

Foi visto anteriormente no caso de Mari que seus pais não se opunham ao seu envolvimento. Solteira e residindo com familiares, seu afastamento não é resultado de pressões conjugais, mas de seu desejo de fazer um Curso de Mestrado, realizar outras atividades profissionais e viajar, o que a leva a afastar-se no final de 2013, deixando a seguinte mensagem:

Encerro meu ano e meu ciclo em volta desta mesa, microfones, discos, amigos e ouvidos. Cúmplices e testemunhas de uma trajetória de oito anos. RádioCom, minha maior escola. Me escolheu e me acolheu desde menina e fez eu ter a deliciosa e apaixonante certeza de que eu escolhi a profissão que, em meio ao caos deste mundo, ainda consegue me dar coragem para levantar da cama e fazer o carinho e companhia de cada ouvinte. Já guardo comigo lembranças e certezas de que o caminho se constrói através da utopia que nos faz, apesar de tudo, caminhar em frente. Hoje, com a voz um pouquinho engasgada – porque ela terá de se acostumar a ficar longe do microfone, disse um “adeus” com sabor de “até logo” – porque para a RádioCom não existe adeus. Saio com a certeza de que aprendi, ensinei e vivi. Saio com a certeza de que, de algum modo,

Paulo sempre teve apoio de sua família para atuar na militância, e ajudava-o a justificar sua participação por seus primeiros empregos serem resultado deste envolvimento. Decide afastar-se por ver que os compromissos da militância, em especial da partidária, dão poucos resultados práticos, caindo no que denomina de “reunionismo”, além de que este envolvimento reduz o leque de possibilidades de estabelecimento de laços com pessoas de partidos diferentes.

Só quando eu saí... na verdade eu não saí do partido, eu não saí do PT, eu não participo; mas só quando eu deixei de participar é que as relações humanas se tornaram mais tranquilas. Isso também contribui pra que as pessoas se afastem da vida política. Por que eu prefiro ter um leque de amizades maior, hoje, do que participar de uma organização partidária. Isso acabou me afastando um pouco também da vida partidária (Paulo, 2012).

Daniel tem sua segunda saída da estação por razões familiares e acadêmicas. Com a mesma companheira desde o período do curso de graduação, ela apoiava no início de seu engajamento, como exposto anteriormente. Quando passam a residir juntos, os compromissos financeiros começam a pesar-lhe e passa a sentir a cobrança de sua namorada. Preocupa-se, portanto, com o sustento do casal e também em possibilidades de ocupação que não venham a comprometer sua visão de mundo.

E isso é o que dá um conflito com a (namorada), porque ela me diz que eu sou um trouxa. Tipo, ela fala: Pô, tu sabe que a sociedade é assim. Tu tem que fazer o teu. Agora mesmo, a gente está saindo de lá de onde a gente tá (refere-se à mudança de residência). E aí? Vamos comprar alguma coisa? A renda agora é ridícula. Em Porto Alegre a gente esteve só com a minha bolsa (de mestrado). Depois os dois estavam com bolsa. Lá era uma condição e agora é outra. Hoje com setecentos pila em casa é uma condição. Com mil e quatrocentos e mais a renda dela seria outra condição. Então a (namorada) enxerga isso de uma forma mais prática e eu, sinceramente, eu quero isso, só que é a contradição do dia-a-

⁷⁵ Postado no *Facebook* em dezembro de 2013, na sua despedida da RádioCom.

dia. Como conseguir as coisas, e aqui em Pelotas as coisas são foda, pra colocar a cabeça no travesseiro e ficar com a cabeça pesando.

Em 2013, Daniel foi aprovado em um curso de Doutorado em Comunicação Social com bolsa, então passa a dedicar-se integralmente nesta atividade.

Também Renato, figura central da rádio, passa a sofrer um desgaste pessoal com esta representação e em 2011 avisou que iria retirar-se para poder dedicar-se a outras atividades.

Seu João, casado, tem na rádio uma fonte de rendimento, tendo ainda a possibilidade de complementá-la com a busca de anunciantes. Tem carteira assinada pela atividade, assim como os demais operadores de som. Disse que faz o que sempre quis, trabalhar com rádio e na RádioCom foi-lhe dada tal oportunidade.

Gusmão, solteiro, segue sentindo-se responsável pela rádio e, portanto continua na coordenação geral. Permanece na busca da conciliação do tempo entre trabalho, estudo e militância.

Àqueles que denominei de caroneiros não existe tal empecilho, ainda mais no momento atual em que a rádio encontra-se legalizada. Como seu envolvimento é mínimo e pontual, não se considera o elemento “constrangimento biográfico” nesta modalidade de participação, salvo no caso de haver incremento de intensidade do envolvimento.

Estes exemplos ilustram a relação existente entre o tempo biográfico e o conjuntural para determinar os caminhos de uma organização política. Aqueles que permanecem na rádio o fazem por se sentirem profissionalmente realizados e também por que vêem no seu trabalho o objetivo final, não existindo nenhuma forma de empecilho biográfico para que permaneçam participando.

Os jovens expressam as transformações biográficas por que passam novos aderentes e como o *ethos* militante fixa-se em suas trajetórias e como a organização oferece limites ao desempenho do ativismo ainda mais se relacionado ao acúmulo de

capital cultural advindo da academia, assim como as transformações pelos quais passam em suas vidas privadas, gerando novos tipos de compromissos que passam, muitas vezes, a competir como o ativismo que não dê nenhum retorno financeiro.

Os sindicalistas são expressão fenomênica da passagem do tempo de um tipo particular de sindicalismo, que compreendia-se novo e que é atrelado ao bloco da frente popular, relacionando a conjuntura de “institucionalização” da política que não deixa muitas perspectivas de ativismo fora destes moldes para aqueles que pretendem permanecer vinculados aos seus sindicatos, dado que a maioria de seus pares é pertencente das agremiações partidárias petistas ou similares.

CONCLUSÃO

Militantes não nascem prontos. São construídos processualmente na interação com outros sujeitos já colocados em uma rede de sociabilidade entre grupos políticos. Contesta-se, assim, duas visões sobre o tema. A primeira é um entendimento ultrapassado, que compreende a mobilização em grupos de contestação como característica comportamental desviante, anômica. A segunda é uma visão romântica, de sujeitos que já estariam predispostos à militância, o que não deixa de ser um desdobramento da primeira versão, com tons menos normativos. Esta última, no entanto, foi percebida não como elemento de adesão, mas de continuidade do engajamento quando já introjetado o *ethos* e não deve ser descartada como razão da continuidade. Ambas perspectivas já foram debatidas no capítulo teórico, mas trazem à tona a interpretação do processo de engajamento numa perspectiva psicologizante e a - histórica destes sujeitos.

Este trabalho buscou identificar os elementos pertinentes para a formação de um *ethos* militante, não o ancorando em premissa psicológica, mas como resultado, conforme exposto, de processos de socializações específicos. Estes são a chave para o entendimento daquilo que singulariza os indivíduos investigados, constituindo suas trajetórias, considerando o tempo de engajamento, características geracionais e o momento histórico em que as produzem.

Dada a constituição da relevância do *ethos* ativista, há uma tendência à transferência de elementos da política para outras esferas sociais, o que vem a alimentar uma rede de sociabilidade que se faz presente em diversos momentos de sua interação social cotidiana por um determinado período de suas vidas. Nesse caso, a rádio aparece como um espaço de pertencimento continuado significativo e teve maior relevância para alguns sujeitos que iniciavam ou intensificavam suas trajetórias em determinado período histórico e denotando oportunidade estrutural diferenciada.

Essa oportunidade, para muitos, foi a RádioCom, que surgiu com um bloco histórico que se contrapôs ao neoliberalismo e trouxe em si movimentos sociais que se

autointitulavam (sem considerar que eram necessariamente homogêneos) como de esquerda e continham em si uma série de partidos também definidos enquanto tal. No período de sua formação, o governo é de FHC; e o PT - assim como outros partidos do que era denominado Frente Popular - era mais ativo do que os próprios agentes denominavam como movimentos sociais, como MST, MNLN, ABRAÇO e demais organizações, incluindo as locais, como IMA ou CEA, com maior quantidade de integrantes ligados ao PT, e outras organizações não governamentais locais que faziam parte desta rede sem, necessariamente, contar com filiados.

Compreendendo a atividade militante como multiplexa, os indivíduos da rede atuavam nessas organizações e eram também integrantes de partidos políticos, não havendo, à época, uma atuação única. Eram, em sua maioria, atividades ligadas a essas organizações, servidores públicos, sindicalistas e profissionais liberais.

Mais importante, havia uma ação em bloco ao criar um frame interpretativo de que havia um antagonista comum, o “neoliberalismo” e FHC no plano nacional, e internacionalmente contra o Banco Mundial, FMI e satélites dessa política. No Estado do Rio Grande do Sul havia o governo de Olívio Dutra (1998 – 2002), e no município de Pelotas, era Fernando Marroni (2000 – 2004), ambos do PT, que eram tidos, por vários integrantes da rádio, como governos a serem defendidos, considerando como repertório de ação a apologia a estes governos e o embate aos demais através das organizações militantes.

No entanto, ainda nesse período, a ação dos integrantes da rede, que dividiam as práticas entre institucionais, como aquelas internas ao governo, o que se deu pela ocupação de cargos representativos, e de outro lado, a ação dentro das organizações que eram tratadas como “movimentos sociais”. Pendia, prioritariamente, para esta segunda, pois esses governos, mesmo sendo “nossos”, não tinham a capacidade de intervenção do governo federal, por exemplo, razão para manter-se na ação reivindicativa por dentro dos MS.

Tal cenário de prioridade de ação modificou-se após a eleição de Lula em 2002, em razão da mudança da caracterização do antagonista e também da redistribuição dos agentes internos ao bloco, sendo a RádioCom uma das organizações integrantes. É

possível notar a mudança no discurso a respeito do tratamento do Governo Federal, dado que o PT passa a ocupar tal espaço. A noção de antagonista passou a ser difusa. Antes, se o agente era FHC, passou a ser “o capitalismo”, “a direita”, formulação que se faz cada vez mais complexa dado o arco de alianças do governo petista. O frame anterior foi desfeito, pois eleitoralmente o PSDB foi vencido e o PT passa a ser governo e assim, houve uma reformulação dos repertórios de disputa que passaram a pender para a ação dentro das instituições estatais.

Internamente, vários integrantes da rádio que eram mais ligados à ação partidária deixaram de participar da rádio e foram integrar o governo, priorizando a “ação institucional” ou como no caso de Cláudio, passaram a assessorar campanhas eleitorais e sindicais para seu partido. A relação partidária começou a aparecer como razão de distensão em diversas organizações locais da rede local de militantes. Os integrantes do IMA, formalmente integrados ao PT como uma corrente, saíram do partido, sem, no entanto, afastarem-se de sua zona de influência e passam a agir “apartidariamente” sem haver uma ruptura de fato com este partido.

O CEA, que tinha vários integrantes da corrente DS, após a participação de alguns destes indivíduos no governo municipal, foi dividido em duas organizações, uma “mais alinhada ao governo”, como comenta Paulo, e o CEA, que se mantém numa perspectiva de crítica em prol de suas bandeiras ambientais. As demais organizações satélites passaram a profissionalizar-se em disputa de projetos públicos, tornando-se “projeteiros profissionais” e concorrendo a quaisquer editais independentemente de seu conteúdo, ressignificando sua participação que passa de política para cultural de forma a não comprometerem-se com apenas um grupo ou partido.

Tal cenário e caminhos determinaram uma mudança de trajetória para novos militantes e também para os antigos. Os novos, em especial, universitários, costumavam integrar-se a partidos de esquerda e participar de movimentos sociais, como a rádio e outras organizações. Após as transformações da conjuntura macropolítica afastaram-se do envolvimento partidário mais intenso e procuraram participar dos movimentos sociais sem uma identificação mais intensa no caso dos partidos que compunham o governo, como PT, PC do B e outros.

Os sindicalistas, acostumados até o início dos anos 2000 com embates com o governo, com este novo cenário, e dado que os sindicatos do bloco de referência são em sua maioria absoluta cutista, salvo o dos docentes da UFPel, mas que não tem participação na rádio salvo apoio financeiro, passaram a uma via de negociação e aceitação da política econômica, o que resultou numa mudança de comportamento organizacional, mantendo mobilizações nas épocas de negociação salarial com o patronato de suas respectivas categorias sem vincular com uma política macroeconômica.

Em suma, o período de mobilização intensa do início dos anos 2000 foi substituído por um de estabilidade e aceitação do governo como agente componente do bloco histórico, ignorando algumas características que antes eram vistas como elemento de combate, como “contradições internas”. Um exemplo, no caso da comunicação comunitária, é a postura do Ministério da Comunicação que se recusa a receber representantes da ABRAÇO para ouvir a pauta das rádios comunitárias. Mesmo assim, em reunião sobre o tema, buscava-se como solução o contato com parlamentares petistas para convencer da importância da pauta.

Somado ao período histórico de estabilidade e conciliação, os sindicatos passaram a perder o poder de atração de novos integrantes e os que chegavam, na sua maioria, não se interessavam pela participação na rádio. Aqueles que cursaram Comunicação Social foram importantes enquanto produtores de um ciclo de recrutamento de novos ativistas do meio universitário, o que não se perpetuou e, portanto, não houve renovação da rede, elemento fundamental para recrutamento e adesão de novos integrantes.

Os entrevistados mais jovens escolheram não se engajar em partidos, com exceção de Paulo (até o momento que decide ser docente), e permanecer com a participação na rádio como elemento principal de militância. Os sindicalistas, mesmo que insatisfeitos com a conjuntura política, passaram a participar na rádio como se esta fosse um “trabalho” e, portanto, tornaram-se ausentes deste espaço. As interações informais dos antigos integrantes tornaram-se menos frequentes e portanto de menor relevância, e assim tornaram-se mais distantes, gerando a perda da força ou não reforço da participação através da manutenção de laços sociais.

Os novos universitários, que começam a participar da rádio a partir de 2011, são

oriundos de uma geração crítica ao PT e muitos identificados com o anarquismo, PSOL e outras organizações não familiares à maioria dos ativistas da rádio. O que encontram na estação não se relaciona de maneira integral com suas perspectivas políticas, ou melhor, fazem parte de um novo bloco político do qual aqueles integrantes antigos da rádio não participam, tanto em termos ideais, mas, principalmente, por não partilhar de espaços sociais comuns, razão pela qual não existe uma renovação nos moldes anteriores.

Ademais, em razão da perda de poder de mobilização do bloco histórico em que surgiu a RádioCom e também por se propor não formalmente, mas, significativamente, como componente ou apoiadora do governo, passou a não se comunicar com possíveis novos aderentes. Os estudantes que chegaram não puderam declarar de maneira aberta e frontal o Governo Federal como antagonista sob o risco de serem taxados de “direita” pelos já estabelecidos na rádio, o que fez com que não venham a aderir à estação. Mais significativo, além destes antigos não partilharem desta visão mais crítica, também não circulavam pelo mesmo meio social, não partilhando da rede de sociabilidade de forma plena, o que torna o contato entre estes militantes muito esporádico e simpático somente em determinadas situações, especialmente em embates locais. Resulta que estes sujeitos ao não categorizarem um adversário comum não constroem um *frame* que poderia dar coerência na produção de um diagnóstico que orientasse para a ação coordenada na forma de um prognóstico.

Nesse sentido, os sindicalistas que mantêm a rádio e que estão inseridos numa dada conjuntura em que muitos estão alinhados partidariamente ao PT, mesmo que se contraponham de alguma maneira a esta lógica dentro da rádio, dificilmente conseguirão por dentro da organização passar a uma perspectiva do novo bloco em razão de a RádioCom ser financiada pelos sindicatos cutistas. Ademais, dados os poucos incentivos simbólicos à sua participação continuada, como o não reconhecimento, cobranças e acusações de autoritarismo ou ausência tornam sua perspectiva em relação ao engajamento futuro e principalmente à política, cínica. Mantém-se na rádio por um sentimento de obrigação com a militância com base em suas visões de mundo construídas no ativismo, mas não tem esperanças de mudanças significativas no futuro em razão da percepção dos limites da rádio, dado o período em que estão ligados a ela, assim como na constatação de que suas participações partidárias não geraram as mudanças que eram propostas nos momentos de ascensão do MS da qual faziam parte

de maneira orgânica.

Assim, os elementos macrossociais – características do cenário político – estão imbricados com os mesossociais – funcionamento, organização e financiamento da estação – e microssociais – possibilidade de atração de novos militantes através de recrutamento, pauta e envolvimento emocional por razões apresentadas nas dinâmicas. Mesmo que o risco seja menor, não há motivação em termos de militância (pelo menos que a rádio possa oferecer) que se apresente para o engajamento de potenciais ativistas.

Mesmo com esses limites, mantém-se como local que permite a participação de propostas que não teriam espaço em outros meios de comunicação, buscando o que denominam como “democratização dos meios de comunicação” nos limites de sua estrutura. A crítica como elemento de disputa permanece na rádio, mas com uma capacidade mobilizadora reduzida e voltada contra a gestão municipal em especial, que atualmente é de responsabilidade do PSDB. Os elos de formação de frames são conjunturais e locais, mas possíveis.

Percebe-se assim a importância da consolidação de um *master frame* para a constituição de um bloco que venha a protagonizar embates políticos em determinada conjuntura. O caso estudado na tese se centrou num MS oriundo da primeira década do século XXI e que continha em si uma série de organizações que produziram uma série de enfrentamentos contra um adversário identificável pelos grupos em disputa. Isso deixa de ocorrer atualmente na RádioCom pois seu modelo de funcionamento não se adapta enquanto ferramenta de ação e atração de novos militantes com os desdobramentos práticos e opções políticas de ação daquele grupo.

Assim a RádioCom deixa de concentrar militantes que participam como protagonistas de enfrentamentos políticos contemporâneos e que tem função como recrutadores e lideranças ideais para eventuais aderentes. Estes deixam de ter uma relação orgânica com a rádio e esta deixa de ser referência como estrutura componente de uma rede social militante. Ressalta-se que a noção de MS como análoga à rede social, tal qual proposta por Della Porta e Diani (2006), são caras à interpretação analítica deste trabalho, pois percebe-se que é na rede propriamente militante quanto naquelas em que os ativistas participam é que surgem os aderentes. Se uma organização deixa de

participar do frame, não integra-se ao MS e deixa de atrair novos militantes.

Concluí que é a rede social que gera a adesão dos indivíduos, e é apresentada por um sujeito de confiança que vem a recrutar indivíduo que é inserido em redes de sociabilidade que contam com pessoas já adeptas da visão de mundo do MS. Tal MS é constituído por um frame e antagonista. Ao participar de maneira continuada do MS o militante irá consolidar uma visão de mundo, que se formará levando em consideração os elementos afetivos descritos, como a recepção, reconhecimento, sentimento de pertencimento ao grupo.

Outro elemento significativo para a aceitação inicial destes aderentes foi a aceitação por parte deles do trabalho voluntário, ou *desinteressado*, num sentido de que deve ser voltado para o público. Algo como um estágio para ver se o sujeito se adéqua aos valores da organização e do MS. No entanto não é algo que deva ser, necessariamente, permanente, pois levando-se em consideração o aspecto geracional e ocupacional (se jovens e estudantes, por exemplo), alguns passam a receber remuneração pela ação na rede militante como forma de sustentá-los neste espaço, não sendo este visto como um aspecto de desmerecimento pela sua atividade pelos demais.

Assim, o militante é o indivíduo que passa a participar de uma rede de sociabilidade que traz a temática política como foco de ação e constitui-se enquanto MS por colocar-se em ação contra um antagonista. Não participa necessariamente de uma única organização, podendo dividir sua atenção entre muitas das que estão contidas na rede. É atraído á militância, via de regra, pelo contato com algum sujeito “experiente” e que serve como exemplo de conduta e após ingressar na rede passa a ser incentivado a permanecer pela constituição de laços afetivos. Com a continuidade do ativismo passa a adotar a identidade social do grupo e (re)produz a ideologia de referência.

O processo de desengajamento se dá tanto pelos elementos geracionais, como o amadurecimento do ativista que passa a buscar novos espaços de atuação, quanto pelas mudanças do MS, que muda seu repertório de ação e readequação dos grupos que compõe a rede social de referência, o que repercute necessariamente nas características das organizações, como a permanência ou saída de integrantes e, assim, no fim de laços sociais pela dissolução de grupos informais que agiam dentro destes espaços. Muitos

deixam de ter um incentivo afetivo e tem como reforço para atuação somente a ideologia, o que pode ser reproduzido em outras organizações.

Estes elementos são constitutivos do ciclo de militância em diferentes períodos históricos, variando os elementos que formam os frames, organizações e a percepção do antagonista, assim como a estratégia de ação do MS o que distingue um período de outro.

Sobre a experiência dos ativistas investigados, percebi que aqueles que passaram pela rádio participaram de um espaço de formação rico em termos de diversidade dos militantes e de mobilização. E esta socialização deixou traços na biografia desses indivíduos, em especial daqueles mais jovens, que iniciaram sua trajetória militante na rádio, denotando que as diferenças de perfil passam por um recorte geracional. Muitos buscam, de alguma forma, noutros espaços sociais que venham a participar, dar continuidade à militância através de práticas que busquem converter o político em elemento preponderante na intervenção cotidiana. Essa foi a importância da RádioCom. Resta saber se permanecerá cumprindo esse papel, o que dependerá da capacidade de atração de protagonistas e da ressignificação de seu papel na conjuntura atual através da adaptação de seu frame e percepção do antagonista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMINZADE, Ronald...[ET.al] **Silence and Voice in the study of contentious politics.** EUA: Cambridge University press, 2001.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Ed. Boitempo; 2003.
- ASLANDIS, Paris. **Critical Review of Social Movement Literature.** University of Macedonia, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar. 2001.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** Petrópolis, Editora Vozes, 2002.
- BEVINGTON, Douglas & DIXON, Chris. **Movement-relevant Theory: Rethinking Social Movement Scholarship and Activism.** In: **Social Movement Studies**, Vol. 4, Nº 3, 185-208, dezembro 2005.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política.** 3ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BOLTANSKI, Luc e CHIAPELLO, Ève. **O Novo Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** 7ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O Senso Prático.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011a.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação.** 10ª ed. Campinas: Ed. Papyrus, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da Ação.** Campinas: Editora Papyrus, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A Ilusão Biográfica.** IN: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade.** São Paulo, Editora Paz e Terra, 2008.

- CHOSSUDOVSKY, Michel. **A Globalização da Pobreza: Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial**. São Paulo: Editora Moderna, 1999.
- CILTO, José Rosembach. **O Jornalismo nas Rádios Comunitárias**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 2006.
- CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. São Paulo: Edusc, 1999.
- DELLA PORTA, Donatella & DIANI, Mario. **Social Movements: an itroduction**. USA: Blackwell Publishing, 2006.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. **A Dinâmica da Cultura**. São Paulo: Cosacnaify, 2004.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. **A Pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas**. In: CARDOSO, Ruth. **A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. **Envolvimento e Alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- FILLIEULE, Olivier. **Propositions pour un analyse Processuelle de l'engagement individuel**. In: **Revue Française de Science Politique**. Vol. 51, 199-215, 2001/1.
- FLACKS, Dick. **A questão da relevância nos estudos dos movimentos sociais**. In: **Revista crítica de Ciências Sociais**. Vol 72, 45-66, outubro 2005
- FLINGSTEIN, Neil & MCADAM, Doug. **Toward a General Theory of Strategic Action Fields**. *Sociological Theory* 29:1 March 2011 2011 American Sociological Association.
- FONTES, Breno Augusto Souto Maior e STELZIG, Sabina. **Sobre trajetórias de sociabilidade: a ideia de relé social enquanto mecanismo criador de novas redes sociais**. In: **Política e Sociedade**. Nº 5, (1-21), outubro de 2004.
- FRISCHMANN, Nina Ellis. **McAdam's Process Model: The Emergence of Wicca as Social Movement in post-World War II British Society**. 2010.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.
- GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2009.
- GIRARDI, Ilza e JACOBUS, Rodrigo, organizadores; LIMA, Bruno ...[et al.] **Para Fazer Rádio Comunitária com "C" Maiúsculo**. Porto Alegre: Revolução de Ideias, 2009.
- GOLDSTONE, Jack A.; MCADAM, Doug. **Contention in Demographic and life-course context**. In: AMINZADE, Ronald R. Et al. **Silence and Voice in the study of contentious politics**. Cambridge University Press, USA: 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 9ª edição. São Paulo: Editora Loyola, 2011.

GRANOVETTER, Mark S. **The Strength of weak ties**. In: **The American Journal of Sociology**. Vol. 78, nº 6, 1360-1380, may, 1973.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1989

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992.

KOWARICK, Lúcio. **Escritos Urbanos**. São Paulo, SP: Editora 34, 2000.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LEAL, Sayonara e RIBEIRO, Lavina Madeira. **Mídias Alternativas e Esfera Pública: democracia e reconhecimento nas rádios comunitárias no Brasil e na França**. In: **Estudos de Sociologia**. Araraquara, v.12, nº23, p.65-96, 2007.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia: introdução à sociologia do conhecimento**. Porto Alegre: Editora Globo, 1952.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. São Paulo, SP: Grijalbo, 1976.

MATONTI, Frédérique e POUPEAU, Franck. **O Capital Militante: uma tentativa de definição**. In: **Plural – Revista de Ciências Sociais**. Vol. 13, 2006/2

MCADAM, Doug. **Political Process and the development of black insurgency, 1930-1970**. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

MCADAM, Doug. **Recruitment do hig-risk activism: the case of Freedom Summer**. In: **The American Journal of Sociology**. Vol. 92, nº 1, 64-90, jul. 1986.

MCADAM, Doug e PAULSEN, Ronnelle. **Specifying the relationship between social ties and activism**. In: **The American Journal of Sociology**. Vol. 99, nº 3. 640-667, nov. 1993).

MCADAM, Doug, TARROW, Sidney e TILLY, Charles. **Para mapear o confronto político**. In: **Lua Nova**. São Paulo, 76: 11-48, 2009.

MCADAM, Doug, TARROW, Sidney e TILLY, CHARLES. 2001. **Dynamics of Contention**. New York, Cambridge University Press. 2001.

MCADAM, Doug e TARROW, Sidney. **Ballots and Barricades: on the reciprocal relationship between elections and social movements**. In: **Perspective on Politics**. Vol. 8, nº 02, June 2010.

- MICHELLS, Robert. **Sociologia dos Partidos Políticos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- NEAL, Caren. **Political Process Theory**. In: **Blackwell Encyclopedia of Sociology**. RITZER, George. Ed. Blackwell Publishing, 2007.
- OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. **Significados e Usos sociais da Expertise na militância ambientalista**. In: **Avá** nº 15, 161-185, julho 2009.
- OLIVEIRA, Wilson. **Posição de Classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais**. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília, nº 3, 49-77, janeiro-julho de 2010.
- OLSON, Mancur. **A Lógica da Ação Coletiva: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais**. 1ª Ed. 1ª reimp. – São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 2011.
- ORTNER, Sherry B. **Poder e Projetos: reflexões sobre a agência**. In: **Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas**. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia, 2006.
- PASSY, Florence. **Socialization, Recruitment, and the Structure/Agency Gap. A specification of the impact of Networks on Participation in Social Movements**. Abril, 2000.
- PASSY, Florence. **Social Networks Matter. But How?** In; DIANI, Mario e MCADAM, Doug. **Social Movements Analysis: The Network Perspective**. Oxford University Press, 2003.
- PETRARCA, Fernanda Rios. **Carreira militante, inserção profissional e exercício do jornalismo no Rio Grande do Sul**. In: **Política e Sociedade**. Nº 13, 311-329, outubro de 2008.
- PETRARCA, Fernanda Rios. **Atuação profissional, recursos políticos e padrões de investimento no jornalismo no Rio Grande do Sul**. In: **Estudos de Sociologia**. Araraquara, v. 14, n. 26, p. 169-189, 2009.
- PETRARCA, Fernanda Rios e OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. **Experiências militantes, estilização da vida e ativismo ambiental**. V Encontro Nacional da Anppas, 4 a 7 de outubro de 2010. Florianópolis – SC – Brasil.
- PETROVIC, Igor; STEKELENBURG, Jacqueliën van; KLANDERMANS, Bert. **Political Socialization and social movements: escaping the political past?** 2013.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **Cilada das Diferenças**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- RENNÓ, Lucio R. **Estruturas de oportunidade política e engajamento em organizações da sociedade civil: um estudo comparado sobre a América Latina**. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, 21, 71-82, nov. 2003.

SEIDL, Ernesto. **Escolarização e Recursos Culturais na Composição de Carreiras Militantes**. In: **Cadernos Ceru**. série 2, v. 20, n. 1, junho de 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SNOW, David & BENFORD, Robert. **Master Frames and Cycles of Protest**. In: MORRIS, Aldon & McClurg, Carol. **Frontiers in Social Movement Theory**. New Haven: Yale University Press, 1992.

SOUZA, Maria Erica Santana de. **Redes Sociais e mediação no “movimento negro de Sergipe”**. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. 07 a 10 de Agosto de 2011 – Salvador, BA.

STEKELBURG, Jacquelin Van e KLANDERMANS, Bert. **Individuals in Movements: a social psychology of Contention**. In: Klandermans B, Roggeband CM (eds) **The Handbook of Social Movements across Disciplines**. New York: Springer, 157–204,

STEKELBURG, Jacquelin Van e KLANDERMANS, Bert. **The social psychology of protest**. Sociopedia.isa, 2010.

STEKELBURG, Jacquelin Van. **The Political Psychology of Protest: sacrificing for a cause**. **European Psychologist**. Localidade, vol. 18(4), 224-234, 2013.

TOMIZAKI, Kimi e ROMBALDI, Maurício. **Construindo a legitimidade: reflexões sobre as transformações das práticas de militância no movimento sindical**. In: **Proposições**, Campinas, vol. 20, n. 2 (59), 93-112, mai/ago. 2009.

TÖNNIES, F. **Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais**. In: FERNANDES, F. (org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Nacional/ Edusp, 1973.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz T. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9ª – Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2009.